



GUSTAVO ALMEIDA SOARES

**PEDAGOGIA DAS LUTAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS COM O TRABALHO REMOTO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA**

**LAVRAS - MG
2021**

GUSTAVO ALMEIDA SOARES

**PEDAGOGIA DAS LUTAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS COM O TRABALHO REMOTO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, com ênfase na área de Pedagogia das Lutas, para a obtenção do título de Mestre

Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis
Orientador

**Lavras- MG
2021**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Soares, Gustavo Almeida.

Pedagogia das Lutas no processo de Formação Inicial de
Professores: Experiências com o Trabalho Remoto na Educação
Física UFLA / Gustavo Almeida Soares. - 2021.

145 p.

Orientador(a): Fabio Pinto Gonçalves dos Reis.

Coorientador(a): Kleber Tuxen Carneiro Azevedo, Riller Silva
Reverdito.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Formação Inicial Docente. 2. Pedagogia das Lutas/Artes
Marciais. 3. Lutas/Artes Marciais na escola. I. Reis, Fabio Pinto
Gonçalves dos. II. Azevedo, Kleber Tuxen Carneiro. III. Reverdito,
Riller Silva

GUSTAVO ALMEIDA SOARES

**PEDAGOGIA DAS LUTAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS COM O TRABALHO REMOTO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA**

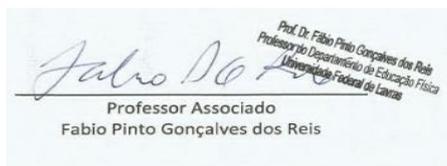
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, com ênfase na área de Pedagogia das Lutas, para a obtenção do título de Mestre

APROVADO em 10/06/2021

Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis UFLA

Prof. Dr. Kleber Tuxen Carneiro UFLA

Prof. Dr. Riller Silva Reverdito UNEMAT



Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis
Orientador

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial é para Deus e Nossa Senhora, que me deram forças para superar os desafios e obstáculos, neste processo formativo, assim como em toda minha vida. Me permitindo chegar até a conclusão deste trabalho.

Agradeço minha família por toda compreensão e carinho de sempre. Minha mãe, pelas batalhas travadas diariamente para trazer o sustento da casa. Minha avó, pelo exemplo de pessoa honesta, digna e batalhadora, que ao longo de toda minha vida, me inspirou com todas suas histórias de superação e vontade de sempre fazer o bem ao próximo. Meus irmãos, que a todo momento me ensinam, com palavras, gestos e atitudes. Minha namorada/noiva/companheira de vida, que sempre esteve do meu lado, compartilhando dos bons e dos maus momentos. Ao meu Pai e Avó (em memória) por terem deixado de exemplo, o amor ao próximo como uma das formas mais belas de se viver.

Agradeço ao Professor Fábio, por toda paciência, todos ensinamentos e por se um Professor que sempre está do lado de seus orientandos, fornecendo-lhes suporte e atenção nos percursos formativos dentro e fora do ambiente acadêmico. Aos Professores Kleber e Riller, por enriquecerem este trabalho, com todas suas observações e “puxões de orelha”.

Em tempos onde vivemos uma incerteza do amanhã, que cada vez mais se torna incerto para milhares e milhares de brasileiros, que são vítimas de um momento obscuro da história, em decorrência de uma pandemia, causada por um vírus com alto poder de letalidade e contaminação. E no Brasil, diante de situações de menosprezo, descaso e omissões de chefes de estado, vivemos cada vez mais assombradas por essa incerteza do amanhã. O que não foi o caso do meu tio “Gu” (em memória) que também entrou para estatística, como uma das vítimas fatais da COVID-19. Porém aqui, recordo e agradeço por todos os ensinamentos e suporte ao longo da vida, pelo carinho de sempre e pelo sorriso fácil no rosto, marca registrada em todos encontros familiares. Meus profundos e sinceros sentimentos a todas as pessoas/famílias que perderam seus entes queridos.

A PEDAGOGIA DAS LUTAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS COM O TRABALHO REMOTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFLA

RESUMO

Ao utilizarmos o conceito de cultura corporal de movimento como objeto de estudo e ensino das aulas de Educação Física para a educação básica, cria-se uma grande possibilidade de trabalho com o universo das lutas/artes marciais nesse contexto. Cabe mencionar que esse conteúdo é amparado legalmente por documentos curriculares em âmbito nacional, por isso se torna necessário abordá-lo no processo de formação inicial de professores nos cursos de graduação em Educação Física. Diante disso, esse trabalho tem como objetivo analisar as experiências formativas (remotas) de alunos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Lavras ao longo do semestre na disciplina GFD 198 Pedagogia das lutas. Sabemos que a falta de vivências dos professores sobre a referida temática no cotidiano acadêmico e fora deste meio, assim como a preocupação com a violência que julgam estar intrinsicamente ligada a esse universo, dificulta o seu desenvolvimento teórico-metodológico no âmbito dos espaços educativos. Para analisar quais eram/são as concepções desses alunos em formação inicial acerca das lutas/artes marciais antes, durante e depois do curso, utilizaremos o subsídio da pesquisa qualitativa e os instrumentos de coleta de dados, tais como o registro dos trabalhos escritos (elaborados remotamente) e os provenientes das gravações de aula. O grande desafio que se coloca em tempos de pandemia é a reflexão pedagógica sobre o fato de estarmos vivendo o regime de trabalho remoto na Universidade Federal de Lavras, instituição na qual a disciplina acontece. Dessa forma, como tratar pedagogicamente esse conteúdo considerando os desafios da aprendizagem por meio das experiências corporais propriamente ditas? De que forma trazer o aprendizado significativo, tendo em vista o contexto da virtualidade? Nesse sentido, as experiências formativa decorrentes do desenvolvimento da mencionada disciplina nos permitiu concluir que o ensino remoto, de um lado, impõe uma série de desafios objetivos e subjetivos na relação entre ensino, corporeidade e aprendizagem das lutas/artes marciais, de outro, demonstrou-nos também que é possível abordar a temática de maneira que os discentes reflitam, ressignifiquem e construam propostas sistematizadas às diferentes etapas da escolarização.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial Docente, Lutas/Artes Marciais na Escola, Pedagogia das Lutas/Artes Marciais; Regime Remoto.

ABSTRACT

By using the concept of movement body culture as an object of study and teaching in Physical Education classes for basic education, there is a great possibility of working with the universe of fights/martial arts in this context. It is worth mentioning that this content is legally supported by curriculum documents nationwide, which is why it is necessary to address it in the process of initial teacher training in undergraduate courses in Physical Education. Therefore, this work aims to analyze the (remote) formative experiences of students from the degree course in Physical Education at the Federal University of Lavras throughout the semester in the discipline GFD 198 Pedagogy of Fights. We know that the lack of experience of teachers on this topic in academic life and outside this environment, as well as the concern with violence that they believe is intrinsically linked to this universe, hinders their theoretical-methodological development in the context of educational spaces. To analyze what were/are the conceptions of these students in initial formation about the fights/martial arts before, during and after the course, we will use the subsidy of qualitative research and data collection instruments, such as the registration of written works (prepared remotely) and those from class recordings. The great challenge that arises in times of pandemic is the pedagogical reflection on the fact that we are living the remote work regime at the Federal University of Lavras, the institution where the discipline takes place. Thus, how to pedagogically address this content considering the challenges of learning through bodily experiences themselves? How to bring meaningful learning, given the context of virtuality? In this sense, the formative experiences resulting from the development of the aforementioned discipline allowed us to conclude that remote learning, on the one hand, imposes a series of objective and subjective challenges in the relationship between teaching, corporeality and learning of fights/martial arts, on the other, it demonstrated us also that it is possible to approach the theme in a way that the students reflect, give new meaning and build systematized proposals to the different stages of schooling.

KEYWORDS: Initial Teacher Training, Fights/Martial Arts at School, Pedagogy of Fights/Martial Arts; Remote Regime.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	1
1.2 Metodologia	5
2.MERGULHO NA PRODUÇÃO SOBRE AS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	11
3. AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM A PEDAGOGIA DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NO ENSINO REMOTO.....	28
3.1 Representações dos discentes acerca das lutas/artes marciais e modalidades esportivas de combate	33
3.2 Partindo para as questões didáticas-metodológicas: como ensinar lutas/artes marciais na escola?	47
3.3 Tematizando as lutas/artes marciais nas aulas de educação física.....	94
3.4 As manifestações de lutas/artes marciais e outras tematizações possíveis... ..	108
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
5. REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A- PARACER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	140

1. INTRODUÇÃO

A escrita desse trabalho teórico/prático acontece por meio de um entrelaçamento entre minha história de vida pessoal e a formação acadêmica no curso de graduação. Nasci e fui criado ao sul de Minas Gerais, cidade pacata de cotidiano calmo e rotineiro, mas que tem suas belezas e encantos únicos, além de inúmeros recursos naturais. Minha origem aqui mencionada, situa-se no município denominado Lambari. Os moradores mais antigos dizem que o seu nome foi dado pelo formato que tem, pois ao ser vista de cima assemelha-se muito com essa espécie de peixe muito encontrado no local. Lá iniciei minha formação, primeiro, na escola municipal seguindo os primeiros anos de escolarização e, posteriormente, concluindo o ensino médio em uma instituição estadual no ano de 2011.

Ao longo do meu decurso de formação na educação básica, tive vários tipos de vivências corporais com modalidades esportivas diversas, porém, vale ressaltar que tais experiências em grande parte não aconteceram dentro da escola. Mas foi com as artes marciais que me identifiquei, mais precisamente no jiu-jitsu, sendo que esse “encontro” (no sentido de identificação, complementação) influenciou muito as minhas escolhas futuras de formação.

Em 2012 passei no processo seletivo da Universidade Federal de Lavras (UFLA) na graduação em Química, curso no qual permaneci por três períodos e, tão logo, percebi que algo me faltava, pois embora frequentasse uma área de excelência, ali não era meu lugar. Foi nesse momento que minha paixão pelas artes marciais “falou mais alto”, influenciando minha decisão de trocar o curso, por algum que me permitisse ficar mais próximo desse universo apaixonante. Diante disso, consegui a transferência interna para o bacharelado em Educação Física.

Iniciei a prática do jiu-jitsu com 15 anos de idade, concomitante com minha entrada no ensino médio. E ao longo de toda formação nessa etapa de escolarização fui adepto incessante dessa manifestação de combate. Quando tive de mudar de cidade para começar minha graduação, mudei também de equipe no jiu-jitsu. Ao chegar em Lavras-MG em 2012, minha faixa nessa modalidade ainda era uma das primeiras, mas ao longo do tempo fui conquistando outras, subindo na hierarquia do conhecimento marcial.

Foi no curso de Educação Física que tive meu primeiro contato teórico com a discussão referente às artes marciais, por meio da disciplina de Pedagogia das Lutas, que me proporcionou reflexões importantes sobre a sua história, procedimentos e abordagens, abrindo caminho para inquietações no que diz respeito aos processos de ensino/aprendizagem dessa manifestação. A partir dessas inquietações, iniciei a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, a fim de

buscar aporte teórico para entender seus aspectos históricos, seus contextos, sobretudo, como esse conteúdo da Educação Física era visto na escola ou fora dela. Ou mesmo, de que maneira esses conhecimentos poderiam ser ministrados dentro e fora das academias de lutas. Foram essas inquietações que começaram a me provocar e aguçar minha busca por outros estudiosos da área, procurando entender o que eles produziram à respeito das artes marciais.

Durante minha graduação em Educação Física, também tive a oportunidade de dar continuidade ao projeto de extensão envolvendo o jiu-jitsu na Universidade Federal de Lavras, sendo o responsável pelo ensino-treino nessa instituição. Foi ao longo de tal período, então, que comecei a repensar as questões metodológicas, visto que em todo meu processo de formação artesanal no jiu-jitsu, deparei-me apenas com métodos centrados somente na demonstração da técnica pelo mestre e a reprodução pelo aprendiz. Essa perspectiva considera o sujeito como um ser passivo que não possui necessidades individuais e seja passível de resolver problemas com autonomia. Então, no decorrer do projeto tive a oportunidade de poder construir conhecimento e ir dialogando com a prática, apoiado em estudiosos da área, e repensar esses aspectos mencionados anteriormente.

Diante disso, em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) “Sistematização de uma Proposta de Ensino-Aprendizagem do Brazilian Jiu-Jitsu para Iniciantes”, discorri sobre o ensino dessa modalidade baseado em situações-problema, ou seja, defendi a perspectiva na qual o aluno não tem respostas prontas e acabadas. Para isso ele deveria ser provocado a encontrar as suas próprias respostas táticas, levando em consideração todas as dificuldades e limitações.

Tal trabalho foi escrito ao longo de minha permanência no projeto de extensão de jiu-jitsu, o que favoreceu o desenvolvimento das propostas didáticas. A oportunidade de poder participar desse projeto aplicando os conhecimentos teóricos e refletindo simultaneamente sobre a experiência docente com os demais participantes, foi fundamental à elaboração do meu TCC.

Em 2017 concluí a graduação em Educação Física, após muitos desafios da vida universitária e, concomitante, no mesmo ano fui também graduado faixa preta no jiu-jitsu. A faixa preta não é a última na hierarquia dessa arte marcial, entretanto, o praticante com essa graduação já pode ser considerado professor e atuar dando aulas em academias. Para atingir essa graduação é necessário ter alguns requisitos básicos, de acordo com a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ, 2019), como ter idade mínima de 18 anos e tempo mínimo de prática em torno de cinco anos. Além da apropriação dos valores intrínsecos, como um código de conduta pautado no bem estar com a sociedade e no respeito com os outros e consigo mesmo.

Em 2019 passei no processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação na modalidade Mestrado Profissionalizante, com a finalidade de dar continuidade a jornada de estudos e desenvolvimento de projetos com a temática voltada às lutas, porém, agora com o foco na formação inicial de professores. E, para isso, busquei entender quais são as concepções dos alunos em formação inicial de professores (portanto, os alunos da licenciatura) à respeito desse conteúdo e seu ensino **“por meio do trabalho remoto”**. Meu campo investigativo foi constituído no âmbito da disciplina Pedagogia das Lutas que é ofertada no curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Lavras (UFLA) para ambas as habilitações, a partir de intervenções à distância (ou remota) que foram organizadas didaticamente ao longo de dezessete semanas de aula, o que equivale a um período.

O objetivo geral do curso de licenciatura em Educação Física é formar professores-pesquisadores para atuação em ambientes educativos, oferecendo formação científica, cultural e pedagógica para o licenciando atuar em todos os segmentos da educação básica, a saber: educação infantil, fundamental e médio. A perspectiva estruturante do trabalho com a formação inicial se baseia em experiências subsidiadas pelos processos de ensino, pesquisa e extensão, considerando a interação e o diálogo com a escola como condição fundamental da práxis profissional (PPC, 2017).

Já o curso de bacharelado em Educação Física foi autorizado a acontecer no segundo semestre de 2008. Atualmente o curso tem carga horária total de 3.388 horas, distribuídas entre disciplinas obrigatórias e eletivas, estágios, trabalho de conclusão de curso e outras atividades. O currículo do curso é composto por dois núcleos, sendo eles; Núcleo Comum e Núcleo Específico. Em cada núcleo estão dispostos de forma sistematizada todas as disciplinas que compõem o curso (PPC, 2010). O curso de Bacharelado em Educação Física, traz como objetivo preparar, por intermédio do ensino, da pesquisa e da extensão, um profissional generalista, crítico e reflexivo, capaz de demonstrar domínio dos conhecimentos em Educação Física e Esporte, instrumentalizando-o para que, eticamente, exerça papel de agente no desenvolvimento social na formação integral de crianças, adolescentes, jovens e adultos, contribuindo assim, com intervenções que promovam, na sociedade, a educação para a saúde, para o estilo de vida ativo e para a conservação da cidadania (PPC,2010).

Essas informações são importantes, ao passo que a disciplina de Pedagogia das Lutas é ofertada pelo Departamento de Educação Física semestralmente atendendo, nesse momento remoto, conforme já mencionamos, tanto os alunos da licenciatura, quanto os do bacharelado. Com carga horária de 34 horas semestrais, os encontros para as aulas acontecem uma vez por

semana ao longo do semestre, com duração de duas horas. Tal componente curricular tem como ementa “discutir, vivenciar e analisar criticamente os procedimentos didáticos para o ensino e aperfeiçoamento da aprendizagem das lutas, com base nos princípios investigativos da pedagogia do esporte” (REIS, 2012, p. 1).

No começo do ano de 2020, o mundo todo foi surpreendido pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2) que, segundo a Organização Mundial de Saúde (2019), constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), sendo o nível de alerta mais alto já atribuído, por se tratar de um risco eminente de contaminação global. Esse alerta tem o intuito de coordenar ações entre as nações para o controle da propagação do vírus, pois ele tem alto poder de mortalidade. A doença, em linhas gerais, atinge todas as pessoas, mas, principalmente, as que são acometidas por outros tipos de doenças crônicas e idosos. Até o momento, já são centenas de milhares de vítimas fatais ao redor do mundo, sendo que no Brasil atingimos um número referente à dezenas de milhares de pessoas infectadas.

Diante desta situação de alerta global, foram recomendadas pela OMS precauções para prevenção da propagação do Coronavírus como, por exemplo; a higienização das mãos com álcool em gel, a utilização de máscaras e o distanciamento social. No Brasil, foram tomadas medidas para impedir a circulação do vírus, mesmo que a revelia do governo federal, com o fechamento do comércio, empresas, escolas e instituições religiosas.

Nas escolas e universidades o ensino presencial foi suspenso por meio da Medida Provisória N°934 (01/04/2020) que flexibiliza o cumprimento dos dias letivos presenciais nas instituições educacionais em todo o país. Diante dessas medidas de prevenção, o ensino passou por mudanças significativas e o cumprimento das atividades letivas está tendo como alternativa o ensino remoto. Nesse contexto de transformações e incertezas que surge nossa curiosidade investigativa, qual seja: quais experiências formativas podem ser constituídas **por intermédio do trabalho remoto (TR)** envolvendo alunos em processo de formação inicial ao longo da disciplina “GFD 198 Pedagogia das Lutas”?

Nessa direção, o objetivo desse estudo é acompanhar o processo de formação desses estudantes na disciplina Pedagogia das Lutas ao longo do período 2020/2, em se tratando do ensino desse conteúdo ser forma remota, a fim de que eles possam evidenciar representações, conhecer procedimentos metodológicos e construir possibilidades de atuação neste novo cenário mundial.

1.2 - Metodologia

Realizamos uma pesquisa qualitativa, pois nosso objetivo foi investigar às experiências formativas de alunos do curso de licenciatura em Educação Física no âmbito da disciplina Pedagogia das Lutas por meio do trabalho remoto. A abordagem qualitativa trabalha com questões que não podem ser mensuradas, ao passo que extrapolam a dimensão da quantificação, estudando o fenômeno de acordo com a subjetividade humana, religião, crenças, valores, atitudes. Além disso, tal perspectiva propõe-se a investigar as relações profundas entre os processos e os fenômenos, que não podem ser reduzidos a manipulação de variáveis (MINAYO, 2010). Sendo assim, utilizamos esse tipo de investigação para elucidar os aspectos experienciais desses professores em formação inicial no que tange ao universo das Lutas/Artes Marciais.

Atrelado a isso, desenvolvemos uma pesquisa de campo e para produção do material empírico utilizamos os documentos pedagógicos do trabalho remoto organizado pelos Roteiros de Estudos Orientados (REOs), além das aulas gravadas e as atividades que os alunos desenvolveram ao longo do período. Logo abaixo segue o modelo de um dos REOs disponibilizados no Campus Virtual da UFLA referente ao período 2020/02:

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR	
Código e nome:	GFD 198 PEDAGOGIA DAS LUTAS
Docente(s) Responsável(is):	FÁBIO PINTO GONÇALVES DOS REIS
Período do REO:	01/06 a 12/6/2020.

1. Conteúdo a ser aprendido.

Com base nos conteúdos programáticos apresentados no início da disciplina, a saber: 1) conceito de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate, 2) características das lutas, 3) classificação das lutas, 4) pedagogia das lutas e 5) festivais e competições pedagógicas em lutas – iremos dar continuidade às discussões iniciadas nas três primeiras semanas.

Para tanto, utilizar-nos-emos do texto-base O ensino da lutas de Mariana Simões Pimentel Gomes com o objetivo de conceituarmos as lutas e caracterizá-las a partir dos seus princípios operacionais.

2. Procedimentos para apropriação do saber contido no Estudo Remoto I

Vocês deverão realizar a leitura do referido artigo que será disponibilizado no Campus Virtual e elaborar três (ou mais) questões para serem debatidas na reunião de webconferência da semana subsequente (dia 10/6/2020 às 13h, via plataforma google meet), sendo o link de acesso disponibilizado também na plataforma.

3. Subproduto das experiências de aprendizagens

Além das três perguntas elaboradas para serem discutidas, vocês devem registrar a reunião virtual (como uma espécie de memória), a fim de que possa ser enviada por e-mail ao professor responsável.

4. Referências

GOMES, Mariana Simões Pimentel et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 207-227, fev. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9743/8928>. Acesso em: 25 maio 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.9743>.

Consideramos que o planejamento de ensino das dezessete semanas que integram o semestre letivo referente ao período supracitado foi fundamental para que, ao mesmo tempo, formássemos os discentes em condição remota, mas também pudéssemos criar propostas que produzissem o material empírico da pesquisa. Essa articulação entre pesquisa e formação representa um processo de superação de formas convencionais de pesquisa-formação (BUENO, 2000), pois historicamente tem-se assistido às pesquisas em educação reduzirem os professores a “amostras” e, portanto, a objetos de estudo. Numa tentativa de superar esse modelo, “pesquisadores da área educacional têm sido desafiados a propor formas de investigação que possam estabelecer uma relação mais orgânica entre suas atividades de pesquisa e ensino” (BUENO, 2000, p. 07).

Evidentemente que não é qualquer pesquisa que pode ser utilizada com a finalidade de agenciar formação, mas somente àquelas que possibilitam uma participação efetiva dos professores nas atividades realizadas e apresentem uma flexibilidade com relação ao conteúdo

investigado, cuja finalidade priorize mais promover formação do que coletar dados (BUENO, 2000).

De igual modo esse trabalho enfoca a pesquisa colaborativa, abordagem que vem apresentando resultados significativos no tocante à formação de professores e ao ensino-aprendizagem. Nessa direção, ao invés do pesquisador inserir-se no ambiente educativo apenas para observar, dizer o que está ou não adequado, objetiva-se discutir junto ao professor a realidade de seu trabalho, as dificuldades encontradas e oferecer subsídios teórico-metodológicos para a implementação de novas práticas possíveis (BORTONI-RICARDO, 2011). Trata-se, portanto, de uma “proposta de pesquisa em que todo o processo é conduzido em coparticipação entre professor e pesquisador, visando sempre à reestruturação e reconstrução do trabalho com a linguagem em situação de ensino” (idem, p. 2).

Nesse diálogo estabelecido com o professor responsável pela disciplina, estabelecemos uma parceria desde o planejamento inicial do período. A seguir, apresentamos a proposta referente ao segundo semestre de 2020 (momento da coleta de dados), que foi desenvolvido de acordo com a estrutura abaixo:

Quinzena	Proposta de ensino remoto
1 ^a	1. Levantamento das representações acerca dos conceitos de Lutas, Artes Marciais e Modalidade Esportiva de Combate a partir de registro escrito, análise de vídeos e por meio da construção de um Mapa Mental.
2 ^a	Caracterização e Classificação das Lutas a. Apresentar uma série de vídeos de diversas modalidades ou jogos de oposição para que os estudantes identifiquem os princípios operacionais das referidas manifestações. b. Problematizar as diferenças entre luta e briga por meio de um inventário de características. c. Abordar as classificações das lutas por meio da distância e do contato. d. Solicitar que os estudantes pesquisem e criem uma tabela a partir das classificações possíveis.
3 ^a	Solicitar a leitura de um referencial teórico sobre Pedagogia das Lutas e do jogo, a fim de que eles construam e descrevam um jogo de oposição para cada bloco de classificação, conforme as orientações e perguntas abaixo: a. Os jogos devem ser descritos em detalhes de execução, regras, materiais necessários, local e ambiente. b. Qual o objetivo de aprendizagem a ser alcançado com o jogo pelos aprendentes? c. Quais as problematizações podem ser realizadas para alcançar o objetivo? d. Quais variações do jogo podemos desenvolver para alcançar o objetivo de forma mais aprofundada?

4 ^a	Tematização possível das Lutas/Artes Marciais a partir de conteúdos sociais relevantes, tais como gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social, violência, briga, dentre outros.
----------------	---

Utilizamos os encontros virtuais realizados via *google meet* para produção de narrativas pelos discentes, assim como o material produzido como subproduto das aulas, uma vez que acompanhamos o professor responsável pela disciplina ao longo de todo o semestre de 2020/02. Para as questões éticas de todos esses registros, entregamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com a finalidade de consultar todos os licenciandos e licenciandas em Educação Física, sendo que dessa forma todos/as puderam se manifestar concordando em contribuir com o trabalho.

O grupo amostral da pesquisa compôs-se, conforme mencionado, pelos/as que frequentaram a referida disciplina de Pedagogia das Lutas, no período 2020/02, de acordo com o calendário institucional. Somaram-se ao todo no grupo de investigados/as, um número bastante expressivo de 28 (vinte e oito) alunos matriculados, composto de 14 homens e 14 mulheres. Com o intuito de preservar a identidade de cada discente participante, ao invés de utilizarmos apenas letras e números (desumanizando os sujeitos da pesquisa), adotaremos nomes fictícios relacionados ao universo das Lutas/Artes Marciais¹. Tendo em vista facilitar a

1 Acelino Popó: Mundialmente conhecido como Popó, nascido na Bahia, é um ex-pugilista, que possui títulos mundiais no boxe; Amanda Nunes: É uma lutadora brasileira, nascida na Bahia, competidora na modalidade de MMA, atualmente possui o título de campeã em duas categorias do mesmo evento; Anderson Silva: Conhecido também como Spider, nasceu em São Paulo, foi competidor de MMA, teve sua trajetória gloriosa em um grande evento de MMA; Amanda Ribas: É uma competidora de MMA, nascida em Minas Gerais, atualmente integra o conjunto de lutadoras de um grande evento de MMA; Braulio Estima: É um competidor de Jiu-jitsu Brasileiro, nascido em Pernambuco, mundialmente conhecido, detentor de diversos títulos na modalidade; Cris Cyborg: Ou Cristiane Justino Venâncio é uma lutadora de MMA, brasileira de Curitiba, naturalizada norte americana, que possui títulos em diferentes organizações de MMA; Caín Velásques: É um ex-lutador de MMA, nascido na Califórnia (EUA), consagrado como lutador do ano em 2010; Edinanci Silva: Ou Edinanci Fernandes Silva, nascida em Curitiba, é uma ex-judoca brasileira, detentora de títulos nacionais, internacionais e mundiais, atualmente técnica da seleção paralímpica de Judô; Deivison Figueiredo: Competidor de MMA, nascido no Pará, atualmente é campeão em sua categoria; Gabi Garcia: Gabrielle Garcia “Gabi Garcia”, é uma competidora de Jiu-jitsu Brasileiro, que entrou para o Hall da Fama nesta modalidade; Israel Adesanya: Israel Mobolaji Temitayo Oduwaye Oluwafemi Owolabi Adesanya “Israel Adesanya” é um competidor de MMA, nascido em Lagos (Nigéria) campeão em sua categoria no MMA; Jessica Andrade: Competidora de MMA, nascida no Paraná, foi a primeira brasileira a lutar em um dos maiores eventos de MMA do mundo; Flávio Canto: Flávio Vianna de Ulhôa Canto “Flávio Canto” ex-judoca brasileiro, nascido em Oxônia (Reino Unido), atualmente presidente de um projeto social; Kyra Gracie: Ex competidora de Jiu-jitsu Brasileiro, nascida no Rio de Janeiro, detentora de diversos títulos na modalidade; Hélio Gracie: Ex competidor de Jiu-jitsu Brasileiro, responsável pela difusão e adaptação do Jiu-jitsu, patriarca da família Gracie, Hélio nasceu no Pará (1913) e faleceu no Rio de Janeiro (2009); Letícia Ribeiro: Competidora de Jiu-jitsu Brasileiro, nascida no Rio de Janeiro, detentora de vários títulos na modalidade; José Aldo: José Aldo da Silva Oliveira Júnior “José Aldo”, nasceu no estado do Amazonas, ex-competidor de MMA, se sagrou por diversas vezes como o melhor em sua categoria; Luana Azulguir: Competidora de Jiu-jitsu Brasileiro, nasceu em São Paulo e possui diversos títulos na modalidade; Maguila: José Adilson Rodrigues dos Santos “Maguila”, ex-pugilista brasileiro, com títulos nacionais e internacionais na modalidade, nascido em Sergipe; Mackenzi Dern: Competidora de MMA e Jiu-jitsu Brasileiro, no Jiu-jitsu possui títulos nacionais e internacionais, nasceu no Arizona (EUA); Marcos Ruas: Marco Antônio de Lima Ruas “Marcos Ruas”,

compreensão dos nossos leitores, exporemos a seguir uma tabela com os nomes fornecidos, sendo que a ordem dos nomes seguiu a lista de matrícula na supracitada disciplina. Cabe destacar ainda que tal estratégia nada teve a ver com a semelhança física ou escolhas pessoais dos/as participantes.

Tabela 1- Nomenclatura dada aos participantes.

Masculino	Feminino
Acelino Popó	Amanda Nunes
Anderson Silva	Amanda Ribas
Braulio Estima	Cris Cyborg
Caín Velásquez	Edinanci Silva
Deiveson Figueiredo	Gabi Garcia
Israel Adesanya	Jessica Andrade
Flavio Canto	Kyra Gracie
Hélio Gracie	Leticia Ribeiro
José Aldo	Luana Alzuguir
Maguila	Mackenzie Dern
Marcos Ruas	Michele Zonato
Muhammad Ali	Rafaela Silva
Rickson Gracie	Ronda Rousey
Rocky Balboa	Yvone Duarte

Fonte: produzido pelo autor.

Posto isso, enfatizamos que a análise dos dados coletados foi desenvolvida por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (1994), que consiste na descrição detalhada e sistematizada dos dizeres discentes e dos registros escritos provenientes dos subprodutos dos Roteiros de Estudo Remoto, em conjunto com as gravações das aulas. Este tipo de análise segue três etapas, a saber: a primeira refere-se a “pré-análise”, que consiste na primeira leitura do material com a finalidade de organizá-lo, categorizá-lo e formular hipóteses que contribuam

ex-competidor de MMA, nascido no Rio de Janeiro; Rafaela Silva: Rafaela Lopes Silva “Rafaela Silva”, judoca brasileira, campeã olímpica dentre outros títulos no Judô, nasceu no Rio de Janeiro; Rickson Gracie: “Invicto” nasceu no Rio de Janeiro, possui títulos no Jiu-jitsu Brasileiro e também no MMA; Ronda Rousey: Ex-competidora de MMA e Judô, nasceu na Califórnia (EUA); Rocky Balboa: Personagem de filmes de boxe, norte americanos; Yvone Duarte: Primeira mulher faixa preta de Jiu-jitsu Brasileiro, nascida no estado do Amazonas.

com o aprofundamento do objeto de estudo. A segunda etapa diz respeito a “fase de exploração” e tem como objetivo a formulação de categorias, que podem acontecer por recorrência temática ou por análise de conteúdo. Em nosso estudo utilizamos a categorização a partir da repetição de temas que foram identificados tanto nos dizeres dos discentes quanto nos registros escritos resultantes das atividades da disciplina Pedagogia das Lutas. No que refere-se a etapa de “tratamento dos resultados”, utilizamos o referencial teórico para interpretar e analisar os materiais empíricos produzidos ao longo das intervenções planejadas. Estabelecendo, assim, inferências sobre “os achados” da pesquisa, seu objeto de estudo e os aportes selecionados.

Sendo assim, foram perscrutados os registros escritos produzidos pelos discentes, que se dividiram em estudos dirigidos, relatos de experiência e artefatos culturais diversos, de igual modo utilizamos as narrativas desenvolvidas nos encontros síncronos realizados quinzenalmente. Cabe destacar que a gravação dessas aulas ajudou a revisitarmos o material e até transcrevê-lo, o que permitiu uma interpretação mais minuciosa das informações.

Sobre os instrumentos de coleta, Anastasiou e Alves (2009) afirmam que o estudo dirigido consiste em uma estratégia de aprendizado que direciona o ato de estudar, mas necessita da mediação do professor visando sanar as dificuldades encontradas. No que se refere aos relatos de experiência desenvolvidos e analisados, Daltro e Farias (2019) ressaltam que essa estratégia decorre do resultado de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator em um determinado momento. “O tempo do relato marca sua dicção, está trançado às condições afetivas, ideologias, e a aspectos intersubjetivos com as suas significações histórico- sociais. Dessa forma, rompe e não coaduna com um ponto de vista de verdades imutáveis, únicas ou descorporificadas”. (DALTRO; FARIAS, 2019, p. 18)

Por fim, solicitamos uma construção temática acerca da Lutas/Artes Marciais a partir de uma linguagem artística, um texto cultural, a fim de que pudesse ser analisado posteriormente. Consideramos “texto” uma ampla gama e diversificada de artefatos culturais, tais como: o livro didático, uma lei educacional, uma orientação curricular, uma fotografia, uma dança, um jogo, uma ilustração, um filme, uma intervenção oral, dentre outros (SILVA, 2011). Segundo o autor, essa produção dispõe de uma pedagogia cultural que institui atitudes, comportamentos e valores aos sujeitos, uma vez que estão imersos nas relações de poder e de saber. Assim, textos acadêmicos, obras literárias, pinturas, tirinhas, poesias, reportagens, documentários, músicas, revistas, relatos e histórias de vida podem servir para compor um processo de construção e desconstrução no tocante a um determinado objeto de conhecimento.

2. BALANÇO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE LUTAS/ARTES MARCIAIS² NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Essa seção tem por objetivo investigar o que foi produzido sobre o tema na tentativa de mapear questões relacionadas à formação inicial de professores de Educação Física e sua interface com o universo das Lutas/Artes Marciais. A revisão de literatura é um meio pelo qual se realiza uma busca sistemática em trabalhos produzidos e publicados em determinadas áreas do conhecimento, conforme sugerem Thomas, Nelson e Silverman (2007).

Já a revisão sistemática é uma pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura disponível sobre determinado tema/assunto de investigação, de maneira que o pesquisador busca outros estudos e produz uma síntese analítica acerca de tudo que foi localizado. Essa abordagem possui como vantagem possibilitar uma ampla visão sobre um determinado tema de pesquisa. Ao invés de limitar a leitura de algumas poucas pesquisas sobre o objeto, acaba viabilizando propostas metodológicas para condução do trabalho investigativo. Na atualidade, as revisões podem ter suporte de softwares que facilitam a avaliação dos dados obtidos ao longo da sua realização. Vale ressaltar ainda que a revisão sistemática é um estudo secundário, ou seja, uma proposta que depende da produção de outras produções científicas para ser desenvolvida (RAMOS; FARIA, 2014; SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Para realizarmos nosso investimento, utilizamos a proposta metodológica de Sampaio e Mancini (2007) que consiste em cinco etapas, sendo elas; 1º Definindo a pergunta, 2º Buscando a evidência, 3º Revisando e selecionando os estudos, 4º Analisando a qualidade metodológica dos estudos e 5º Apresentando os resultados. Pautar-nos-emos em uma abordagem quanti-qualitativa seguida de uma análise de conteúdo do material encontrado, tendo em vista que o nosso investimento inicial se debruça sobre teses, dissertações e artigos. No que tange aos artigos, analisaremos a quantidade encontrada e verificaremos quais desses foram publicados em periódicos de A1 a B2, segundo o WebQualis, visando o quesito qualidade. Nossa opção por evidenciar textos que foram publicados em periódicos com essa qualificação na área da Educação e da Educação Física se justifica pelo fato de terem maior

² Conforme Pereira, Reis e Carneiro (2021), observa-se que tanto na concepção de Lutas quanto no entendimento de Artes Marciais existe certa complementaridade, seja no plano da evolução histórica, na conformação das práticas corporais, afora a evolução dos seus saberes e artefatos. Em que pese os riscos (tradições, histórias e elementos contextuais) que existem ao aproximá-las, ainda assim, independentemente da ousadia epistemológica e de suas implicações, coaduná-las nos parece indicar um caminho interessante na tentativa de ampliar a presença de seus conhecimentos no espaço escolar, razão pela qual optamos pelo binômio: Lutas/Artes Marciais.

circulação e fator de impacto, conforme critérios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Na realidade, fizemos a garimpagem por estudos na íntegra, em formato original e escrito em português, mas antes tivemos de definir os locais para busca de trabalhos e os termos a serem utilizados na pesquisa. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), procuramos por teses e dissertações utilizando-se das combinações das seguintes palavras/termos-chave; Pedagogia das Lutas; Lutas na Escola; Educação Física Escolar; Lutas; Arte Marcial e Escola. A BDTD é uma plataforma digital que abriga o acervo dos textos completos de teses e dissertações das instituições brasileiras de ensino e pesquisa com um total de 619.335 documentos inseridos (quantidade essa até a presente escrita desse trabalho). Assim, visamos localizar artigos nos seguintes indexadores de periódicos online; Portal Periódico Capes, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Cabe ressaltar ainda que utilizamos como ferramenta de investigação a opção de busca avançada em cada um desses portais online, combinando os mesmos termos/palavras-chave supracitados.

Na outra etapa, selecionamos os estudos pelos títulos e, posteriormente, realizamos a leitura dos resumos com o objetivo de criar um arquivo contendo todos os textos encontrados, para que pudéssemos analisá-los com critérios mais detalhados. Tais critérios utilizados para incluir os artigos, teses e dissertações visando a análise foram; 1º Ser publicado em português; 2º Permitir acesso ao texto na íntegra, 3º Que discutam a temática de lutas/artes marciais na escola; 4º Ser publicado entre 2015 a 2020. Utilizamos esse recorte temporal, pois já existe outro estudo de revisão com essa temática e que realizou um balanço da produção acadêmica acerca do tema até o ano de 2015 (MOURA, 2019).

Posteriormente a esse processo envolvendo questões essenciais da revisão, tais como a localização, a organização, a exploração e interpretação dos materiais, constituímos categorias de análise a partir dos temas recorrentes, a fim de poder classificá-los e potencializá-los à luz do referencial teórico selecionado (BARDIN, 1977; SILVA; FOSSÁ, 2015).

Em uma primeira análise encontramos na BDTD 14 (quatorze) trabalhos, no Google Scholar 61 (sessenta e um), no Periódicos Capes 24 (vinte e quatro) e no SciELO 3 (três). Após um olhar mais detalhado, aplicando os critérios de inclusão para formação de um subgrupo de análise, obtivemos uma redução na quantidade total de trabalhos encontrados, a saber: BDTD 5 (cinco), Google Scholar 28 (vinte e oito), Periódicos Capes 13 (treze) e SciELO 2 (dois). A tabela a seguir explicita de forma sintetizada esses números.

Tabela 1- Trabalhos

PLATAFORMA DE PESQUISA	QUANTIDADE
BDTD	5
Google Scholar	27
Periódicos Capes	13
SciELO	02

Fonte: O autor (05/02/2020)

Como se pode constatar, obtivemos um total de 47 (quarenta e sete) trabalhos encontrados nas quatro plataformas de pesquisa, porém, identificamos artigos recorrentes em mais de uma delas, diminuindo assim o número total de materiais a serem analisados para 33 (trinta e três). Em meio a este total de artigos localizados, temos apenas 6 (seis) que foram publicados em periódicos avaliados entre A1 a B2 na área da Educação ou Educação Física. A seguir explicitaremos uma tabela contendo os títulos, os autores, anos de publicação e periódicos em que foram publicados.

Tabela 2- Artigos A1 a B2

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO DE PUBLICAÇÃO
Walter Roberto Correia	Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2015
Alba Iara Cae Rodrigues, et al.	Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas	Journal of Physical Education	2016
Yllah Oliveira Alencar, et al.	As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	2015
Marcos Roberto So, Mariana Zuaneti Martins, Mauro Betti	As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física	Motrivivência	2018
Marcos Roberto So, Mauro Betti	Sentido, mobilização e	Movimento (ESEFID/UFRGS)	2018

	aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física		
Raphael Gregory Bazílio Lopes, Tiemi Okimura Kerr	O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental	Motrivivência	2015

Fonte: O autor (05/02/2020)

Esses dados numéricos apontam que apenas 18% das publicações localizadas envolvendo as Lutas/Artes Marciais se enquadram no rigor de qualidade da CAPES, circulando no país e, por vezes, chegando a ter visibilidade internacional. Nesse sentido, Tani (2007) destaca que cada vez mais no Brasil surgem periódicos com circulação local ou regional, não tão bem avaliados por esse sistema de critérios. Segundo o autor, isso é um risco para a produção nacional, pois não leva os resultados das pesquisas a uma ampla divulgação e, conseqüentemente, avaliação. Isso pode resultar na diminuição de verbas para os programas de pós-graduação que têm suas publicações com pouco fator de impacto.

Diante desse material encontrado, elaboramos as seguintes categorias de análise: Artigos de Revisão, Formação Docente, Experiências/Percepções e Práticas de Lutas/Artes Marciais na Escola. Na categoria intitulada de “Artigos de Revisão” foram englobados os textos que se utilizaram de outros estudos com a finalidade de identificar e analisar os conteúdos e abordagens envolvidas em tal produção. No que diz respeito à categoria “Formação Docente”, foram agregados artigos que discutem a formação docente, seja ela inicial ou continuada, inter-relacionada ao ensino e aprendizagem das Lutas/Artes Marciais no ambiente educativo. Já os artigos que compõem as classificações concernentes às Experiências/Percepções e a destinada às Práticas de Lutas/Artes Marciais, tinham como tema principal a aplicabilidade desses conteúdos no contexto educacional a partir de relatos de experiências, propostas pedagógicas e representações de professores de Educação Física acerca do trabalho com essa prática corporal.

Identificamos na categoria “Artigos de Revisão” um total de seis (6) trabalhos que investiram na produção textual subsidiada pela revisão da literatura, ou mesmo, pela pesquisa bibliográfica, com destaque para as discussões sobre o desenvolvimento das lutas/artes

marciais, os principais desafios e possibilidades para os docentes da área. A seguir apresentaremos uma tabela ilustrativa com os nomes dos autores, dos títulos dos trabalhos, os periódicos e os anos de publicação.

Tabela 3- Artigos de Revisão

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO
Lenon Vinícius Solis Mugrabi, Anderson Leandro Maria	O judô na Educação Física escolar	Acta brasileira do movimento humano	2016
Daniel Sousa da Silva, Cátia Malachias Silva, Diogenes Leandro de Oliveira	O desafio das lutas através do Jiu-jitsu brasileiro nas aulas de Educação Física escolar	Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José	2019
Luiz Gustavo Bonatto Rufino	Fundamentos das lutas e o processo de inclusão: perspectivas pedagógicas na diversidade educativa contemporânea	Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício	2016
Luiz Gustavo Bonatto Rufino	As lutas no contexto escolar e outros ambientes educacionais	Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	2016
Gabriela Simone Harnisch, et al.	As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Marcelo Rosseto, Derli Juliano Neuenfeld	O ensino de artes marciais para crianças: uma proposta pedagógica	Revista Destaques Acadêmicos	2017

Fonte: O autor (05/02/2020).

Dentre esses seis (6) artigos identificados, (2) dois deles abordam uma modalidade esportiva de combate e sua aplicabilidade na escola, como por exemplo, o judô e o jiu-jitsu. Para os autores de tais estudos (DA SILVA; SILVA; DE OLIVEIRA, 2019; MUGRABI; MARIA, 2016) a prática de Lutas/Artes Marciais no contexto educativo deveria se voltar às ações corporais já sistematizadas, o que restringi as possibilidades pedagógicas de um aprendizado global. Os autores citam os benefícios da prática para formação social das

crianças, bem como, tentam demonstrar que não é necessário ser um especialista para trabalhar este conteúdo na escola.

Os outros quatro (4) artigos que se utilizam da revisão de literatura, tratam das principais dificuldades e possibilidades da aplicação do conteúdo na escola, dentre elas: preconceitos, problemas na formação inicial docente, falta de material adequado e escasso aporte teórico. Também foram sugeridas opções para que a prática pedagógica aconteça, tais como: fomento e disseminação de aportes teóricos por meio de processo formativo, mudança de paradigmas sobre as lutas/artes marciais, repensar as estruturas curriculares de formação docente, ressignificar vivências referentes à manifestação com a utilização criativa do material disponível (HARNISCH; et al., 2018; ROSSETO; NEUENFELDT, 2017; RUFINO, 2016a; RUFINO, 2016b).

Na revisão desenvolvida por Rosseto e Neuenfeldt (2017) são elencados princípios pedagógicos para o ensino de Lutas/Artes Marciais às crianças, sendo que esses elementos estruturantes podem ser empregados em toda e qualquer prática em se tratando dessa faixa etária. Resumidamente, os referidos eixos basilares do ensino apontados pelos autores são o axiológico, a individualidade, a totalidade, a ludicidade e o agonístico. Quando correlacionados entre si, esses elementos favorecem os aspectos formativos da criança.

No caso de Rufino (2016a), o seu estudo de revisão aborda as possibilidades inclusivas pelo ensino de Lutas/Artes Marciais no âmbito educacional, considerando não apenas só as pessoas com deficiência, mas a diversidade como um todo. Em outras palavras, o autor defende uma perspectiva de inclusão que questiona os paradigmas sociais agregando pessoas com diferentes características físicas. Para isso o autor evidencia que essas manifestações favorecem uma multiplicidade de experiências passíveis de adaptações e ressignificações, o que acaba viabilizando um leque pedagógico para incluir todos e todas.

No que se refere a categoria “Formação Docente”, analisamos os trabalhos que discutem a formação de professores por completo, seja ela inicial e/ou continuada. Nesse sentido, localizamos nove (9) artigos que abordam essa temática em meio à quantidade total de trabalhos levantados. A seguir, como feito anteriormente, será apresentada uma tabela para facilitar a visualização desse material pelo leitor.

Tabela 4- Formação Docente

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERÍODICO	ANO
Luiz Gustavo Bonatto Rufino	Trabalho e consumo, mídia e lutas: construção, implementação e avaliação de um vídeo educativo nas aulas de Educação Física	Corpoconsciência	2017
José Arlen Beltrão de Matos, et al.	A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar	Conexões	2015
Gilbert de Oliveira Santos	Relato de experiência com o ensino de artes marciais na formação em Educação Física em Diamantina-MG	Horizontes - Revista de Educação	2019
Douglas Yuji Takeda Violin, et al.	Judô na Educação Física escolar: realidade e possibilidades	Corpoconsciência	2019
Bernhardt Hegele, Fernando Jaime González, Robson Machado Borges	Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Fonte: O autor (05/02/2020) Marcio Antonio Raiol dos Santos, Pedro Paulo Souza Brandão	Lutas e a formação de professores de educação física: reflexos na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém – PA	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Marlon Messias Santana Cruz, et al.	Tematizando as lutas na educação física escolar: relato de uma prática pedagógica no contexto do PIBID	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Luiz Gustavo Bonatto Rufino	Os jogos de lutas nas aulas de	Revista Brasileira de Prescriçã	2016

	Educação Física escolar: possibilidades técnico-táticas e seus elementos invariantes	o e Fisiologia do Exercício	
--	---	-----------------------------	--

Fonte: O autor (05/02/2020)

Inicialmente podemos destacar que cinco (5) desses trabalhos abordam a formação continuada de professores de Educação Física e sua interface com as Lutas/Artes Marciais. Em linhas gerais, os autores desses artigos propõem ou desenvolvem minicursos, encontros semanais, recursos midiáticos e também propostas sistematizadas de ensino com o objetivo de fomentar a prática pedagógica pelos docentes (HEGELE; GONZÁLEZ; BORGES, 2018; RUFINO, 2016; RUFINO, 2017; MATOS et al., 2015; SANTOS, 2019).

Identificamos que em três estudos são sugeridos os jogos de oposição como alternativa metodológica para o ensino com a justificativa de que essa opção oferece ampla diversificação de experiências aos envolvidos. Os autores salientam ainda o fato de não ser fundamental a posse de um saber especializado em alguma modalidade específica pelos docentes para que a luta seja abordada pedagogicamente na escola (HELEGE; GONZALES; BORGES, 2018; RUFINO, 2016; RUFINO, 2017). No caso do artigo de Santos (2019), o autor buscou sistematizar uma metodologia de ensino elaborada por meio da experiência que adquiriu ao lecionar este conteúdo no ambiente educativo. Com base nisso, ele construiu um material didático de apoio para os professores de Educação Física que almejam trabalhar com essa manifestação no contexto escolar.

Os últimos três artigos restantes abordam a formação inicial dos professores, relatando experiências e identificando possíveis fragilidades quanto ao trabalho com as Lutas/Artes Marciais na escola (VIOLIN et al., 2019; CRUZ et al., 2019; SANTOS; BRANDÃO, 2018). Como é o caso de Cruz et al. (2018) que utilizou os integrantes do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) com o objetivo de proporcionar o trabalho desse conteúdo na instituição escolar. A partir dessas intervenções os autores constataram a ocorrência de mudanças nas representações dos licenciandos à respeito do ensino de Lutas/Artes Marciais.

Os trabalhos de Violini et al. (2019) e o de Santos, Brandão (2018) dialogam com a formação inicial a partir das inconsistências das matrizes curriculares dos cursos de Educação Física no que diz respeito às Lutas/Artes Marciais. Os autores mapeiam o trabalho com esse conteúdo na escola e concluem que a sua ausência nas aulas de Educação Física decorre da frágil formação inicial nos ambientes acadêmicos. Foi constatado por eles que as propostas

existentes nesse contexto curricular, quando localizadas, encontram-se de maneira fragmentada e isolada, com ênfase no trabalho especializado em uma única luta/arte marcial (VIOLIN et al., 2019; SANTOS; BRANDÃO, 2018).

Na categoria analítica referente às “Representações sobre as Lutas no Universo Escolar” é que inserimos o restante dos artigos aqui selecionados, somando um total de 17 (dezessete) produções. Por meio disso, buscamos centrar as análises nas percepções dos sujeitos envolvidos diretamente ou indiretamente com a escola (alunos, pais, professores e dirigentes escolares) sobre o desenvolvimento das Lutas/Artes Marciais naquele ambiente. Além disso, focamos as relações experienciais dos alunos e professores com o referido conteúdo, assim como, delineamos as propostas pedagógicas relatadas para facilitar a sua compreensão.

Tabela 5- Representações sobre as Lutas no Universo Escolar

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO
Victo Lage et al.	As lutas na Educação Física escolar: perspectivas discentes de Catanduva e região	Fundação Padre Albino	2016
Rosane Barreto dos Santos, Isabella Blanche Gonçalves Brasil	Vivenciando o conteúdo lutas na Educação Física escolar	Temas em Educação Física Escolar	2018
Vinícius Salomão Rodrigues et al.	As lutas na Educação Física escolar a partir da percepção dos estudantes	Revista Eletrônica Nacional De Educação Física	2017
Miriam Jussara da C. Cândido, Dimas C. de Oliveira	TICs como ferramentas motivadoras para introdução do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física escolar no contexto Luta não é Briga	Revista Tecnologias na Educação	2015
Marcos Roberto So, Mauro Betti	Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física	Movimento (ESEFID/UFRGS)	2018
José Luiz de Camargo, Francier Marcondes, Juliana Deisy Guralecka	Metodologia do ensino do conteúdo de lutas de 5ª a 8ª série em escolas estaduais de Guarapuava- PR	VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá	2015
Gabriela Simões Silva et al.	Cultura afro-brasileira: a Capoeira na escola e na Educação Física	Temas em Educação Física Escolar	2019
Jasson Rodrigues Jacauna, Michelli Luciana Massolini	As percepções sobre o Jiu-jitsu enquanto conteúdo das aulas de Educação Física escolar	ACTA Brasileira do Movimento Humano	2015

Laureano, Marcelo Gonçalves Duarte			
Wiliam Luis Costa de Oliveira et al.	A inserção dos esportes de combate nas aulas de Educação Física escolar: uma visão atual	Revista Panorâmica On-Line	2017
Yllah Oliveira Alencar et al.	As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	2015
Alba Iara Cae Rodrigues et al.	Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas	Ciência Atual– Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José	2017
Walter Roberto Correia	Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2015
Paula Nunes Chaves, Ivana Lúcia da Silva, Rosie Marie Nascimento de Medeiros	Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino médio	Cadernos de Formação RBCE	2015
Raphael Gregory Bazílio Lopes, Tiemi Okimura Kerr	O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental	Motrivivência	2015
Carmem Elisa Henn Brandl ; Cristiane Boelhouver ; Kymberli Nadine Guios	Práticas pedagógicas inovadoras: as lutas como conteúdo da educação física no ensino médio	Caderno de Educação Física e Esporte	2018
Maicon Servilio Pereira et al.	Lutas para crianças com e sem deficiência/Martial arts for children with and without disabilities	Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	2016
Walter Reyes Boehl, Leonardo Da Silva Lima, Denise Grosso Da Fonseca	(In)justificativas e (im)possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática	Caderno de Educação Física e Esporte	2018

Fonte: O autor (05/02/2020).

Dentre o total de artigos inseridos nessa categoria, os que foram destinados a debater as propostas pedagógicas somam um total de oito (8), de modo que esses trabalhos visaram fornecer, ao professor de Educação Física, propostas sistematizadas sobre as Lutas/Artes Marciais na escola, por meio de experiências relatadas ou orientações baseadas no saber

científico (SANTOS; BRASIL, 2018; CÂNDIDO; OLIVEIRA, 2015; PEREIRA et al., 2016; SILVA et al., 2019; ALENCAR et al., 2016; CHAVES; DA SILVA; DE MEDEIROS, 2015; LOPES; KERR, 2015; BOEHL; LIMA; DA FONSECA, 2018). Nesse contexto, Pereira e colaboradores (2016) propõem o ensino para crianças com deficiência por meio da classificação das Lutas/Artes Marciais proposta e defendida por Gomes (2008). Outros autores como Chaves, Da Silva e De Medeiros (2015); Lopes e Kerr, (2015); Silva et al. (2019) também sistematizaram ou utilizaram-se proposições de ensino anteriormente elaboradas por outros professores-pesquisadores. Tais autores chegaram a duas conclusões semelhantes aos estudos já realizados, tais como: 1) deve haver investimento na formação inicial e continuada dos professores em se tratando de tal conteúdo; 2) a falta de material específico e a estrutura da escola não pode justificar a ausência dessa prática corporal no contexto das aulas de Educação Física.

Outros materiais identificados foram além, pois consistiram em analisar as relações entre as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais envolvidas no ensino das práticas de Lutas/Artes Marciais, de igual modo debruçaram-se sobre os aspectos socioculturais engendrados por essas manifestações (ALENCAR et al., 2015; BRANDL; BOELHOUWER; GUIOS, 2018; CÂNDIDO, OLIVEIRA, 2015; SANTOS, BRASIL, 2018). A fim de expor de maneira organizada os trabalhos com essas temáticas, elaboramos uma tabela contendo informações importantes para essa revisão.

Tabela 6- Artigos sobre Propostas Pedagógica

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO
Rosane Barreto dos Santos, Isabella Blanche Gonçalves Brasil	Vivenciando o conteúdo lutas na Educação Física escolar	Temas em Educação Física Escolar	2018
Miriam Jussara da C. Cândido, Dimas C. de Oliveira	TICs como ferramentas motivadoras para introdução do conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física Escolar no contexto Luta não é Briga	Revista Tecnologias na Educação	2015
Yllah Oliveira Alencar et al.	As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	2015
Paula Nunes Chaves, Ivana Lúcia da Silva, Rosie Marie Nascimento de Medeiros	Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino médio	Cadernos de Formação RBCE	2015

Raphael Gregory Bazílio Lopes, Tiemi Okimura Kerr	O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental	Motrivivência	2015
Maicon Servilio Pereira et al.	Lutas para crianças com e sem deficiência/Martial arts for children with and without disabilities	Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	2016
Carmem Elisa Henn Brandl; Cristiane Boelhouver; Kymberli Nadine Guios	Práticas pedagógicas inovadoras: as lutas como conteúdo da educação física no ensino médio	Caderno de Educação Física e Esporte	2018

Fonte: O autor (05/02/2020)

Dentre os nove (9) artigos delineados para essa categoria, quatro (4) deles tratam das Lutas/Artes Marciais na escola a partir das representações dos alunos, familiares, professores e dirigentes escolares. Jacuana, Laureano e Duarte (2015); Lage et al. (2016); Rodrigues et al. (2017) apresentam que grande parte dos alunos não vivenciaram essa prática corporal na escola, mas gostaria de ter contato com o conteúdo. Contudo, o estudo de Rodrigues et al. (2017) explicita que os estudantes creem que as aulas deveriam ser ministradas por especialistas em Lutas/Artes Marciais, não pelos professores de Educação Física. O autor ressalta que na ótica dos familiares e gestores essa mencionada manifestação corporal interfere na formação dos alunos, no que diz respeito aos seus aspectos físicos, sociais e culturais. A seguir apresentaremos uma tabela com os artigos que abordam a ótica dos pais, mães, alunos e gestores escolares acerca desse conteúdo.

Tabela 7- Lutas na Escola a partir da ótica dos pais, alunos e dirigentes

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO
Vinícius Salomão Rodrigues et al.	As lutas na Educação Física escolar a partir da percepção dos estudantes	Revista Eletrônica Nacional De Educação Física	2017
Jasson Rodrigues Jacuana, Michelli Luciana Massolini Laureano, Marcelo Gonçalves Duarte	As percepções sobre o Jiu-jitsu enquanto conteúdo das aulas de Educação Física escolar	ACTA Brasileira do Movimento Humano	2015
Alba Iara Cae Rodrigues et al.	Percepção dos dirigentes das escolas do município	Ciência Atual– Revista Científica Multidisciplinar	2017

	de Jaguariúna sobre as lutas	do Centro Universitário São José	
Victo Lage et al.	As lutas na Educação Física escolar: perspectivas discentes de Catanduva e região	Fundação Padre Albino	2016

Fonte: O autor (05/02/2020).

Dentre esses nove (9) trabalhos, identificamos que cinco (5) deles avaliam a presença deste conteúdo na escola a partir dos olhares de professores e alunos (CAMARGO; MARCONDES; GURALECKA, 2015; CORREIA, 2015; LIMA; FONSECA, 2018; OLIVEIRA et al., 2017; SO; BETTI, 2018). Destacamos o artigo de Correia (2015), o qual analisa as representações de professores em relação a legitimidade das Lutas/Artes Marciais se inserirem como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar. Nesse estudo, ele alerta sobre a necessidade do estreitamento entre a formação acadêmica e profissional, a fim de que possamos desmistificar o senso-comum sobre o lugar dessa prática corporal nas aulas.

Nos outros quatro trabalhos localizados (CAMARGO, MARCONDES, GURALECKA, 2015; LIMA, FONSECA, 2018; OLIVEIRA et al., 2017; SO; BETTI, 2018) foram utilizadas entrevistas e questionários visando investigar a presença ou não do trabalho com as Lutas/Artes Marciais na escola, com destaque para as possibilidades e os desafios enfrentados. Em suma, tais autores concluem que a ausência do trabalho no território escolar com essa manifestação acontece devido as fragilidades na formação acadêmica dos professores atuantes e defendem a oferta de cursos de especialização que abordem a temática.

A seguir iremos expor uma tabela com os artigos que têm como foco investigativo o olhar de professores e alunos sobre as Lutas/Artes Marciais na instituição escolar.

Tabela 8- Ótica de professores e alunos sobre as lutas/artes marciais na escola

AUTOR	TÍTULO DO ARTIGO	PERIÓDICO	ANO
José Luiz de Camargo, Francier Marcondes, Juliana Deisy Guralecka	Metodologia do ensino do conteúdo de lutas de 5 ^a a 8 ^a série em escolas estaduais de Guarapuava- PR	VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá	2015
Walter Reyes Boehl, Leonardo Da Silva Lima, Denise Grosso Da Fonseca	(In)justificativas e (im)possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática	Caderno de Educação Física e Esporte	2018

Wiliam Luis Costa de Oliveira et al.	A inserção dos esportes de combate nas aulas de Educação Física escolar: uma visão atual	Revista Panorâmica On-Line	2017
Marcos Roberto So, Mauro Betti	Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física	Movimento (ESEFID/UFRGS)	2018
Walter Roberto Correia	Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2015

Fonte: O autor (05/02/2020)

Já na categoria de análise referente as “Teses e Dissertações”, encontramos um total de cinco (5) trabalhos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que foram produzidos entre os anos de 2015 a 2018, abordando direta ou indiretamente o ensino das Lutas/Artes Marciais no contexto escolar. Segue abaixo a tabela de apresentação desse material:

Tabela 9- Teses e Dissertações

AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	CARACTERÍSTICA	ANO
Mayrthon José Abrantes Farias	“Não é briga não... É só brincadeira de lutinha”: cotidiano e práticas corporais infantis	Dissertação	2015
Leonardo Conceição Gonçalves	A organização do trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento das lutas na Educação Física escolar no município de Goiânia	Dissertação	2016
Lázaro Rocha de Oliveira	Artes Marciais e Educação Física escolar: por articulações concretas e possíveis no ensino	Dissertação	2016
Luciano de Lacerda Gurski	Licenciatura em Educação Física e os documentos oficiais	Dissertação	2015

	da educação básica do estado do Paraná (2008, 20012): aproximações e distanciamentos para o ensino de lutas na escola		
Pepita Salodi Polido	Capoeira na escola: Política, ética e estética na roda	Dissertação	2018
Álex de Sousa Pereira	Livro-experiência para o ensino-aprendizagem das lutas na Educação Física do ensino fundamental e médio	Dissertação	2018

Fonte: O autor (05/02/2020)

Gurski (2015) em sua dissertação investigou os documentos curriculares que orientam a formação de professores no campo da Educação Física. O autor constatou que há um distanciamento problemático entre a formação dos professores e o trabalho pedagógico com Lutas/Artes Marciais no processo educativo, pois, na prática, o ensino dessa manifestação se reduziu aos conhecimentos técnicos de poucas modalidades. Uma contradição, segundo autor, pois isso foi na contramão do que os documentos por ele analisados sugeriam enquanto prática educativa. Em outras palavras, os ordenamentos perscrutados pelo autor estabeleciam que o ensino de Lutas/Artes Marciais deveria envolver uma ampla gama de conhecimentos, além de englobar diversas abordagens metodológicas.

Já o trabalho de Farias (2015) se refere ao desenvolvimento das práticas de lutas por meio de um olhar para as brincadeiras das crianças, em específico as “lutinhas”. O autor identifica e classifica os eixos de significados dessas interações para os pequenos, tais como: disputa/duelo, imaginação/representação, prazer/vertigem. Igualmente ele também explora a hibridização entre esses elementos, ou seja, identifica dois eixos ou mais em uma mesma manifestação brincante das crianças. A partir disso o referido autor apresenta as diretrizes norteadoras dessa interações, sobretudo, as que dimensionam diferenças entre as fronteiras entre a “violência” e a “ludicidade”. Destaca, dessa maneira, que esse processo é forjado no convívio rotineiro da criança, por intermédio das relações midiáticas, da comunidade e do convívio social. Em contrapartida, defende a participação ativa das crianças na sociedade, tornando o papel do professor fundamental no processo de formação e emancipação.

Gonçalves (2016) em sua dissertação busca compreender quais são as dificuldades dos professores de Educação Física no desenvolvimento do trabalho com as Lutas/Artes Marciais na escola. Com base nesses aspectos, o autor elabora em conjunto com os professores de Educação Física da educação básica um material didático de apoio que prioriza o desenvolvimento de unidades didáticas. Como resultado da investigação, o autor apresentou esse material didático elaborado com o auxílio aos professores visando estimular o trabalho com essa prática corporal no interior do contexto educacional.

Entendemos que alguns trabalhos localizados não dizem respeito à prática pedagógica propriamente dita, mas de alguma forma consideramos que reverberam no território escolar, como é o caso da dissertação de Oliveira (2016). O autor analisou como ocorria o processo de formação dos professores de Educação Física, com base nos documentos oficiais do estado e do município onde realizou seu estudo. Oliveira (2016) constatou um desajuste existente entre a formação do professor em se tratando das aulas de Lutas/Artes Marciais na escola. Esse distanciamento, segundo o autor, parece ser proveniente do trabalho restrito do docente que faz a opção por desenvolver somente aquilo que “gosta” ou tem experiência, colocando o jovem como coadjuvante no processo de ensino/aprendizagem. O autor analisa o discurso dos docentes que apresentam como principal “problema” para tratar do conteúdo Lutas/Artes Marciais na instituição educacional, a formação inicial na Educação Física. E conclui que o trabalho docente deve colocar o aluno como protagonista do processo educacional, pois isso pode suprir as possíveis fragilidades em sua formação escolar básica.

A dissertação de Polido (2018) trabalha com a questão da capoeira na educação básica elaborando uma série de discussões e problematizações, além de levantar as representações docentes implicadas no ensino dessa manifestação na escola. O autor não trata em específico de aspectos metodológicos, mas sobre como a riqueza histórica da capoeira pode potencializar a educação de crianças e jovens. Para tanto, propõe um trabalho interdisciplinar entre a Educação Física e a disciplina de Artes, com o objetivo de explorar as diferentes possibilidades educativas da capoeira.

No caso de Pereira (2018), a sua pesquisa inicialmente procurou se debruçar sobre os currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física das Universidades Federais brasileiras, assim como, analisou as propostas curriculares oficiais dos estados, a fim de mapear a presença (ou não) da temática e verificar quais eram as abordagens trabalhadas. O autor realizou também o levantamento da literatura especializada no sentido de compreender as presenças/ausências dessa manifestação no contexto da formação de professores de Educação

Física, o que justificou a necessidade de construção de materiais didáticos de apoio. Nesse sentido, Pereira (2018) propôs a elaboração de um livro-experiência para o ensino de Lutas/Artes Marciais no ensino fundamental e médio que constou com uma série de jogos, reflexões, problematizações, discussões, sugestões de vídeos, imagens e textos, ou seja, um arsenal ampliado de informações necessárias à construção de uma proposta de ensino. Com isso, o autor revelou que sua intenção foi subsidiar as atividades de planejamento, intervenção e avaliação do professor de Educação Física, bem como, a de contribuir para as aprendizagens das crianças e jovens.

Pois bem, a partir dessa revisão podemos observar uma série de desafios apresentados pela comunidade científica que dificultam o ensino de Lutas/Artes Marciais na escola, dentre eles; a formação inicial dos professores de Educação Física, que perpassa por problemas de ordem curricular, metodológica e estrutural; os preconceitos ligados as lutas/artes marciais e suas manifestações; a falta de condições/oferta de cursos de formação continuada com a temática voltada para o ensino; a falta de material e estrutura das escolas (GURKI, 2015; MATOS et al. 2015; SILVA, 2015; RUFINO,2015). Como destaca Oliveira (2016), os problemas com a formação do professor acontecem em diferentes áreas, conteúdos e temas da Educação Física escolar, mas isso não deve impedi-lo de desenvolvê-los na instituição escolar.

Aos professores que almejam ensinar Lutas/Artes Marciais na escola, mas que não são especialistas em nenhuma modalidade e não tenham acesso/oportunidade a um curso de formação continuada, sugerimos a consulta do trabalho de Gomes (2008) e de Pereira et al. (2017), pois contribuem à elaboração de unidades didáticas a partir de suas propostas.

Diante de tudo isso, faz-se necessário investir em estudos voltados à organização de tal conteúdo/tema na formação inicial dos professores a partir de conceituações que contribuam com a desconstrução de representações que impedem/dificultam essa vivência na escola. É necessário ainda estimular a elaboração de materiais didáticos pautados na pedagogia do jogo que auxiliem o trabalho do professor, além da tessitura de propostas formativas de caráter continuado.

3. AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM A PEDAGOGIA DAS LUTAS/ARTES MARCIAS NO ENSINO REMOTO

Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia mundial causada pela Covid-19, que é uma doença respiratória resultante de uma nova mutação do vírus (SARS- Cov- 2) com alta taxa de letalidade e transmissão. Em decorrência da periculosidade da doença, o mundo todo se organizou para promover ações que visassem a diminuição da sua propagação (VELAVAN; MEYER, 2020). No Brasil as ações de prevenção sobre a contaminação pela Covid-19 aconteceram de forma desarticulada, pois não houve um processo harmônico e político entre o governo federal, estadual e municipal.

No momento da escrita deste trabalho, já passamos de 420.000 vítimas em território nacional, sendo impossível descrever o sentimento que paira em parte da sociedade em relação ao medo, a angústia e desespero perante toda situação que pode acometer pessoas conhecidas e queridas. São famílias devastadas, perdas e mais perdas irreparáveis, sendo que o mais apavorante é que ainda sim, diante de tanto perigo, parece não haver uma iniciativa pública articulada que faça frente ao vírus. Dessa forma, o que se pode observar é que, além da pandemia estar levando milhares de vida, a inércia do governo federal em relação a periculosidade da doença, faz ainda mais vítimas, deixando a população carente cada vez mais sem escolhas, sem direito à vida.

Com intuito de barrar/restringir a contaminação pelo vírus SARS-Cov-2 a OMS sugeriu medidas preventivas, tais como o isolamento social, uso de máscara, assepsia constante com álcool, dentre outras de ordem individual e coletiva. Como consequência disso, o ensino passou a ser realizado de forma remota, obedecendo medidas de prevenção contra a contaminação da Covid-19. Especificamente na UFLA, nosso lócus de pesquisa, o primeiro semestre de 2020 teve de ser reajustado consoante ao atendimento a essas medidas preventivas. No segundo semestre desse mesmo ano, as atividades continuaram sendo desenvolvidas de forma remota, seguindo normativas estipuladas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFLA (Resolução: N°119/2020, N° 178/2020 e N°051/2021). E foi neste período que realizamos a pesquisa colaborativa com o docente da disciplina Pedagogia das Lutas, desenvolvida conforme a tratativa do modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) que fora estabelecida pela instituição, em conformidade com outros órgãos governamentais que regulam essas práticas.

A UFLA estabeleceu o ERE por meio das Resoluções N° 119/2020, 178/2020 e 051/2021 do CEPE e, para tanto, disponibilizou um modelo de Roteiro de Estudos Orientado (REO) como base de uma proposta para o desenvolvimento do trabalho docente. Neste modelo de REO, os docentes tiveram acesso a proposituras sobre como elaborar e desenvolver os processos de ensino durante a crise sanitária. Esta proposta de modelo do REO teve como premissa o Artigo 9º, Inciso 1º da Resolução N°119/2020 (CEPE):

O REO (ou plano de aulas) é instrumento base de orientação dos estudantes e nele deve constar a descrição do tema de estudo, o/s objetivo/s de aprendizagem relacionados ao tema, o conjunto de procedimentos para o alcance desses objetivos, bem como as referências relativas ao que deve ser estudado com indicação de materiais, livros, artigos e/ou mídias onde o estudante pode ter acesso a estas referências (p. 2).

Como dito anteriormente, os docentes tiveram autonomia para optar por diversas estratégias teórico-metodológicas no processo de ensino/aprendizagem, porém essa escolha deveria respeitar a estrutura do ERE. Nesse sentido, o docente responsável pela disciplina elaborou sua proposta segundo as orientações normativas da instituição, sendo que os REOs se alternaram semanalmente em etapa de estudos e desenvolvimento de atividades, além dos encontros síncronos no horário em que as aulas estavam previstas para acontecer antes da pandemia (todas as gravações dos encontros foram disponibilizadas aos discentes no campus virtual).

Essas atividades foram previstas e amparadas pela normativa supracitada e, mais do que isso, no caso dos discentes, mesmo quem não pudesse acompanhar sincronamente as aulas, deveria ao menos uma vez na semana se dedicar aos estudos do componente curricular (disciplina), além da necessidade de entregar as propostas avaliativas dentro do prazo indicado pelo docente. Conforme o Art 14º Inc. 2º Resolução 119/2020 (CEPE), as produções poderiam ser na forma de “vídeo, texto, resenha, artefato, objeto, tecnologia, método, resolução de problema, projeto elaborado, execução de tarefas, realização de testes em questionários, entre outros, considerado/s como parte das atividades avaliativas do semestre” (p. 2).

Cabe sublinhar que os estudantes da UFLA em situação de vulnerabilidade socioeconômica tiveram apoio da instituição para ter acesso à internet durante este primeiro momento de ERE, para que não fossem prejudicados enquanto durasse o período letivo. Este suporte foi previsto no Art. 2º da Resolução N°119/2020 do CEPE, que passou por alterações na medida em que a pandemia ampliava o acometimento de pessoas no sul de Minas. Em decorrência do aumento exponencial de internações pela Covid-19, foram decretadas medidas

mais restritivas para combater o avanço e a propagação do vírus, dessa forma, a UFLA passou a seguir a orientação do programa “Minas Consciente”. Programa esse criado pelo governo estadual que visava a retomada ou a restrição das atividades socioeconômicas, de lazer e esportiva em âmbito municipal. Diante disso, no contexto da UFLA as atividades de ensino e extensão do semestre de 2020/02 se mantiveram no formato trabalho remoto, o que não influenciou o decorrer da disciplina de Pedagogia das Lutas, uma vez que toda ela já havia sido planejada no formato ERE, utilizando do REO.

Sobre o assunto, Moreira, Henriques e Barros (2021) salientam que a situação de pandemia causada pela Covid- 19, em especial, as mudanças que aconteceram na educação, impactaram abruptamente à docência no Ensino Superior. Em face do exposto, os autores destacam que os principais desafios desse novo formato de ensino foram a utilização de vídeos, e-atividades, plataformas para os encontros virtuais e o trabalho docente.

Esmiuçando o trabalho dos autores da área (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2021), identificamos propostas didáticas parecidas com as que foram adotadas no interior da disciplina de Pedagogia das Lutas, de igual modo as que foram sugeridas pelo CEPE da UFLA. Nessa direção, os autores sugeriram o uso de um Guia Pedagógico Semanal (GPS) que, em suma, serviria para orientar os estudantes quanto às atividades e o desenvolvimento/planejamento do conteúdo a ser estudado. Dessa maneira, tanto o REO quanto o GPS seriam recursos utilizados pelos professores visando planejar um sequência de estudos/atividades que deveriam ser analisados/discutidos/resolvidos nos encontros síncronos ou assíncronos.

Em última instância, Moreira, Henriques e Barros (2021) ainda apontam que:

É recomendável que no ambiente virtual exista pelo menos um espaço de comunicação para as notícias e avisos; um espaço para as dúvidas que os estudantes possuam; um espaço informal onde os estudantes possam interagir de forma mais descontraída; e diferentes espaços criados em cada tópico para as atividades que se possam desenvolver em cada tema (MOREIRA, HENRIQUES; BARROS, 2021, p. 26).

Essa recomendação acima diz respeito à comunicação entre professor e aluno no processo educacional, seja ela de forma síncrona ou assíncrona, visto que o espaço de troca, diálogo e reflexão coletiva é fundamental no contexto da virtualidade. No decorrer da disciplina de Pedagogia das Lutas foram criados espaços de interação entre professores e alunos, tais como os fóruns de discussão e os painéis de registro que permitiam àqueles que não participavam dos encontros síncronos, de alguma forma, socializar suas dúvidas e descobertas.

Em se tratando da participação e envolvimento dos alunos no ensino remoto, Appenzeller e colaboradores (2020) diagnosticaram a dificuldade de acesso e acompanhamento das atividades *online*, por parte dos estudantes de graduação, em instituições públicas. Esses obstáculos estavam relacionados ao acesso precário à internet e falta de aparatos tecnológicos que dão suporte ao ensino em tal formato (notebook, celular e tablet). A UFLA, como dito anteriormente, subsidiou o acesso à internet para estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, minimizando os impactos causados pela transformação abrupta do ERE. Contudo, notamos no interior da disciplina que muitos dos discentes tiveram suas vidas transformadas/abaladas pela Covid-19, razão pela qual tiveram de trabalhar em tempo integral, o que interferiu no processo de desenvolvimento dos estudos no âmbito da graduação.

Castioni e colaboradores (2021) ao investigarem o ensino nas Universidades Federais durante a eclosão da pandemia da Covid- 19, estranhamente destacaram que pequena parte dos estudantes de graduação, cerca de 2%, não tinham acesso à internet. No entanto, os dados que os autores utilizaram para realizar essas constatações são oriundos da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD- Contínua) do ano de 2018, mas, mesmo assim, podem fornecer uma margem de aproximação com a nossa realidade no momento desta pesquisa (2021).

No caso da UFLA, em conjunto com grande número de Universidades no país inteiro, a migração do ensino presencial para o remoto foi realizada em muito pouco tempo, o que certamente impactou a vida cotidiana de estudantes e docentes em diferentes sentidos (BRASIL, 2020). Na próxima seção passaremos a apresentar os caminhos formativos traçados no contexto da disciplina de Pedagogia da Lutas, revelando os dilemas, desafios e experiências significativas de ensino e aprendizagem.

3.1 Representações discentes acerca das lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate

Ao trabalharmos as representações dos discentes à respeito do universo das lutas, buscamos uma compreensão sobre como a vivência, as dimensões sociais e a leitura de mundo que eles possuem interferem na compreensão deste fenômeno em um primeiro momento. A impressão que cada pessoa tem ao ler determinado material, ao assistir alguma peça teatral, ao contar uma história, é influenciada diretamente pelo caldo cultural do sujeito. De igual modo pelas relações de poder a qual ele está submetido, representada pela composição e intenção do

autor que cria a obra para determinado público. Sendo assim, as representações que cada pessoa carrega consigo são constituídas de acordo com suas histórias de vida e permitem outras interpretações de mundo (CHARTIER, 1991).

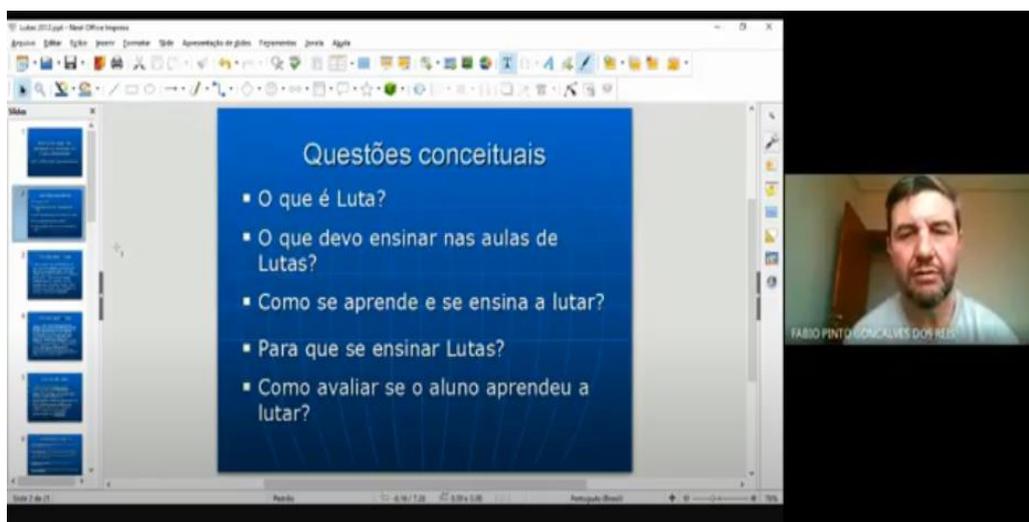
Isso posto, as narrativas dos/as discentes são importantes para compreendermos as representações que são evidenciadas sobre a compreensão da definição de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate. Para Resende (2018), a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. Desse modo, expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral, não podendo ser nunca concebida apenas como uma representação mental ou interior. Segundo a autora, a representação é sempre marca ou traço visível, exterior, que incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. Em última análise, ela é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido em um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder.

Desse modo, ao evidenciarmos as representações dos/as discentes, por meio de suas narrativas sobre o entendimento do universo das práticas de luta, ao mesmo tempo buscamos desconstruir essas representações que eles/as carregam consigo, levando em consideração que elas não são fixas, pois, apesar de funcionarem como convenções sociais, elas não são regras inquebráveis (RESENDE, 2018).

Partindo desses pressupostos, o primeiro material (REO 1) objeto de análise foi composto por 23 (vinte e três) relatos que foram produzidos, do primeiro para o segundo encontro (virtual) da disciplina. As atividades desenvolvidas tinham como premissa as seguintes indagações disparadoras: “O que são lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate? Como podemos ensiná-las?”. A propositura era a de que os discentes elaborassem tais respostas, levando em consideração apenas a bagagem histórica/cultural de cada um, adquiridas ao longo da trajetória formativa e das experiências de vida. Explicando melhor, estes relatos desenvolvidos pelos alunos foram marcados por, de alguma forma, praticarem uma arte marcial, acompanharem os torneios e competições na televisão, assistirem filmes, novelas, séries e desenhos animados, dentre outros aparatos culturais, midiáticos e tecnológicos.

Após essa atividade diagnóstica, partimos para o primeiro encontro virtual da disciplina Pedagogia das Lutas embasados pelo aporte teórico de Mariana Simões Pimentel Gomes et al (2008) cujo título é “Ensino da lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais”. Durante a aula o professor indagou os discentes à respeito das conceituações fundamentadas

pelo artigo científico confrontando o que fora produzido na proposta de atividade com base nas representações externadas. A seguir, trouxemos uma provocação complementar com o objetivo de refletir coletivamente com o grupo sobre o processo didático necessário para o ensino das lutas, a qual está registrada no slide abaixo:



Fonte: (aula 11/11/2020)

Diante destas questões, foram propostas algumas reflexões aos discentes no sentido de pensar que para um processo de ensinagem é imprescindível considerar tais aspectos, não somente no âmbito das Lutas/Artes Marciais, mas de quaisquer outras práticas corporais. E a partir disso, os discentes começaram a ter o primeiro contato com os aportes teóricos da disciplina Pedagogia das Lutas, no tocante aos conceitos de Luta, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate e sobre como pensar em uma metodologia adequada para os diferentes ambientes formais e informais.

Analisando a concepção dos discentes, obtivemos uma variedade de respostas que, aparentemente, trazem à tona pontos de interseção e distanciamentos de acordo com a subjetividade de cada um constituída no processo formativo do próprio curso de licenciatura em questão. Cabe ressaltar que o campo semântico envolvendo o termo Luta pode nos levar a compreensões diferentes sobre as quais queremos abordar nessa pesquisa. Sendo assim, entendemos tal fenômeno, de acordo com Pucelini (2004), como práticas corporais definidas pela interação entre as pessoas, tendo o objetivo de permitir experiências de dominação sobre o outro na prática, mas que simultaneamente deve permitir que os oponentes tenham as mesmas possibilidades de ataque.

Ao interpretarmos como o termo “Lutas” apareceu nos primeiros relatos, podemos anotar determinadas recorrências temáticas, tais como; técnicas/golpes, disputa, prêmio, machucar, treino, brincar, defender brigar, adversário, disciplina, ataque/defesa, inimigo, regras e cultura. Diante destas associações feitas ao mencionado conceito, começaremos nossa análise pelo “brigar”, pois esse aspecto apareceu escrito em quatro trabalhos realizados no âmbito da disciplina, a saber:

[...]dificuldade de serem introduzidas na escola por muitas vezes serem confundidas com uma “briga”, o que é justamente o contrário[...] (Rickson Gracie).

[...]separarmos o conceito de luta como sinônimo de “BRIGA” “VIOLÊNCIA” /” SELVAGERIA” entre outros sentidos errôneos [...] (Gabi Silva)

[...]deixar claro para os alunos que luta não é briga [...] (Cris Cyborg)

A luta ensina exatamente maneiras de como agir e quando agir caso esteja sendo atacado por alguém, como em brigas[...] (Kyra Gracie).

Como se pode constatar, parte dos discentes apontaram a diferença entre as Lutas e as brigas, assim como nos mostra Gomes (2008), tendo em vista que as manifestações codificadas de combate têm princípios diferentes que operam distintamente, em especial, a presença de regras e espaço definido de confronto. Apesar disso, identificamos em um dos quatro enunciados produzidos pelos discentes uma pequena aproximação entre essas práticas, sobretudo, quando a Kyra Gracie associou indiretamente os termos. Nos outros 19 (dezenove) relatos, não foram detectadas correlações diretas ou indiretas entre as concepções dos elementos analisados.

Para diferenciarmos ainda mais essas questões, Gomes (2008) contribui ao destacar que, ao contrário das brigas, as Lutas têm como característica o contato proposital entre duas ou mais pessoas que com ações ofensivas e defensivas buscam acertar ou imobilizar o oponente-alvo. De acordo com a conceituação dessa autora, uma manifestação de Luta possui regras previamente reconhecidas e respeitadas, bem como, compõem-se de ações corporais imprevisíveis com o intuito de sobrepujar o oponente. Além disso, é preciso que exista um alvo personificado no oponente, podendo ser também em nível imaginário (quando acontece treinamentos/demonstrações de técnicas de lutas que não necessariamente necessitam de um oponente físico) (GOMES, 2008). A ausência de qualquer uma dessas características, segundo a autora, descaracteriza o fenômeno e dá lugar a outros tipos de manifestações.

Em relação ao termo Artes Marciais, observamos a ocorrência de outras palavras que foram elencadas direta ou indiretamente à referida prática corporal, sendo elas: disciplina, batalhas, guerras, história, técnicas, implementos, defesa pessoal, cultura e atividades físicas. Para Correia, Franchini (2010) e Rufino (2018) a Arte Marcial faz menção a práticas utilizadas em guerra que, com o passar do tempo, foram sendo atribuídos novos significados, quais sejam, o de beleza e estética dos movimentos, os referentes às condutas e fundamentações filosóficas com forte influência oriental. Sendo assim, ao analisarmos a ocorrência de palavras que foram associadas ao termo “Arte Marcial” notamos uma aproximação com o conceito de ‘técnica’ amplamente utilizado no campo da Educação Física, em especial, no Esporte.

O termo “técnicas” foi um dos mais recorrentes em grande parte dos relatos, sendo correlacionado a perspectiva das Artes Marciais, o que é corroborado por Correia, Franchini (2010) e Rufino (2018). Observa-se essa relação em alguns excertos abaixo:

Quando é mencionada a palavra artes marciais, logo me vem na cabeça que são às técnicas de lutas desenvolvidas para utilizar em batalhas[...] (Anderson Silva).

As artes marciais surgiram como uma luta corporal própria para guerras, técnicas de lutas desenvolvidas para utilizar em batalhas[...] (Kyra Gracie).

As artes márcias é um conjunto de técnicas de cada lutador[...] (Amanda Ribas).

[...]artes marciais é um conjunto de técnicas de luta individual (Amanda Nunes).

A impregnação da técnica ao universo das Artes Marciais parece ser problemática ao ser trabalhada na escola de forma apolítica e descontextualizada, visto que a Educação Física escolar, assim como os outros componentes curriculares da educação básica, deve propiciar aos alunos a emancipação por meio do conhecimento, formando pessoas que neguem a submissão do homem pelo homem (BRACHT, 2005). Dessa forma, os conteúdos tratados não devem objetivar a repetição técnica e mecânica dos movimentos, pois isso retrata uma perspectiva acrítica de educação, por isso mesmo, é preciso priorizar a reflexão sobre o que está se fazendo, o por quê dos fazeres. Nesse sentido, a Educação Física engloba os saberes históricos pertinentes à cultura corporal, que são manifestados por meio das danças, lutas, ginásticas, esportes e etc (BRACHT, 2005).

Daolio e Velozo (2008) demonstram que a técnica começou a ser algo incorporado na Educação Física em meio a uma espécie de adjetivação dos movimentos corporais, com alta eficiência, pouco gasto energético e muito desempenho. Os autores, então, ressaltam que a

técnica passou a ser descontextualizada de seu local de origem, ao passo que adquiriu a universalização e acabou influenciando os processos de ensino e desenvolvimento das diversas manifestações corporais, contribuindo com a avaliação do movimento executado pelo indivíduo, se é correto ou errado, a partir de um modelo padronizado. De igual modo eles ainda apontam que o ensino baseado no modelo técnico é fragmentado, mecanizado e racionalizado:

A técnica tem sido vista tradicionalmente no ensino dos esportes por um viés estritamente mecanicista, no sentido de um meio que seja o mais eficiente para se realizar determinada ação. Por outro lado, ela também se torna fim, uma vez que a dimensão da estratégia de ação é supervalorizada. A dimensão da eficiência de execução da técnica é o centro da preocupação, por isso a característica tecnológica atribuída ao estudo das técnicas por certos estudiosos da Educação Física e Esporte (DAOLIO, VELOZO, 2008, p. 53).

E a crítica ao ensino baseado em uma perspectiva centrada na técnica ocorre justamente na homogeneização de um determinado modelo de movimento, considerando-o como perfeito. Como exemplo, trazemos o que aconteceu no mundo das Artes Marciais, mais especificamente em um combate de MMA entre dois brasileiros que se enfrentaram, Anderson Silva e Vitor Belfort. O ano era de 2011 e existia uma rivalidade épica entre os dois lutadores, porém, o combate acabou de forma inusitada com um *nocaute* no primeiro *round* depois de um chute frontal, que o Anderson Silva aplicou no Victor Belfort. A imagem deste golpe percorreu o mundo todo lhe rendendo fama, mas deve-se atentar para o fato de que o Anderson Silva tem suas características físicas próprias, sendo que o momento de execução do ataque foi muito específico no contexto do combate. Descontextualizar esse chute, trabalhando-o como único modelo possível, sem levar em consideração o momento de execução e suas possíveis variações, ou tratá-lo de forma supervalorizada na vitória sobre o oponente, pode reduzir as possibilidades de experimentação e aprendizagem. Daolio e Velozo (2008) ao criticarem o ensino centrado na técnica, enfatizam que:

Se a técnica for considerada somente como um fazer mecânico, reproduzindo rígidos modelos de execução, será perdido o caráter autoral, singular e variável da técnica como construção humana, com significados culturais específicos. Será perdida também a possibilidade de criação, de solução de problemas, de se fazer de forma singular (DAOLIO; VELOZO, 2008, p. 34).

Neste sentido, é necessário compreender as Artes Marciais para além dos limites da técnica, no sentido criticado pelos autores, pois o ensino/aprendizagem implica em refletir e

vivenciar diferentes dimensões dos saberes sobre o objeto de conhecimento, tal como nos propõe Daolio e Velozo (2008):

Assim, não se deve insistir apenas na repetição de certos gestos esportivos tidos como os mais eficientes, pois isso desconsidera que o esporte se constitui e se expressa por um conjunto de significados que transcende a dimensão mecânica do gesto. Propomos, enfim, o ensino da cultura esportiva de forma mais democrática, singular e autoral, respeitando as especificidades culturais e as constantes ressignificações do esporte (p. 33).

Para além da técnica, destacamos também outra associação tecida pelos discentes que diz respeito a interface entre ‘disciplina’ e as Artes Marciais. Em especial, dois relatos chamaram a atenção para o fato de que a Arte Marcial pode servir como uma ‘ferramenta’ para se alcançar a disciplina, por meio da sua filosofia e valores implícitos. Com a finalidade de elucidar isso, mencionamos a seguinte passagem:

[...] mas o ponto mais importante de uma arte marcial é a disciplina [...] (Muhammad Ali).

[...] trazem consigo o aprendizado de uma cultura de disciplina [...] (Jessica Andrade).

Essas escritas podem estar correlacionadas com a história das Artes Marciais por se tratarem de ensinamentos que eram postos à prova no passado, em combates militares (RUFINO, 2018), o que exigia dos praticantes comprometimento com a prática e os ensinamentos, para dentro e fora dos ambientes de luta. Em se tratando da concepção de disciplina, como essa formação disciplinada dos sujeitos é constituída no interior das Artes Marciais? De que forma essa compreensão por parte dos discentes, futuros professores de Educação Física escolar, foi sendo construída? Essas são indagações pertinentes ao âmbito de formação, uma vez que é preciso problematiza-la com responsabilidade no contexto educacional. Para Foucault (2001) a disciplina surge como um meio de “docilizar” os corpos, como adestramento, para formar pessoas submissas e mais produtivas social e economicamente. Ainda para o autor, a disciplina imbrica-se a um poder invisível segundo o qual todos estão sujeitos, ao passo que abrange tudo e todos em quaisquer relações sociais, manifestando-se de diferentes formas em nossa sociedade, tais como; em arquiteturas de prédios, avaliações que classificam pessoas e as punem, além da submissão por normas.

Sobre o tema, Judith Revel (2005) considera, em uma perspectiva foucaultiana, a disciplina como um regime de interferência no comportamento do sujeito, adestrando-o em suas

formas e manifestações corporais na medida em que cria uma espécie de intensificador de performances, valendo-se não pela soberania, mas pela normalidade imposta. Autora ainda destaca a relação entre o surgimento da disciplina e anatomia do poder que, resumidamente, equivale dizer sobre “uma arte do corpo humano, que não visa somente ao crescimento de suas habilidades, nem ao incremento de sua sujeição, mas formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil ele for, e inversamente” (REVEL, 2005, p. 67). Dessa maneira, quando entendemos a disciplina como algo que se constitui por meio das relações de poder, atuando politicamente no controle sobre os corpos, faz-se necessário repensar quais as implicações na sua associação com as Artes Marciais. Pois defendemos aqui que o ensino/aprendizagem de tal fenômeno deve possuir um caráter subversivo em relação a subordinação do homem pelo homem, ou seja, que essa prática permita formar pessoas que resistam a disciplinarização dos seus corpos.

Em outra perspectiva, Streck e colaboradores (2015) ao se basearem em Paulo Freire, afirmam que disciplina está relacionada a diferença entre autoridade e o autoritarismo, quando da interação professor-aluno. No que se refere ao autoritarismo, os autores revelam que pode ser considerado como uma forma de impor o poder por meio de leis e regramentos, já a autoridade diz respeito à comportamentos baseados no respeito mútuo entre os sujeitos. Assim, a liberdade e o reconhecimento da autoridade atuaria com agenciadora da disciplina que, nesse sentido, seria considerada como algo intrínseco ao sujeito e colaboraria com o desenvolvimento próprio e social. No entanto, pode ser tratada também como negação da obediência e da conformidade a imposições estabelecidas por meio de um poder dominante autoritário (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015).

Dentre outras possíveis interligações, temos as estabelecidas entre as “Artes Marciais” e a “guerra”, visto que foi nesse contexto social que temos os primeiros registros sobre o uso de tais técnicas corpóreas (CORREIA; FRANCHINI, 2010; RUFINO, 2018). Essa aproximação tecida em diferentes relatos aparece nos seguintes trechos abaixo:

As artes marciais surgiram como uma luta corporal própria para guerras [...] (Leticia Ribeiro).

Artes marciais tem o lado histórico das guerras e tem sido sistematizadas ao longo dos tempos (Flavio Canto).

[...] são modalidades de lutas e que foram derivadas das guerras do passado. (Hélio Gracie).

As artes marciais eram usadas nas guerras, e foram sistematizadas ao decorrer dos anos (Braulio Estima).

Como podemos observar, para alguns sujeitos pesquisados fica evidente de que tal aspecto faz jus a história tradicional das Artes Marciais, como elas surgiram e foram disseminadas no passado (RUFINO, 2018). Diante disso, consideramos que não houve inicialmente o aprofundamento necessário no que concerne ao tema, de tal modo que apenas Acelino Popó foi além ao afirmar que “*a expressão ‘artes marciais’ seja mais voltada para o íntimo, o autoconhecimento e aceitação com seu corpo e mente*” (Acelino Popó). Esse olhar é corroborado por Amanda Ribas, pois, segundo ela, “*as artes marciais são uma modalidade onde quem pratica utiliza não só um conjunto de técnicas físicas, mas também mentais*”.

Para Rufino (2018, p. 22) “a expressão latina (Arte Marcial) foi concebida a partir de uma ligação mitológica com deus da guerra romano, sendo vinculada atualmente sua gênese à resolução de conflitos (com sabedoria) da vida cotidiana”. Contudo, os múltiplos significados relacionados à manifestação nos revelam uma nova compreensão vinculada a determinadas modalidades de Lutas, que estão regidas por condutas físicas e práticas apropriadas além de fundamentos filosóficos de orientação, oriundos em grande parte do oriente. Sendo assim, um “artista marcial é aquele(a) que domina técnicas específicas de Luta, e também consegue dominar outros campos do saber” (RUFINO, 2018, p. 28).

Como foi proposto no REO 1, ainda existe uma concepção por parte dos discentes à respeito das Lutas a ser analisada aqui, ou seja, as Modalidades Esportivas de Combate (MEC). As MEC, para Correia e Franchini (2010), tratam das Artes Marciais e dos combates, de uma forma sistematizada, considerando o envolvimento de organizações, federações e regras universalizadas. A partir dos elementos de mensuração de resultados, competições, espetáculos, rendimento corporal e espetacularização dos movimentos corporais, Rufino (2018, p. 19) destaca que as MEC, “são Lutas e Artes Marciais que passaram por uma transformação relacionada ao esporte, isto é, passaram por um processo de ‘esportivização’”. É a partir dessa aceção elaborada pelo autor que dialogaremos com a produção dos discentes, posto que os mesmos salientaram que essas práticas corporais têm relação com regra/regras, adversário, torneio/competição, esporte, competição, contato físico, categorias e artes marciais.

As palavras “regra/regras” foram as mais associadas ao termo MEC, haja vista que dos 23 (vinte e três) trabalhos perscrutados, oito deles apresentaram esta característica. Isso nos mostra que para uma parte significativa do grupo, as regras são elementos fundamentais à prática, tal como fica evidenciado no relato a seguir: “*esporte de combate é caracterizado como*

sendo o esporte em que duas pessoas duelam, lutam entre si, porém com as devidas regras do esporte [...]” (Gabi Garcia). Em outra narrativa escrita, observamos que, segundo Deiveson Figueiredo, *“[...] as modalidades esportivas de combate são as lutas e artes marciais sistematizadas esportivamente com regras e divididas em categorias”*. De acordo com Correia; Franchini (2010) e Rufino (2018), as MEC têm como característica marcante as regras como característica essencial para que se possa compreender este fenômeno.

Outro elemento marcante nas narrativas discentes é a, quase inevitável, interseção entre as MEC e o esporte, de tal maneira que Kyra Gracie assinala que *“as modalidades esportivas de combate são as lutas e artes marciais que foram esportivizadas com regras”*. De igual modo isso corrobora com o que dizem Correia e Franchini (2010), pois segundo os autores, a influência das características presentes no esporte moderno foram penetrando na cultura das Lutas/Artes Marciais. Neste outro relato, também pode-se notar a atribuição de características esportivas às MEC, tendo em vista que elas *“[...] se configuram como uma configuração das práticas de lutas, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, orientadas pelas instituições desportivas”* (Hélio Gracie).

Voltando ao grande ‘guarda-chuva’ que é o conceito de Lutas, concordamos com Gomes (2008) de que essas manifestações são oriundas de um conjunto de princípios, que condicionam a sua existência, ao não haver a totalidade deles, a prática social não pode ser considerada como tal. Conforme a autora, são cinco princípios condicionais (elementos comuns) que compõem todas as Lutas, sendo eles; fusão ataque/defesa, regras, imprevisibilidade, oponente/alvo e contato proposital. Retomamos isso porque identificamos nos relatos alguns dos mencionados pontos comuns, tal e qual é escrito, mas também apareceram sinônimos. Em contrapartida, em nenhum dos materiais constatamos os cinco princípios em conjunto, o que nos indicou naquele momento formativo, a necessidade de trabalharmos com àquela conceituação. Ocorre que estamos em processo de formação inicial de licenciandos em Educação Física, por isso, a compreensão destes aspectos contribui efetivamente para organização didática do trabalho didático na escola, sobretudo, por meio dos jogos.

Sendo assim, essas práticas corporais também são classificadas por Gomes (2008) em curta, média e longa distância, sendo que isso foi desenvolvido a partir da compreensão dos objetivos táticos de cada modalidade marcial na tentativa de propor uma metodologia (via Pedagogia do Esporte) que possibilitasse/ampliasse os processos de ensino/aprendizagem na escola.

No que tange as Lutas/Artes Marciais de curta distância, observamos a característica de contato contínuo segundo as quais os lutadores se tocam durante todo o combate, tal como ocorre no Judô, no Sambo, no Sumo e no Jiu-Jitsu, por exemplo.

Imagem 1: Jiu-Jitsu



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/818107088542755372/>>. Acessado em 13 de mai. de 2020.

Nas lutas/artes marciais de média distância, temos como principal característica o contato intermitente por intermédio de socos, chutes, cotoveladas e joelhadas, tal qual acontece no Karatê, no Kung Fu, no Taekwondo e no Boxe.

Imagem 2: Boxe



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/530087818616263828/>>. Acessado em 13 de mai. de 2020.

De acordo com as classificações de aproximação da autora supracitada, as Lutas/Artes Marciais de longa distância acontecem por meio da utilização de implementos. Como exemplo temos a Esgrima, prática de combate realizada com objetos pontiagudos (espadas, sabre e florete) cuja finalidade é acertar o oponente em pontos vitais com este implemento. Tal como exemplifica a imagem abaixo.

Imagem 3: Esgrima



Fonte: Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/576601558529340764/>>. Acessado em 15 de mai. de 2020

Partindo da prerrogativa de classificar essa manifestação pelo contato, uma proposta intitulada Rede de Jogos de Lutas foi apresentada por Pereira et al (2017). Nessa sugestão didático-metodológica, o conteúdo pode ser identificado por características e semelhanças, agrupadas em unidades complexas no interior de um sistema maior. Nesse caso, o jogo/luta representa o todo e os tipos de contato, as partes desse todo. Essas se subdividem conforme os vários tipos de Lutas/Artes Marciais em cada um dos contatos, e conforme os jogos, em cada “um dos tipos de lutas. Esta perspectiva sistêmica/complexa estabelece o paradoxo de unidade e de diversidade como uma teia de acontecimentos, movida por ações e interações, em contraposição ao pensamento reducionista que se mostra insuficiente para a compreensão do todo” (p. 343).

Os autores afirmam que a rede dos jogos de luta traz como elemento principal a concepção do jogo/luta, de igual modo estabelece conexões com as três possibilidades de contato (GOMES; SCAGLIA, 2011) nas práticas de combate. A partir dessas interações, os

referidos jogos estabelecem estreita relação entre a concepção de jogo/luta e as modalidades especializadas, permitindo inúmeras interações entre os elementos.

A ideia central da proposta baseia-se na perspectiva de que os jogos de luta podem carregar características de diferentes grupos situacionais, ou seja, envolverem diversas formas de contato. Com a defesa de que as Lutas/Artes Marciais são manifestações de jogo, os autores organizaram didaticamente tal proposta com o objetivo de que o professor de Educação Física possa contextualizar melhor as experiências corporais em seu fazer pedagógico, de modo que os estudantes notem essa manifestação até em uma simples atividade de empurrar o colega (PEREIRA et al, 2017).

Somando-se aos pressupostos desses autores supramencionados (GOMES; SCAGLIA, 2011) que desenvolveram a classificação das lutas baseada no contato entre os oponentes (contínuo, intermitente e mediado por implemento), Pereira e colaboradores (2021) incluem mais três possibilidades para pensar didaticamente essas subdivisões, a saber: Lutas de contato mediado por implementos de lançamento, Lutas de contatos mistos e a inspiração filosófica.

Segundo os autores, as Lutas de contato mediado por implemento de lançamento englobam as manifestações que utilizam um implemento de lançamento (lutas de distância para implementos de lançamento). Para sua consecução deve haver uma grande distância entre os oponentes, ao passo que eles possam manipular e lançar o objeto com êxito. Para cumprir o objetivo do combate (atingir o adversário de alguma maneira), os oponentes dependem de um implemento/arma que lance projéteis ou que figurem na condição de instrumento cujo teor possa ser lançado no oponente, tal qual: “o arco e flecha, facas, lanças, shurikens (estrela ninja), kunais (lâmina de ferro com um grande furo na base) chakrams (arma de arremesso circular), bumerangues, dentre outros. São “apetrechos” que pertencem categorias de lutas e artes marciais como: o Kyodo, o Ninjutsu, o ShurikenJutsu, etc” (PEREIRA et al, 2021, p. 48).

No caso das Lutas de contato misto, trata-se de manifestações que utilizam duas ou mais formas de contato para alcançar o objetivo de combate. O MMA, por exemplo, é uma Luta de contato misto, pois as suas possibilidades de contato com oponente podem ser por meio de golpes de contusão, como socos e chutes, incluindo também a utilização das técnicas de agarre, como imobilizações e finalizações (PEREIRA et al, 2021). Para os autores, o Kung Fu pode ser um outro exemplo de contato misto, de modo que utilizam-se implementos (bastões, espadas, lanças) em uma das suas variações de ataque e defesa. Por fim, pode-se classificar o Ninjutsu também como luta de contato misto, pois nessa Arte Marcial os lutadores aprendem a utilizar implementos (bastões, espadas, facas) para aplicar golpes de contusão, mas também para

imobilizar o oponente utilizando o implemento (PEREIRA et al, 2021). “Além de aplicar socos e chutes, podem-se utilizar implementos de lançamento, tais como os shurikens (estrelas ninja), favorecendo com que essa prática de luta englobe todas as formas de contato” (PEREIRA et al, 2021, p. 50).

Outro princípio norteador do ensino das lutas na escola destacado por Pereira e colaboradores (2021), refere-se a inspiração filosófica. Para os autores, as filosofias de vida, os códigos éticos e sociais dos guerreiros sempre estiveram presentes em todas as artes marciais orientais e na maioria das lutas no restante do mundo. Esse é um princípio para ser construído “em conjunto com seus educandos, podendo ser inspirado, por exemplo, no Tao da China, no Budô do Japão ou em qualquer outro princípio atitudinal de uma Arte Marcial. Convém destacar que esse princípio deve estimular sempre o respeito mútuo e o senso de justiça entre os lutadores, antes, durante e após os combates” (PEREIRA et al, 2021, p. 42). Deve-se cultivar uma ambiência pedagógica baseada na reciprocidade entre todos os envolvidos nas aulas, primando pelo desenvolvimento de valores e atitudes voltadas à cultura de paz nas escolas. Embora seja curioso conceber que na ambivalência dessas práticas corporais se possam “problematizar/tematizar os conflitos e, por conseguinte, os caminhos que conduzam a solidariedade e longanimidade, virtudes que nos aproximam da paz interior e entre os semelhantes” (PEREIRA et al, 2021, p. 43). Logo, pensar em estratégias para a elaboração “de “contratos éticos” com nossos educandos é bastante importante para que eles realmente se apropriem dos valores implícitos nessas manifestações” (idem).

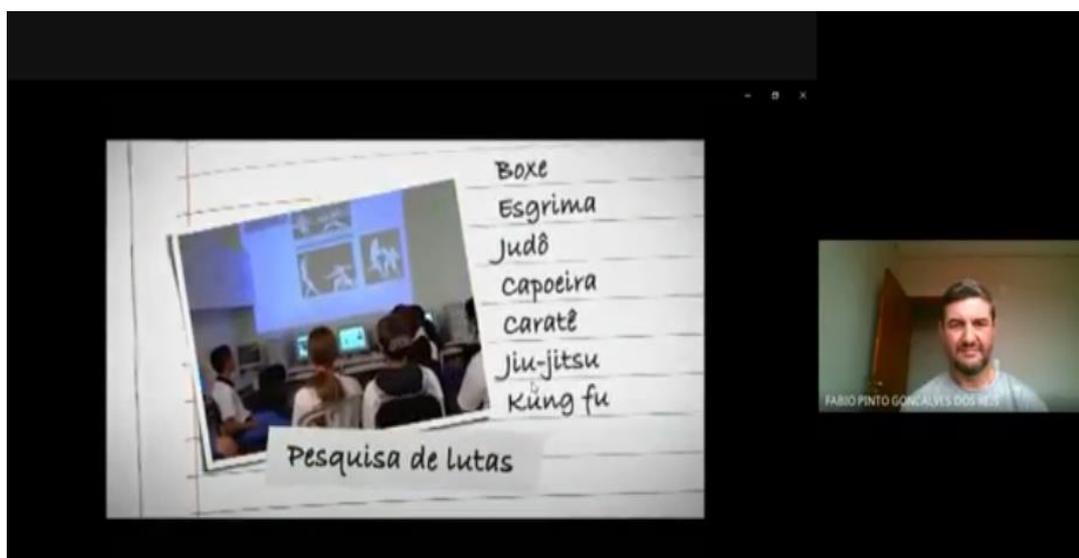
Ao incluir essa dimensão atitudinal presente nas Lutas/Artes Marciais como um dos elementos importantes que agrega valor ao escopo formativo do trabalho escolar, os aspectos metodológicos ganham potência educativa relacionada à humanização (PEREIRA et al, 2021). Em outras palavras, saber quais os caminhos mais plausíveis para o ensino a partir de propostas elaboradas por autores diversos (GOMES, 2008; GOMES e SCAGLIA, 2011; PEREIRA et al, 2017; PEREIRA et al, 2020) torna possível aproximar os constructos da pedagogia do esporte à outras teorizações.

Partindo desses seis princípios podemos criar diversas práticas inserindo parte do conhecimento das Lutas/Artes Marciais, o que torna esse universo ainda mais rico e possível de ser ensinado na escola. Isso pode ser explorado pelos professores, não somente por intermédio das especificidades de cada modalidade, mas, principalmente, a partir dos jogos que agregam todas as suas características comuns (PEREIRA et al, 2021).

O trabalho com conteúdo Lutas/Artes Marciais na escola, perpassa por alguns problemas em relação a falta de vivência por parte dos professores, os prejulgamentos concernentes a violência e a agressividade, a falta de disciplinas nos cursos de graduação dos professores de Educação Física, a falta de material e local para que esta pratica aconteça. Acerca disso, Rufino e Darido (2013) destacam que a falta de formação pedagógica voltada às Lutas/Artes Marciais é um problema tanto na educação de nível superior quanto na básica. No Ensino Superior os conhecimentos orientados sobre esse conteúdo, por vezes, fixam-se em saberes de uma única Arte Marcial pelo fato do professor ser praticante de alguma modalidade. Dessa forma, tal especialização de saberes técnicos pouco contribuem para que o professor em formação adquira uma base teórico-metodológica para o ensino no interior da escola.

As Lutas/Artes Marciais são manifestações da cultura corporal de movimento, portanto um conteúdo da Educação Física a ser trabalhado na escola, que foram constituídas ao longo da história da humanidade (PEREIRA, 2018). Além de se fazer presente em nosso cotidiano por meio de revistas, mídias, desenhos animados, videogames, propagandas e outros recursos que nos rodeiam, conforme apontou Pereira (2018). Assim sendo, tematizar este conteúdo é uma forma de possibilitar que os alunos compreendam o fenômeno, entendam seus limites e potencialidades para a leitura crítica do mundo.

De posse desses aportes teóricos, durante o encontro virtual síncrono nós (eu e o professor da disciplina) utilizamos recursos midiáticos que elucidavam à respeito das classificações e caracterizações expostas anteriormente, de maneira que os alunos pudessem ir construindo um raciocínio pedagógico sobre como trabalhar esses conteúdos na escola.



Fonte: (aula 11/11/2021)

Nesta aula, pudemos abordar e tematizar práticas pedagógicas sobre o ensino de Lutas/Artes Marciais na escola, ao passo que passamos um documentário (<https://www.youtube.com/watch?v=ES5Ie9XI9kM>) da professora Joice Nozaki, que desenvolveu um projeto acerca do conteúdo nas aulas de Educação Física, a fim de que fosse apreciado pelo grupo. No vídeo a professora explica como planejou e executou o projeto na escola, levando em consideração diferentes dimensões do ensino (conceitual, procedimental e atitudinal), trazendo o protagonismo dos alunos ao processo educacional. A partir da exibição do material, os participantes realizaram algumas reflexões à respeito da formação docente, assim como, sobre as práticas presenciadas.

3.2 Partindo para as questões didático-metodológicas: como ensinar Lutas/Artes Marciais na escola?

Depois de analisarmos diagnosticamente as representações discentes acerca de como enxergavam o universo conceitual e terminológico referente às Lutas, Artes Marciais e as MEC, partimos agora para interpretar as indagações sobre as possibilidades metodológicas para o conteúdo em questão. Assim, elaboramos três categorias analíticas e uma subcategoria a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos licenciandos participantes da disciplina, sendo elas: ensino de técnicas, ressignificação/transformação e ausência de resposta. A subcategoria está inserida dentro da categoria de ressignificação/transformação, a qual denominamos de Jogos/Brincadeiras. A tabela a seguir ilustra a quantidade de relatos concernente a cada categoria.

Tabela 10- Categorias e Relatos

CATEGORIAS	QUANTIDADE DE RELATOS
Ressignificação/Transformação	14
Jogos/Brincadeiras	
Ensino de Técnicas	5
Ausência de Reposta	4

Fonte: O autor (01/01/2021)

De acordo com nossa tabela, dos 23 (vinte e três) trabalhos escritos, 14 (quatorze) abordaram aspectos relativos às Ressignificações/Transformações dos conteúdos de

Lutas/Artes Marciais na escola, sendo que cinco destes incidem sobre o Ensino de Técnicas e outros quatro não souberam ou não quiseram responder a indagação.

No que se refere à categoria de Ressignificações/Transformações, os discentes deixaram claro que para se ensinar o conteúdo Lutas na escola, este deveria ser modificado didaticamente. O que nos chamou a atenção nesse contexto é que parte significativa dos discentes foram além da sugestão de transformação do conteúdo a ser abordado na escola e propuseram que isso poderia ser feito por meio de Jogos/Brincadeiras. Já em outra instância, na categoria de Ensino de Técnicas os alunos fizeram alusão ao ensino de Lutas na escola com base em técnicas específicas, voltadas para o treinamento e autodefesa. E na categoria de Ausência de Resposta se encontram os relatos segundo os quais não identificamos nenhuma escrita sobre como ensinar Lutas na escola.

Dando sequência na análise, cabe mencionar que agora aprofundaremos nosso olhar sobre cada categoria, começando pela de Ressignificações/Transformações a qual contamos com um total de 14 relatos. Nesta categoria, relacionamos excertos que tratam da transformação didático pedagógica do esporte (ou fazem menção a tal), conforme salientou Kunz (1994). Para o autor, essa transformação é necessária, pois o esporte que é visto e divulgado na grande mídia precisa ser problematizado para oferecer uma formação crítica ao educando. Segundo ele, mesmo se o esporte de alto rendimento fosse reproduzido no ambiente escolar, faltaria ambiente físico propício e profissionais qualificados para abordá-lo, porém, esse modelo colocaria em suspeição o próprio papel social da escola. Nesse sentido, Kunz (1994) trata da importância do esporte e da necessidade em trabalhá-lo na escola, mediante a uma transformação:

[...] o esporte é uma das objetivações culturais expressas pelo movimento humano mais conhecidas e mais admiradas, até mesmo entre as mais diferentes manifestações culturais existentes, torna-se imperativo uma transformação didático-pedagógica para torna-lo uma realidade educacional potencializadora de uma educação crítico-emancipatória (KUNZ, 1994, p. 126).

Aproximar o sentido da transformação didático-pedagógica do esporte, proposto por Kunz (1994), com o universo das Lutas/Artes Marciais significa pensar nos objetivos táticos envolvidos, na sistematização dos princípios comuns e características de aproximação entre as diversas manifestações (GOMES, 2008; PEREIRA. et al., 2018). Em última análise, a compreensão do fenômeno mediante suas características e princípios comuns possibilita sua transformação didático-pedagógica a partir do modelo proposto por Kunz (1994), assim, passa

a atender, pelo menos em tese, aos preceitos da educação escolar. Sigamos, então, com os seguinte excertos:

Para ensina-las, devemos levar em consideração muitos pontos. Lembrando que uma modalidade esportiva de combate é uma luta ou arte marcial sistematizada para a parte competitiva, voltada para academia. Então seria necessário ressignificar para o âmbito escolar, de forma lúdica e imaginária. Pensando também em fatores sociais que ali apareceriam (Amanda Nunes).

Obviamente que os aspectos de enfrentamento devem ser trabalhados, mas dentro de um ambiente escolar não usaremos uma modalidade de luta hierarquizada e competitiva, cabe ao professor ter a cautela de não transformar sua aula em um treinamento e isso é o que pode assumir um papel de dificuldade para muitos, porém, esse desafio é o que pode tornar a prática muito mais divertida, criar um método lúdico e diferenciado de levar uma arte milenar aos alunos (Bráulio Estima).

Nestes relatos, observamos que o discente além de propor uma mudança no conteúdo de Lutas a ser trabalhado na escola, cita outra característica que pode surgir nas aulas de Educação Física, a que diz respeito ao “treinamento” esportivo. Para Rufino (2018, p. 47) as Lutas são abordadas socialmente em três dimensões diferentes, a primeira se trata do esporte de alto rendimento, a segunda aparece centrada nos aparatos midiáticos (filme, desenhos e séries) e a terceira se refere a prática de Lutas como uma atividade de lazer. De acordo com o autor, essas são as formas pelas quais as Lutas são vistas socialmente, sendo que a partir dessa visão emerge uma problemática para o trabalho na escola. Sendo assim, o autor sugere um “trato pedagógico” do conteúdo para que ele possa ser trabalhado na escola (RUFINO, 2018 p. 47).

Diante dos excertos descritos aqui, pode-se perceber que a prática corporal de Luta deve ser transformada para que acolha o papel social da escola e se torne uma ferramenta educativa. Alguns dos sujeitos pesquisados foram além e apontaram de maneira bem pontual quais os caminhos e atividades poderiam ser desenvolvidas nesse contexto, conforme podemos constatar abaixo:

Acredito que o ensino de lutas na escola deve ser feito, como por exemplo, através de brincadeiras de cabo-de-guerra, braço de ferro e outras. A contextualização deve ser feita de maneira lúdica, levando o aluno a compreender a diferença entre as modalidades e entre modalidades esportivas de combate e brigas, e apresentar as lutas no contexto onde os alunos estão inseridos (Cris Cyborg).

Para ensinar tais práticas corporais, por exemplo, dentro de um ambiente escolar, o professor pode trabalhar com brincadeiras e jogos que tenham características próprias ou comuns as das lutas, artes marciais ou esportes de combate (Jessica Andrade).

Para essas autoras, a utilização de jogos/brincadeiras aparece como um meio pedagógico que levaria o aluno apreender Lutas na escola. Nesse sentido, Pereira e colaboradores (2021) também apontam para a utilização do jogo, como um caminho metodológico possível para o ensino dessa manifestação no ambiente educativo. Para os autores, existem diferentes formas de se tematizar esse conteúdo na escola a partir dos aparatos culturais diversos, trabalhando, assim, as múltiplas inserções da prática corporal no universo social. Para tanto, Pereira e colaboradores (2021) sugerem o trabalho educacional a partir de uma lógica “rizomática” na qual fica possível notar a existência de uma conexão/reconexão das Lutas com diversos aspectos e construções sociais, tendo o jogo como uma proposta metodológica para este fim.

Está lógica “rizomática” abordada por Pereira e colaboradores (2021) nos permite pensar/ensinar Lutas/Artes Marciais a partir de uma série de conexões/reconexões relacionadas aos artefatos culturais diversificados, tais como lutas e teatro, lutas e desenhos, lutas e brincadeiras, dentre outras. Simultaneamente, também nos possibilita identificar relações existentes entre diferentes modalidades marciais no que se refere aos princípios filosóficos, técnicas semelhantes e vestimentas. Conforme podemos observar nas palavras dos próprios autores:

Qualquer luta, seja de contato contínuo, intermitente, mediado por implemento fixo ou mediado por implemento de lançamento pode se conectar a qualquer outra luta não havendo uma hierarquia nessas conexões, nem mesmo uma ordem intrínseca, ou seja, lutas de contato contínuo fazem ligações com as lutas dos contatos mediados e intermitente, todas fazem conexões entre si. Para além das lutas especificamente, o ato do combate e do treinamento, o rizoma das Lutas também faz conexões com a arte, a poesia, as canções, o teatro, livros, ou mesmo com as mídias, os filmes, seriados, desenhos, relações com representação de personagem (cosplay), com o mundo. Uma cadeia semiótica do rizoma das Lutas é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos de combate, mas também de intenções, de rituais, de tradição, de filosofia, de história, de mitos, sendo que não existe uma luta universal, mas um concurso de formas de lutar e de representação dos seres lutantes (PEREIRA et al., 2021, p. 47).

Para além da perspectiva rizomática, pudemos identificar em cinco relatos que o ensino dessa manifestação deve ser baseado sob o olhar técnico pautado no treinamento e na autodefesa. De igual modo, que a formação dos alunos deve ser voltada à “disciplina” e o

aprendizado de movimentações técnicas específicas de determinadas modalidades. Podemos observar essas características na seguinte enunciação:

Uma maneira correta de ensinar essas modalidades de combate é primeiramente tratando sobre a disciplina quanto a cultura das artes marciais e o respeito à regras e onde e quando usar cada habilidade adquirida, golpes e imobilizações, pois ao tratar a área quanto onde usar, poderemos começar a ensinar como usar esses golpes e para que cada golpe pode te ajudar e onde, a luta é algo que todas as escolas poderiam ensinar, através de um professor de educação física qualificado nessa área, ou um professor de artes marciais (Deiveson Figueiredo).

Para o mesmo discente, a “autoridade” dos professores, assim como a “disciplina”, pode ser ensinada por intermédio das modalidades específicas com um certo tom moralizador quanto ao ajuste social dos indivíduos:

[...] mais importante da luta principalmente para as crianças que estão sendo criadas nos dias de hoje onde autoridade não existe, é a disciplina que a luta pode ensinar, como respeitar seu professor, e fazendo que sejam mais disciplinados quanto a reconhecimento de autoridades, horários e deveres, o que é muito importante na vida de seres humanos, pois a disciplina pode nos levar a lugares que nunca imaginamos que chegaríamos [...] o professor estará passando aos alunos sua autoridade como professor, os responsáveis da escola e outros professores também, além do compromisso com suas atividades (Deiveson Figueiredo).

Esta percepção mais voltada para o ensino técnico, à disciplina e ao treinamento esportivo é apontada por alguns estudiosos da área (KUNZ, 1994; RUFINO, 2018; RUFINO, DARIDO 2013, 2015; VAGO, 1996) como problemática, tendo em vista que na escola tal manifestação tem de ser problematizada intencionalmente pelo docente para se tornar educativa. Além disso, os mencionados estudiosos apontam outros fatores associados à dimensão do treinamento esportivo que podem interferir no aspecto formativo dos sujeitos, tais como: a exclusão, falta de material adequado, formação específica e o foco no saber fazer. Insistir nessa abordagem de aula “reforça o seu ensino nos moldes atuais, baseado predominantemente na exclusão de muitos e na performance de poucos” (VAGO, 1996, p. 88). Nesse perspectiva, Rufino e Darido (2013) apontam que ensinar Lutas/Artes Marciais no interior da escola significa:

[...] muito mais do que ensinar os alunos a submeterem seus companheiros por meio de golpes ou movimentos de oposição; ensinar as lutas transcende os movimentos e gestos. Ensinar as lutas é ampliar a visão sobre elas, possibilitando que sejam adquiridas novas visões e novos olhares a respeito

dessa temática. Isso só é possível através da ampliação dos conteúdos (RUFINO e DARIDO, 2013, p. 23).

Ademais, os autores salientam que o ensino de Lutas/Artes Marciais na escola deve transcender questões técnicas que visem puramente o aprimoramento fisiológico, biomecânico e performático. Na realidade, deve-se favorecer ao educando uma educação que o permita ressignificar criticamente as práticas, problematizar as ações corporais (codificadas ou não), propiciando, assim, uma visão crítica do mundo. Dessa forma, fica registrado que a escola não é um lugar de formação de lutadores ou lutadoras, tal e qual descreve Nascimento (2008):

[...] a escola definitivamente não será o local de formação do “lutador” de específica modalidade de luta, e sim do cidadão que poderá: experimentar, usufruir da experiência singular de se opor em situação de combate corporal, contemplar e formar opinião em relação a estas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas, a forma como se apresentaram no passado e se apresentam na atualidade nos diversos segmentos sociais juntamente com os significados que foram e lhe são atribuídos (p. 10).

Assim, sabe-se hoje que a perspectiva da cultura corporal de movimento possibilita o professor explorar inúmeros temas e manifestações corporais nas aulas de Educação Física, sendo a Luta uma integrante desse rico acervo. Ou seja, dentre tantas práticas corporais a serem ensinadas o professor deve planejar de forma articulada ao Projeto Político Pedagógico da escola, no sentido de inserir esse conteúdo em suas aulas. Contudo, é preciso alertar que não “estamos defendendo que o professor opte por trabalhar somente Lutas, pois, assim, ele privaria os educandos da experiência do grandioso acervo da cultura corporal de movimento” (RUFINO, 2018, p. 40).

Em outro relato identificamos a defesa de um ensino priorizando a dimensão da técnica, entretanto relacionando-a de maneira interessante com a dimensão conceitual:

[...]das possíveis maneiras de ensinar lutas é através da observação e compreensão e depois a práticas dos movimentos, desta forma a repetição dos movimentos deixaram de ser infundados pois os alunos compreenderam o porquê de eles serem executados de tal maneira e quais possíveis ações eles desencadearão (Kyra Gracie).

Para a autora deste relato, é necessária uma contextualização da prática a partir do questionamento do “por quê” fazer, uma vez que o ensino esportivizado baseado em um modelo centrado na técnica, pautado na exclusão e na meritocracia, não leva em consideração a formação do educando em sua plenitude. Em contrapartida, Rufino e Darido (2013) propõem ampliar o trabalho com as Lutas/Artes Marciais baseando-se no aporte conceitual de Coll

(2000). Os autores advogam que os conteúdos a serem ensinados nas aulas de Educação Física possuem três dimensões, a saber: conceitual, procedimental e atitudinal. No que tange a dimensão conceitual, eles sublinham a importância dos conceitos e saberes inerentes ao universo das Lutas/Artes Marciais. A dimensão procedimental refere-se às vivências e experiências dos elementos básicos e específicos dessa prática marcial, de modo que seja preconizado o “fazer corporal”. E na dimensão atitudinal, os saberes centralizam-se nas atitudes e valores que dizem respeito às condutas éticas e ao convívio social (RUFINO e DARIDO, 2013).

Em síntese, os autores ainda destacam que:

Deve-se destacar que, embora as dimensões sejam divididas em três, na prática do processo de ensino-aprendizagem elas devem estar atreladas uma à outra, não sendo possível aplicar o ensino das lutas em cada dimensão de forma separada e/ou isolada e sim interagindo-as entre si, promovendo assim a ampliação da visão, facilitando a aprendizagem dessas práticas (RUFINO; DARIDO, 2013, p. 97).

Como exemplo de uma proposta de ensino, em especial envolvendo o jiu-jitsu, poderíamos abordar conceitualmente as questões históricas que o trouxeram para o Brasil, assim como, os motivos pelos quais as regras foram sendo transformadas, além do surgimento de novas técnicas de imobilização. Em relação ao ‘saber fazer’, sugere-se trabalhar jogos de oposição com objetivos táticos específicos que aproximem os sujeitos da modalidade em questão. Na dimensão atitudinal, pode-se enfatizar as condutas éticas dos educandos durante as situações de combate, o respeito para com o corpo do oponente, assim como, questões relacionadas à violência.

Saindo do jiu-jitsu, mas mantendo esse viés, o trabalho ainda poderia ser ampliado ao utilizarmos as histórias de grandes personalidades relacionadas ao mundo das Lutas/Artes Marciais, tal como o exemplo do pugilista norte-americano Muhammad Ali (Cassius Marcellus Clay Jr). No auge de sua carreira desportiva, o mencionado lutador quando já consagrado campeão mundial, negou-se a participar de uma guerra a favor de seu país de origem após convocação militar. Por efeito disso, ele perdeu por um tempo os seus títulos conquistados e também seu direito à liberdade, pelo simples fato de argumentar a favor da vida, seja ela oriunda de qualquer outra nacionalidade, independentemente do credo ou raça. Tal atitude constituiu um legado em respeito à vida e fortaleceu a defesa da cultura de paz, podendo isso, servir como um exemplo didático para abordar questões concernentes à dimensão atitudinal do saber nas aulas de Educação Física escolar.

Com outro foco, Reverdito, Scaglia e Paes (2009) afirmam que o ensino do esporte deve passar por um trato pedagógico, a fim de que leve o educando a adquirir a capacidade de solucionar, produzir e resolver problemas em diferentes ambientes. De igual modo destacam que a Pedagogia do Esporte enfrenta alguns obstáculos no que se refere ao modelo reducionista no âmbito da formação do sujeito, muitas vezes, que valoriza somente a formação do atleta. Enfatizam também a distância existente entre o que os professores de esporte acreditam estar ensinando e como ensinam. Outro obstáculo refere-se a crença de que o esporte não se ensina, levando em consideração ideias baseadas em princípios inatistas, segundo os quais o indivíduo já nasce com um “dom” privilegiado e aptidão para práticas esportivas, deixando o sujeito de fora do processo de ensino, o que reduz a função do professor a um “caça” talentos.

Com base nessa perspectiva, o ensino de Lutas/Artes Marciais na escola fica reduzido a repetições de movimentos/técnicas descontextualizadas ao desconsiderar toda a complexidade e abrangência do processo educacional. Isso corrobora com a perpetuação de problemáticas relacionadas ao ensino tecnicado/esportivizado dentro do ambiente de formação escolar (RIVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009).

O mergulho teórico para confrontar e problematizar algumas dessas perspectivas ocorreu na disciplina juntamente com a semana de estudos do texto de Pereira (2018), o encontro virtual e o desenvolvimento de um estudo dirigido acerca das questões metodológicas mais específicas. Nesse REO 2, obtivemos um total de 22 (vinte e dois) trabalhos que foram elaborados com base em cinco (5) questões que exploraram as perspectivas dos discentes a respeito de como planejar uma aula de Lutas/Artes Marciais e qual o papel da Pedagogia do Esporte nesse contexto.

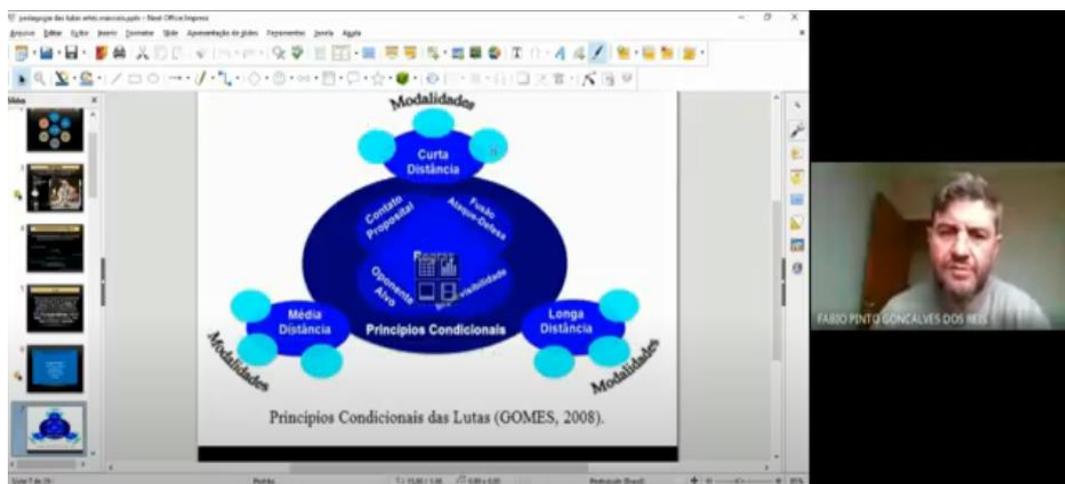
A seguir explicitamos as questões que orientaram a produção escrita e o próprio encontro virtual:

1) Diante da possibilidade metodológica de ensinar e aprender as Lutas por meio de jogos, elabore uma aula (EM CONDIÇÃO REMOTA (APRENDIZAGEM À DISTÂNCIA)) envolvendo esse conteúdo para adolescentes de um projeto social com a seguinte estrutura: 1) objetivo da aula; 2) elemento do conteúdo Luta a ser trabalhado; 3) três atividades a serem desenvolvidas; 4) registros produzidos (pesquisa, produção escrita, desenho, roteiro etc.).

2) Quais as contribuições da pedagogia do esporte nos processos de ensino das Lutas?

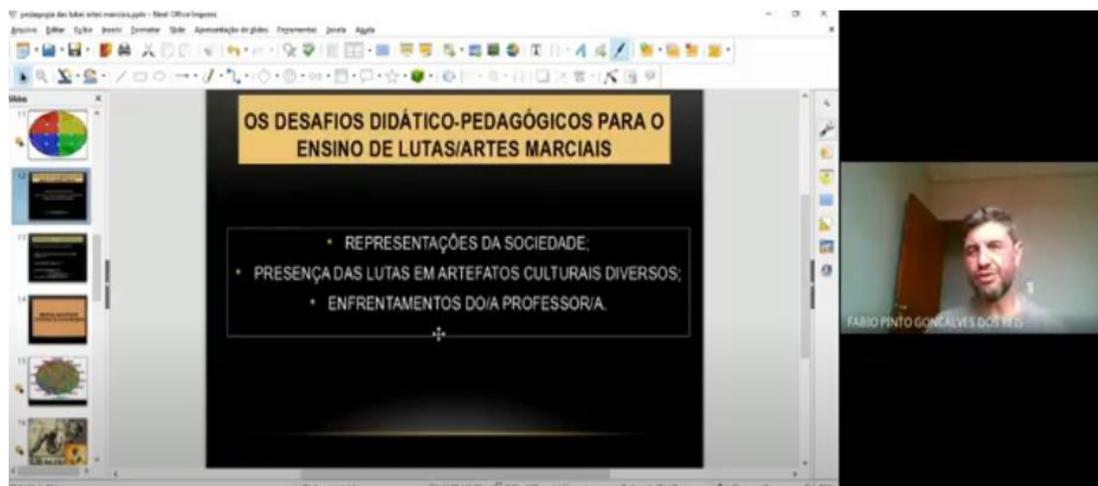
3) A partir da classificação das lutas pela condição de contato (contínuo, intermitente e com implementos) elabore 3 atividades para crianças, uma para cada um dos contatos mencionados.

Tendo como referência essas indagações específicas, no encontro virtual abordamos questões mais conceituais sobre a classificação das Lutas/Artes Marciais, envolvendo os princípios condicionais propostos por Gomes (2008) de acordo com as distancias e o contato corporal, conforme podemos observar na imagem abaixo:

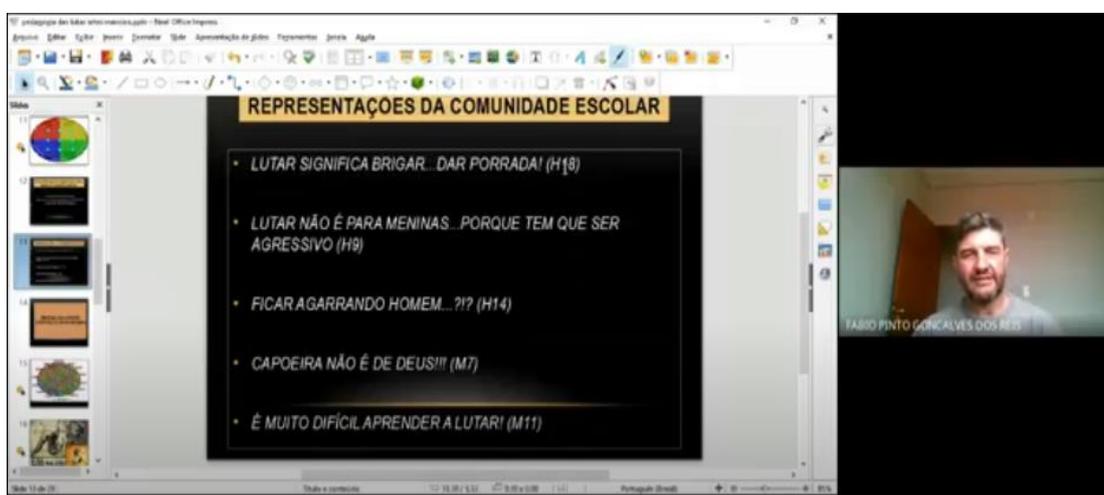


Fonte: (aula 25/11/2020)

Como se pode notar, o esquema apresentado baseia-se na classificação a partir dos princípios condicionais das Lutas proposto por Gomes (2008), que tem como base as distancias entre os combatentes, porém, mais adiante ampliamos com a proposta de Pereira e colaboradores (2018), que considera as diferentes formas de contato corporal em uma perspectiva rizomática. Na medida em que a aula acontecia eram expostas novas temáticas relacionadas às Lutas/Artes Marciais, tais como: a esportivização na escola, violência, materiais, assim como, algumas proposições didáticas. Isso fica explícito na imagem a seguir na qual foram apresentados os desafios didáticos-pedagógicos para o ensino de Lutas/Artes Marciais, assim como os preconceitos ligados a este universo:



Fonte: (aula 25/11/2020)



Fonte: (aula 25/11/2020)

Concomitantemente, trazíamos à baila os conteúdos da produção textual enviadas como parte daquela semana de estudos, sendo que na primeira pergunta exploramos como os discentes trabalhariam com o conteúdo Lutas/Artes Marciais de forma remota. Sendo assim, elaboramos uma tabela sobre as perspectivas metodológicas que os discentes anunciaram para trabalhar com o ensino remoto. Cabe a ressalva de que a questão não trata do ensino de Lutas/Artes Marciais na escola propriamente dito, mas para os licenciandos participantes da pesquisa isso ficou subentendido.

Tabela 11- Planos de Aula

OBJETIVO DOS PLANOS DE AULA	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Trabalho com capacidades físicas	2
Trabalho com Lutas/Artes Marciais a partir de vivências técnicas	9
Trabalho conceitual sobre Lutas/Artes Marciais	4
Trabalhos Diversificados	6

Fonte: O Autor (01/01/2021)

De acordo com nossa tabela, elaboramos quatro (4) categorias para interpretar os planos de aulas construídos pelos discentes em função da recorrência temática, sendo que obtivemos um total de 21 (vinte e um) trabalhos. Nossas seções foram divididas da seguinte forma; no Trabalho com Competências Físicas integramos relatos nos quais os discentes elaboraram planos que pretendiam trabalhar com as capacidades físicas dos seus alunos, tais como; agilidade, velocidade e coordenação. Na categoria referente ao Trabalho com Lutas/Artes Marciais a partir de vivências técnicas, inserimos os trabalhos que se inclinavam a pensar em uma proposta com modalidades específicas, em especial, com a reprodução de golpes e movimentos codificados. Em outra categoria, a concernente ao Trabalho Conceitual sobre Lutas/Artes Marciais, foram direcionados os planos de aula que tratavam o tema por meio de textos, filmes e vídeos, além de tematizar a aula com outros conceitos, tais como as brigas e a violência. E, por último, na categoria intitulada Trabalhos Diversificados foram alocados os planos que mesclaram a dimensão conceitual com o objetivo de desenvolver competências técnicas.

Passamos a abordar agora mais detidamente a categoria Trabalho com Capacidades Físicas, uma vez que os dois trabalhos desta categoria evidenciaram uma espécie de mistura entre as abordagens desenvolvimentista e da psicomotricidade:

1) Trabalhar o elemento equilíbrio juntamente com a coordenação motora 2) Elemento equilíbrio 3) Primeira atividade andar sobre uma corda ou risco no chão, não podendo tocar os pés fora da linha. Segunda tentar andar sobre esta mesma linha citada acima com uma perna. Terceira atividade pular um amarelinha (Edinanci Silva).

Podemos observar neste trecho do plano de aula da discente, que o trabalho proposto seria desenvolvido com objetivo principal de desenvolver as capacidades físicas, porém, de

igual modo pode-se notar também que as atividades sugeridas não têm relação com as especificidades das Lutas/Artes Marciais. A redução da aula de Educação Física a uma reprodução de movimentos básicos e combinados como se fossem o ponto de partida da aprendizagem esportiva produz um processo educacional que não leva em consideração toda plenitude e complexidade que a manifestação possibilita, conforme destacaram Riverdito, Scaglia e Paes (2009).

Sob um outro escopo de análise, constata-se que os objetivos do planejamento da discente preconizou objetivamente ‘o movimento’ da pessoa, representada pelos aspectos psicomotores, e não a pessoa que ‘se movimenta’ (KUNZ, 1994). Diante de tal propositura observamos que o ensino é reduzido a reprodução de técnicas descontextualizadas, não considerando a pessoa da aprendizagem que está imersa na experiência com todas as suas necessidades e anseios sociais. Sobre o mote, Kunz (1994, p. 105) enfatiza que “o ensino deve-se concentrar sobre a pessoa, ou seja, a criança e o adolescente que se-movimenta, não sobre os movimentos desenvolvidos por eles. Com isso, pretende-se uma educação física humanista que desenvolva indivíduos críticos e emancipados”.

Dando sequência na análise, trataremos agora da categoria de Trabalho com Lutas/Artes Marciais por meio das vivências técnicas, ao passo que os discentes, autores desses nove planos de aula, priorizaram o ensino de algumas movimentações específicas como, por exemplo, ensino de socos do Karatê e as defesas para esses ataques. Podemos notar nessa tendência a intenção do aluno em trabalhar algumas técnicas específicas de modalidades codificadas, tal como evidenciou Flávio Canto: “*objetivo da aula: ensinar os movimentos básicos de ataque e defesa da esgrima*”. E isso ainda é mais explorado a medida que o discente descreve as atividades a serem desenvolvidas, sendo elas:

Assistir ao vídeo MOVIMENTOS BÁSICOS DA ESGRIMA (<https://www.youtube.com/watch?v=gPqgrd9Ifbk>) e repetir os movimento de ataque e recuo até ter obter certo domínio usando algo que lembre uma espada, (Ex: cabo de vassoura).

Agora vamos implementar a defesa nos movimentos. A cada ataque na parede, você irá realizar o movimento de recuo (romper) dando 1 passo para trás e trazendo a espada próximo ao peito, como é demonstrado no vídeo (Flavio Canto).

Na mesma direção temos um outro plano de aula, o qual sugere um processo de ensino voltado à prática de movimentos técnicos do Karatê, como fica claro no seguinte relato da discente:

Objetivo da aula consiste em mostrar o karatê e através da exposição destacar o quão interessante ele pode ser para a pratica do autocontrole, defesa além de ser uma luta capaz de disciplinar de forma positiva nossos jovens (Mackenzie Dern)

E segue detalhando as atividades que desenvolveria:

Atividade 1: Para essa primeira atividade vocês precisam saber movimentos básicos como por exemplo armar o soco de forma correta, executar o golpe na base do karatê [...] Atividade 2: A defesa também é muito importante no karatê, seja no momento do kumitê ou na sequência do kata e execute-a da forma correta faz toda diferença no golpe [...] Posicione suas pernas da maneira correta a mesma base da atividade anterior no entanto a passagem das mãos tem um diferencial, os braços devem se cruzar durante a passagem das mãos de forma que a mão que irá fazer a defesa deve ficar pelo lado de fora do cruzado (Mackenzie Dern).

Nessa categoria estão inseridos um total de nove (9) planos de aula, dado que o conteúdo dos materiais tendem a se repetir, variando somente a modalidade de Luta/Artes Marciais a ser trabalhada, assim como os procedimentos para o ensino. Mas de forma geral, todos eles abordam aspectos técnicos de uma modalidade específica, o que coloca alguns desafios para o professor de Educação Física. Como vimos, o ensino que exige um aprofundamento mais sistemático por parte do professor implica em um investimento pontual para que possa acontecer, em se tratando do ambiente escolar.

O ensino baseado em modelos técnicos, que visam a repetição de um modelo de movimentos padronizados se constitui como um aspecto problemático no processo educacional, haja vista que não leva em consideração o sujeito da aprendizagem. Além de acolher a singularidade do educando, também deixa de lado as razões do “porque fazer” (DAOLIO; VELOZO, 2008). Não negamos a eficácia da técnica, porém defendemo-la atrelada aos significados (razões do “porquê fazer”) produzidos pelos educandos no processo de aprendizagem, de modo que consigam ressignificar, criar e solucionar problemas pertinentes à prática. Ocorre que o processo educacional deve ser imbuído de significados que levam em consideração aspectos culturais, assim como a complexidade do ensino, não o reduzindo a meras repetições de movimentos (DAOLIO; VELOZO, 2008).

O trabalho com as técnicas deve explorar as razões do fazer corporal visando não reduzir o fenômeno do movimento humano a uma dimensão específica e restritiva, a da repetição e da performance. Assim, entendemos que a técnica ocupa um lugar importante na aprendizagem

esportiva por ser um meio para alcançar finalidades/objetivos, mas o problema em questão é: como que geralmente a técnica é ensinada nas aulas de Educação Física escolar? Sobre o debate, Bracth (2000) traz a seguinte contribuição:

O que é fundamental a perceber é que a técnica é (deve ser assim considerada) sempre meio para atingir fins. Estabelecer fins/objetivos (sentido) é que é um predicado humano, portanto a técnica deve ser sempre subordinada às finalidades humanas. Se variam as finalidades, os sentidos da prática esportiva, é consequente que variem também as técnicas, bem como seu valor relativo (BRACTH, 2000, p. 12).

Dito isso, agora partimos para interpretação da categoria referente ao Trabalho Conceitual sobre Lutas/Artes Marciais, a qual localizamos um total de quatro (4) planos de aula. Nesse contexto, identificamos que os discentes optaram por trabalhar com aspectos conceituais acerca das Lutas/Artes Marciais, com destaque para elementos não inerentes a essa manifestação, tal como o exemplo da temática ‘briga’. Os referidos planos de aula foram construídos utilizando-se de aportes teóricos, tais como textos, vídeos, filmes e diálogos virtuais em grupo. Evidenciamos essa proposta didática, a qual Caín Velásquez descreve abaixo:

Abordar a temática ensino das lutas e sua história, discutindo juntamente com os alunos sobre o que eles entendem/conhecem/praticam sobre esse universo das lutas. Pedir aos estudantes que relatem, se houver, alguma experiência deles com algum tipo de luta, e, conversar com eles sobre lutas e a sua representação em filmes, desenhos e nos esportes em geral (Caín Velásquez).

Como se pode observar, o autor deste plano de aula buscou conceituar Lutas/Artes Marciais em conjunto com seus alunos por meio de uma roda de conversa visando introduzir o tema, depois o trabalho seria aprofundado com a utilização de filmes, desenhos, vivências e uma produção artística autoral sobre um golpe específico. Nesta proposta didática, mesmo que de forma intuitiva por parte do discente, podemos evidenciar as três dimensões do saber, como propôs Rufino e Darido (2013), ao passo que ele exploraria a dimensão conceitual e atitudinal, diante de desenhos, filmes e rodas de conversa sobre o conteúdo. E no aspecto procedimental, a proposta de realizar um movimento/golpe de Luta/Arte Marcial atenderia a questão do fazer corporal no âmbito da Educação Física.

Vale associar as propostas discentes também à perspectiva rizomática de Pereira e colaboradores (2021) que, como dito anteriormente, consiste neste entrelaçamento de diferentes/semelhantes manifestações/produções socioculturais por meio de análise dos artefatos. De acordo com os autores, os conhecimentos/saberes são tratados como algo que está

presente nas produções culturais da sociedade, com destaque para suas profundas relações e interconexões. Desta maneira, destaca-se a potencialidade da abordagem rizomática para o ensino, não somente das Lutas/Artes Marciais, mas também de outros conhecimentos socialmente produzidos, haja vista que podemos contextualizar a realidade do educando, para que assim, o saberes o mobilizem em seu processo de formação e passem a fazer sentido.

Já na categoria intitulada de Trabalhos Diversificados estão alocados seis (6) planos de aula que tratam do conteúdo Lutas/Artes Marciais, abordando-o de maneira que entrecruza conceitos e experiências corporais propriamente ditas. Em outros planos, identificamos uma tendência à bricolagem de perspectivas, ao passo que exploram movimentos de algumas modalidades específicas com a finalidade de desenvolver capacidades físicas. Como exemplo, trazemos o plano de aula de Yvone Duarte que apresenta tal perspectiva:

Conhecer a história e conceitos do conteúdo luta e da sua modalidade jiu jitsu além de, vivenciar alguns dos movimentos básicos do jiu jitsu por intermédio de jogos de oposição [...]Elemento do conteúdo Luta a ser trabalhado: Jiu-jitsu – força, equilíbrio, imobilização e projeção. (Yvone Duarte)

Em outro plano, observamos também a inclinação para o trabalho com as capacidades físicas, dicotomizando teoria e prática:

*Plano de aula de educação física em condição remota, aula de lutas. Tema a ser abordado é o jiu-jitsu. O objetivo da aula é primeiramente abordar **teoricamente** todo o contexto do jiu-jitsu e, depois **partir para a prática** ensinando o aluno de um jeito lúdico alguns movimentos sobre a luta abordada, fazendo com que o estudante tenha um pouco mais de conhecimento sobre a área. Iremos trabalhar alguns aspectos como força, agilidade, coordenação, equilíbrio entre outras (Gabi Garcia) (grifo nosso).*

Em linhas gerais, notamos que, diferente das demais categorias, os planos de aula que compõem essa vertente de discussão foram elaborados dando ênfase tanto para aspectos teóricos quanto práticos, o que não foi identificado nas demais propostas. Cabe ratificar que, por esse motivo, adotamos a terminologia “diversificado” por se tratar de uma espécie de simbiose de duas dimensões do conteúdo, quais sejam, a conceitual e a procedimental. O termo diversificado relacionado ao mundo da educação, submete ao entendimento de mistura e mescla de metodologias de ensino, espaços e atividades (DARIDO, 2015).

Nesse sentido, Betti (2005) e Darido (1995) criticam a dicotomia entre teoria e prática na Educação Física, visto que os professores deveriam guiar-se por intermédio de uma reflexão sobre a prática, confrontando-a teoricamente, e não perdendo a inquietação eminente e

proveniente das situações vividas. Além disso, Betti (2005) nos alerta sobre o distanciamento entre esses elementos nas propostas de formação inicial e continuada e as referentes às pesquisas na área. Segundo o autor, parece haver um perda de sentido naquilo que também compõe parte essencial da Educação Física, isto é, a motricidade humana, sendo que isso reverbera em produções teóricas inócuas que não se articulam com a realidade da escola.

Darido (1995) também corrobora com Betti (1995) quando demonstra que, cada vez mais, são realizados estudos que não levam em conta o cotidiano da Educação Física, visto que preconizam análises artificiais, ideológicas, manipuladas e que se distanciam do contexto real. Neste sentido, Betti (1995) aponta que a Educação Física deve ser voltada ao seu real projeto, não o de outros, como exemplo o da mídia, no sentido de enveredar para uma abstração que pouco contribui para o avanço da área. Não obstante, o autor nos alerta sobre não podermos nos distanciar do objeto da Educação Física, qual seja:

[...] a exercitação intencionada, e em geral sistemática, da motricidade humana (que dizer, nossa capacidade de movimento para que foi construindo, ao longo da história, as formas culturalmente codificadas que hoje conhecemos como esporte, ginásticas, dança etc., as quais constituem os meios e conteúdo que a Educação Física (que não surgiu previamente a estas formas) articula a partir de diferentes intencionalidades pedagógicas. É a este processo e produto que denominamos ‘cultura corporal de movimento’ (BETTI, 1995, p. 35).

É preciso deixar registrado que não estamos aqui mergulhando em uma discussão binária entre teoria/prática, mas sim defendendo a prática orientada pela teoria, e a teoria confrontada pela prática, ou seja, reflexão sobre a ação, ação sobre reflexão, em um percurso inseparável como nos aponta Betti (1995) e Darido (2005). É interessante notar que esse esforço epistêmico também apareceu nas produções discentes, conforme os excertos dos planos de aula expostos a seguir:

Pensando em uma primeira atividade, faria uma conversa com os adolescentes que valeria uma reflexão. Com o seguinte tema “O que é luta para você?”. A fim de saber a visão e as experiências de cada um ali com as lutas, e ir inserindo algumas problemáticas, a questão das lutas serem diretamente associadas a brigas, violência, coisa de meninos e etc. Numa segunda atividade, apresentaria vídeos e histórias que mostrasse as diferentes possibilidades de uma luta ser considerada uma luta. Talvez aprofundando um pouquinho mais trouxesse até alguém que tenha certa experiência com algum tipo de luta, para compartilhar um pouco de sua trajetória além da só esportivização! E em uma terceira atividade e última, eu proporia uma atividade a ser relatada em outro momento. Visando uma aula remota e a forma que podemos trabalhar, a proposta seria: Uma luta de polegares com algum familiar. Primeiro para quebrar qualquer padrão de luta que os adolescentes tem em mente, e também para que a aula fique dinâmica. A

atividade seria como uma luta de braço, ou queda de braço como é mais conhecida. Porém com o objetivo de quem pegar o polegar do outro primeiro, ganha. Uma atividade simples, que pode ser feita em qualquer lugar com o auxílio de mais alguém, que contaria como adversário (Kyra Gracie).

Objetivo da aula: Propiciar uma experiência em diferentes artes marciais, desde de suas raízes históricas até sua prática. Elemento do conteúdo luta a ser trabalhado: A ideia desta aula é incentivar os alunos a pesquisarem e demonstrarem diferentes modalidades de lutas, sendo então uma aula menos específica, porém, assumindo um papel quase que introdutório ao conteúdo de lutas. Atividades a serem desenvolvidas: Será sorteado uma modalidade de luta para cada aluno e o mesmo deve fazer uma apresentação sobre a história da modalidade, suas regras e alguns de seus movimentos característicos, após todos apresentarem teremos um debate sobre as diferenças, similaridades e impressões pessoais (Flavio Canto).

Diante dessa pluralidade de ideias, aproveitamos o encontro síncrono para problematizar as possíveis inconsistências, as fragilidades e os pontos interessantes dos referidos planos de aula. A partir daí, focalizamos a metodologia de trabalho com as Lutas/Artes Marciais por intermédio da classificação pelos tipos de contato. De igual modo, ainda alertamos sobre a especificidade da escola ao priorizarmos os saberes relacionados às dimensões pedagógicas do ensino, o protagonismo dos alunos no processo educacional e a problematização das práticas esportivizadas. A seguir temos um *print* da tela que diz respeito as classificações adotadas e que favorecem a sistematização de ensino e a organização do trabalho pedagógico.

CONTATO CONTÍNUO	CONTATO INTERMITENTE	CONTATO MEDIADO (FIADO)	CONTATO MEDIADO (LANÇAMENTO)
<p>Agrapas: Corpo a corpo.</p> <p>Passos: Corpo a corpo.</p> <p>Esparras: Corpo a corpo.</p> <p>Equilíbrio: Estático e Dinâmico.</p> <p>Dedicacões: Sobre os pés em diferentes ângulos. No solo de costas firmes em quatro apoios, em decúbito dorsal, ventral ou lateral.</p> <p>Qualis: Assimetricas e Balanceadas.</p> <p>Projeções: Ataque aos braços, Ataque ao tronco da cintura, Ataque aos membros inferiores.</p>	<p>Dedicacões: Dedicar os apoios em pés em diferentes ângulos.</p> <p>Movimentos de membros superiores: Socos, Cotoveladas, Dedões.</p> <p>Movimentos de membros inferiores: Chutes, Cavaladas, Jurrufadas, Dedões.</p> <p>Movimentos combinados de membros superiores e inferiores: Movimentos especiais: Ataques de cabeça, Ataques de ombros, Ataques de quadril.</p> <p>Esquemas e flutas:</p>	<p>Manipulação de implementos fixos: Com uma única mão. Com ambas as mãos no mesmo implemento. Com implementos duplos (um implemento em cada mão).</p> <p>Dedicacões: Sobre os pés em diferentes ângulos.</p> <p>Tocar o oponente com o implemento: Movimentos de ataque, Movimentos de defesa, Movimentos de contra ataque.</p> <p>Esparras e flutas:</p>	<p>Manipulação de implementos de lançamento: Com uma única mão. Com ambas as mãos no mesmo implemento. Com implementos duplos (um implemento em cada mão). * Com implementos lançados e implementos que lançam projetos.</p> <p>Dedicacões: Sobre os pés em diferentes ângulos.</p> <p>Atacar o oponente com o lançamento de implemento: Lançamentos de ataque, Lançamentos de defesa.</p> <p>Esparras, flutas e bases de abstração defensiva.</p>

Fonte: (aula 25/11/2020)

Depois do mapeamento e as interpretações produzidas em relação aos planos de aula, partimos agora para abordar a questão três (3) do roteiro de estudos 2, que teve como eixo de discussão a seguinte indagação: “quais as contribuições da pedagogia do esporte nos processos de ensino das Lutas/Artes Marciais?”. Tomamos novamente como metodologia a recorrência de temas e conteúdos para elaborarmos categorias que nos auxiliarão na organização dos

materiais coletados. Assim, construímos uma tabela com os principais aspectos abordados pelos discentes à respeito das contribuições da Pedagogia do Esporte ao ensino de Lutas/Artes Marciais.

Tabela 12- Contribuições da Pedagogia do Esporte no Ensino de Lutas/Artes Marciais

PEDAGOGIA DO ESPORTE NO ENSINO DE LUTAS
Aprendizagem social/crítica
Problematização do ensino
Jogos
Transformação/Ressignificação no ensino

Fonte: O autor (01/01/2021)

De acordo com as respostas dadas, foram atribuídas pelos discentes quatro (4) contribuições diferentes da Pedagogia do Esporte para com o ensino de Lutas/Artes Marciais. Dentre os aspectos mais recorrentes nos relatos, estão a associação entre a transformação/ressignificação do ensino e as possibilidade metodológica encetadas pela Pedagogia do Esporte, o que corrobora com estudiosos da área (BRACHT, 2009; FREIRE; FEIJÓ, 2008; REVERTIDO; SCAGLIA; PAES, 2008). Os discentes destacaram que a transformação/ressignificação do conteúdo (esportivo) é necessária para que o processo de ensino/aprendizagem aconteça de forma mais efetiva, levando conteúdo a todos educandos, de forma inclusiva. Para Bracht (2009), o ensino tradicional ou esportivizado quando tratado de maneira acrítica traz uma série de problemas na formação do educando, uma vez que ao se pautar somente no rendimento, perde uma série de possibilidades educativas. Assim, o próprio componente curricular Educação Física escolar perderia o sentido, ao passo que poderia ser substituído por academias e escolinhas de treinamento. Observamos essa proposta de transformação/ressignificação do ensino em uma resposta produzida por Amanda Nunes:

As contribuições pedagógicas são focada na parte da contextualização ressignificação. Buscando abordar de uma forma lúdica e reflexivas as técnicas sistematizadas, gerando uma problemática no ambiente que o aluno se encontra (Amanda Nunes).

Os discentes também abordaram a questão da aprendizagem crítica/reflexiva por meio do esporte e as contribuições disso para a formação de um sujeito pensante. Para Reverdito e

colaboradores (2008), a educação por meio do esporte, sendo o fenômeno tratado pedagogicamente com responsabilidade e seriedade, tem o “poder” de formar o cidadão em sua completude. Tal argumento fica evidente no seguinte excerto desenvolvido por Anderson Silva:

Entre as contribuições temos, pode-se romper com modelos tradicionais e tecnicistas que exigem do indivíduo repetição de técnicas, táticas e regras ou seja ações estereotipadas. Os alunos são levados à entender o processo do ensino e com isso se tornam capazes de resolver situações problemas com articulação de reflexões críticas sobre a prática (Anderson Silva).

Outro aspecto elencado entre os discentes, indica o jogo como método de ensino das Lutas/Artes Marciais como mais uma contribuição da Pedagogia do Esporte, em especial a utilização dos jogos de oposição. Freire (2008) destaca a potencialidade do jogo no processo de ensino/aprendizagem, tendo em vista que pode levar o aprendizado de regras de convívio e da cultura esportiva. A Pedagogia do Esporte constitui-se como diretriz para se pensar no processo de ensino/aprendizagem dos esportes que rompe com um modelo tradicional de repetição mecânica de movimentos, baseando-se na fragmentação e no objetivo técnico, fora do contexto de disputa (RUFINO e DARIDO, 2012). Neste sentido, a Pedagogia do Esporte aborda o esporte em sua complexidade levando em consideração quem o prática, utilizando do esporte como uma ferramenta educacional. Ao protagonizar quem o prática, considera muito mais do que capacidades fisiológicas, traz à tona a singularidade do sujeito, que é repleta de características construídas a partir do convívio social (SCAGLIA, 2017).

Acerca disso, Rufino e Darido (2012) e Cavazani e colaboradores (2016) reconhecem as contribuições da Pedagogia do Esporte no ensino das Lutas/Artes Marciais, como uma possibilidade teórico-metodológica para o rompimento do ensino tradicional, caracterizado pela reprodução fragmentada, repetitiva e descontextualizada de movimentos. Temos como exemplo o caso do jiu-jitsu, pois ao projetarmos uma atividade de ensino da ‘passagem de guarda’ de forma repetida e mecânica, podemos desconsiderar as estratégias de contra-ataque do oponente, isolando o que é fundamental à luta, ou seja, a imprevisibilidade do combate. Pode-se observar, portanto, um processo de ensino pautado sobre uma lógica reduzida do fenômeno (combate no jiu-jitsu), que priva o educando de situações que se aproximam de um combate real. A Pedagogia do Esporte preconiza, em suma, o aprender lutar lutando, de maneira que seja considerada as três dimensões do ensino (conceitual, procedimental e atitudinal), para que dessa forma, a aprendizagem constitua-se significativamente (RUFINO e DARIDO, 2012; CAVAZANI et al., 2016). No entanto, isso não quer dizer que o esporte ou a luta sejam manifestações educativas de *per si*, uma vez que cabe ao professor tratá-los pedagogicamente

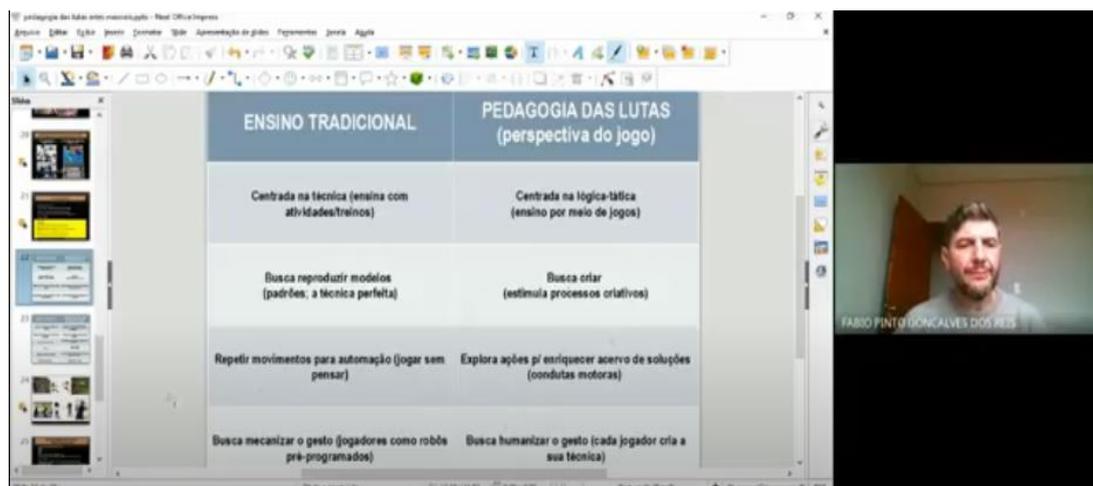
com intencionalidade com o objetivo de formar um cidadão ético e crítico de sua realidade (SCAGLIA, 2017).

Rufino e Darido (2012) e Cavazani e colaboradores (2016) apontam para o ensino das Lutas/Artes Marciais por intermédio do jogo, seja ele na escola ou qualquer outro ambiente de aprendizagem, como uma estratégia de trazer à tona toda a criatividade do aluno no processo educativo. Temos como exemplo o caso do judô, tendo em vista que podemos estabelecer um objetivo tático ao educando (colocar o oponente de costas no chão), que deverá recuperar suas experiências de outrora (na luta ou não) para realizar ou tentar executar tal ação. A partir dessas tentativas que o educando vai estabelecendo um processo de criação para solucionar tal tarefa, razão pela qual o professor (mestre) tem um papel mediador fundamental na resolução da situação problema.

Sendo assim, alguns autores da Pedagogia do Esporte se apropriam do jogo como ferramenta metodológica, uma vez que ele promove instabilidade para quem o joga, além da imprevisibilidade e das regras, tornando-se assim um ambiente rico para o ensino. Ao ser tratado pedagogicamente, o jogador se entrega ao jogo e por ele é posto em uma realidade paralela na qual o tempo e outras necessidades do cotidiano acontecem de forma diferente (SCAGLIA, 2017). A seguir podemos constatar a relação íntima entre jogo e Pedagogia do Esporte, conforme destacou Ronda Rousev:

A pedagogia do esporte utiliza da metodologia do jogo para ensino das lutas. Partindo de “jogos de oposição” ou “jogos de combate” criando situações de jogos que se aproximem de situações reais de luta. Ao utilizarmos dos princípios condicionais e dos jogos de oposição, as crianças e jovens poderão vivenciar as lutas segundo as suas várias características. Assim através dos jogos é possível realizar reflexões em relação a algumas situações de jogo, que transcendem para vida cotidiana. Contrapondo ao ensino tradicional, as Lutas partindo da pedagogia do jogo como estratégia pedagógica/metodológica consegue transcender os métodos tradicionais de ensino do conteúdo na Educação Física Escolar (Ronda Rousey).

Corroborando com estes relatos, ao mesmo tempo problematizando-os, durante o encontro virtual pudemos trazer à tona e aprofundar essas discussões a partir de um quadro que fazia uma comparação entre o ensino tradicional e a pedagogia das Lutas/Artes Marciais, na perspectiva do jogo.



Fonte: (aula 25/11/2020)

No que se refere ao desenvolvimento da criticidade dos alunos, aspecto esse evidenciado pela Pedagogia do Esporte, observamos que alguns discentes se aproximaram da proposta de ensino baseada em problematizações, sugerida por Berbel (1995). Tal propositura consiste em um método que traz à lume os problemas sociais, levando em consideração a realidade do educando ao propor questões temáticas de reflexão no processo de ensino. Esta abordagem da Pedagogia do Esporte preconiza reflexões sobre as práticas corporais, considerando os educandos na produção dos significados na relação com as suas experiências.

Segundo Berbel (1995), o desenvolvimento da Metodologia de Problematização segue cinco etapas, a saber: a primeira etapa, refere-se a Observação da Realidade (problema) na qual o aluno está inserido por meio da mediação docente. A segunda etapa é intitulada de Pontos Chaves e destina-se a reflexão sobre as possíveis causas do problema, com destaque para saber qual a interferência dele na realidade do educando. Na terceira etapa chamada de Teorização, os alunos passam a buscar conhecimentos para solução dos problemas, ao passo que na quarta é elaborada a Hipótese de Solução, na qual o aluno equaciona os conhecimentos encontrados na etapa anterior, a fim de elencar possíveis soluções dos problemas identificados. A quinta e última etapa é identificada como a da Aplicação à Realidade (prática), sendo que nela o aluno põe em prática seu conhecimento adquirido ao longo de todo o processo metodológico. Em síntese, está proposta acontece de forma cíclica, pois sempre que o educando chega a etapa final, podem surgir novos problemas.

A associação entre o ensino baseado em problematizações e a Pedagogia do Esporte, também é evocada no seguinte excerto:

Pensando nas lutas em forma pedagógica, vale ressaltar que foge das lutas de academia! Entra a parte lúdica ressignificada, que transcende as técnicas sistematizadas. Dá-nos a oportunidade também de intervir com problemáticas sociais e que está presente também no tema lutas. Portanto, a importância da pedagogia do esporte para o ensino das lutas, tem como foco a pessoa que se movimenta, permitindo a permissão dos alunos à refletir sobre suas ações, resignificando-as e atribuindo novos sentidos. (Kyra Gracie)

Atrelado a essa discussão mais ampla, também queríamos fomentar a capacidade dos discentes de elaborar propostas concretas a partir da classificação das Lutas/Artes Marciais por meio dos contatos corporais (contínuo, intermitente e com implementos). Para tanto, os participantes da disciplina valeram-se do aporte teórico de Pereira (2018) para que pudessem elaborar três experiências corporais (atividades) específicas.

Ainda na esteira do debate, vale o destaque para o emprego da palavra “lúdica” que aparece no excerto supracitado como se fosse uma qualificação para a atividade, uma vez que a ludicidade nos remete ao jogo, brinquedo e brincadeira (ALMEIDA, 1995). Para o autor, a ação lúdica está relacionada:

[...] a dinâmica de como se joga ou de como se brinca. Para compreendermos essa afirmação, pensemos que a tomada de posse de um brinquedo, por si, não determina o lúdico, mas a sua ação. Num tabuleiro de xadrez, ou de dama, por exemplo, o que determina o lúdico é a ação, o ato de jogar, de mexer as peças de atacar e de ser atacado. Ao se utilizar objetos como uma boneca, uma casinha ou um carrinho, o que interessa é o ato de brincar, de manipular esses objetos colocando em evidência seu corpo e sua imaginação (ALMEIDA, 1995)

O autor classifica a ação lúdica em duas formas, consoante a seguir:

A primeira quando o participante age com o objeto em si, ou seja, uma criança pode agir ludicamente com um brinquedo, com o corpo ou com alguma coisa nova que provoque interesse e satisfação. Da mesma maneira, um pesquisador pode ter um comportamento lúdico quando o objeto de sua pesquisa lhe dá prazer e satisfação. Mesmo um adolescente, se ficar horas e horas em frente ao seu computador e isto lhe proporciona prazer, estará, também, em uma atividade lúdica. A segunda acontece no processo de interação humana, na presença do “outro”, sejam os pais, os irmãos, os amigos, os vizinhos, os professores etc. Dirime-se, com esta percepção, a confluência dos termos. O lúdico está, então, relacionado diretamente com a percepção do homem (ALMEIDA, 1995, p. 27).

Diante do exposto, observamos a potencialidade do lúdico no processo de formação humana, portanto, cabe ressaltar que o trabalho com o conteúdo Lutas/Artes Marciais deve

apoiar-se no jogo de oposição, mas, inicialmente, é preciso aprofundar conhecimentos sobre o fenômeno, discussão essa muito ‘cara’ em nossa área.

Sob outro aspecto, identificamos nos relatos dos discentes que grande parte deles se apropriaram das condições de contato do respectivo fenômeno e elaboraram atividades condizentes com cada um deles. Em linhas gerais, por exemplo, para as Lutas de contato contínuo foram propostas atividades de ‘sumozinho’ com o objetivo de desequilibrar o oponente e tirá-lo de um espaço pré-definido. Nas Lutas de contato intermitente, constatamos a ocorrência de atividades como o “toque-toque” que consiste em tocar o corpo de seu oponente em um lugar combinado (ombro, barriga, costa) sem que ele toque o seu. Já nas Lutas de contato intermitente, a Esgrima foi a mais citada, sendo ressignificada com materiais recicláveis.

Conforme indicado, seguem algumas das experiências propostas pelos discentes, aqui as de contato contínuo:

As crianças seriam separadas em duplas, uma de frente para a outra, com as mãos apoiadas no ombro de sua dupla. A mão apoiada no parceiro ficaria posicionada ali em contato contínuo. E os pés posicionados no chão, também não poderiam se mover, trabalhando apenas a força, no ato de um empurrar o outro. O primeiro a se desequilibrar e mover os pés, seria o perdedo. (Kyra Gracie).

Nesta atividade as crianças ficarão ajoelhadas uma de frente para a outra e com as mãos apoiadas no ombro do colega. Ao comando do professor, os alunos tentarão puxar ou empurrar o colega tentando derrubá-lo, a atividade termina quando um dos colegas conseguir derrubar o outro (Edinanci Silva).

A atividade será realizada em dupla, onde os dois oponentes sentarão no chão demarcado com um círculo com as costas paralelas. Ambos terão de fazer força para retirar o oponente do círculo e não será permitido virar de frente (Flavio Canto).

Elencamos na sequência, algumas das sugestões referentes ao contato intermitente:

Execução: em duplas os educandos devem estar dispostos em pé de frente para o outro. O objetivo desse jogo é tocar o ombro do colega sem deixar que ele toque seu próprio ombro. Professor/a você pode definir a regra da vitória, isto é, pode ser pela quantidade de vezes que tocou no ombro em certo tempo, por exemplo. As regras dessa atividade podem ser modificadas em partes, apenas com um atacando e outro podendo somente esquivar com os ombros. Num segundo momento, os dois podem atacar e esquivar e, por fim, os dois poderão atacar, esquivar e bloquear os ataques que estiverem chegando (Amanda Nunes).

Nessa atividade os alunos ficarão em duplas. Ao sinal do professor eles tentaram encostar sua mão direita no braço esquerdo de seu adversário. Sendo assim eles podem se movimentar da forma que acharem melhor para

se proteger, sendo proibido apenas colocar o braço esquerdo para trás (Ronda Rousey).

A atividade necessita de pedaços de papel e fita adesiva. Os alunos devem formar duplas e ficar um de frente ao outro. Os pedaços de papel devem ser fixados em regiões do corpo dos alunos, regiões como: tórax, braços, pernas. Feito isso, os alunos devem tentar tirar os pedaços de papel preso no corpo do adversário, e ao mesmo tempo, tentar desviar e se defender, já que o adversário também irá atacar. A atividade acaba assim que todos os papéis forem retirados do corpo do aluno ou até quando o tempo dado pelo professor acabar (Marcos Ruas).

Também algumas das atividades propostas de contato mediado por implemento:

Amarre um círculo em um barbante de uma forma que fique pendurado e com um cabo de vassoura ou pedaço de cano, o aluno(o) deve tentar aceitar dentro do círculo, mas com a mão erguida e podendo dar apenas três passos para atacar (Mackenzie Dern).

Pensando em algo resignificado para ser a espada, como macarrão de piscina, algum isopor, ou algo feito de papelão, que fosse maleável e não machucasse. O objetivo da atividade seria tocar o colega com sua espada, em determinada região do corpo, criar as regras (qual região deve ser tocada pela espada, para que valha pontos ou não, para que vença ou não e etc.) com as crianças, de forma que as incite ainda mais a participar. Havendo então, o contato com algum implemento (Kyra Gracie).

Evidenciaremos a seguir também alguns dos relatos que, diferentemente dos supracitados, sugerem intervenções de atividades relacionadas às Lutas/Artes Marciais de forma tecnicista, reduzindo as atividades a repetições de movimento, com objetivos técnicos, não levando em consideração dimensões táticas e os sentidos/significados produzidos pelos praticantes (FREIRE, 2002), tal como segue logo abaixo:

Intermitente: vamos trabalhar uma atividade voltada para o boxe, a atividade consiste em: em duplas, os alunos receberão bexigas que deverão ser cheias de ar. Um dos alunos deverá segurar a bexiga na altura do rosto (mas lateralmente, para evitar acidentes) e o outro aluno deverá fazer os movimentos de socar a bexiga, 2 socos rápidos com cada mão (sequência de golpes e movimentos 2x2). Depois de 10 vezes os alunos devem trocar as posições (Michele Zonato).

Contato contínuo: lutas de agarre – judô – com o colchão no chão o aluno deverá treinar o rolamento e impulso (Jessica Andrade).

Para essa primeira atividade vocês precisam saber movimentos básicos como por exemplo armar o soco de forma correta, executar o golpe na base do karatê [...] A passagem das mãos para trocar a mão de taque é uma parte importante para a eficiência do golpe e costuma ser negligenciada, para essa

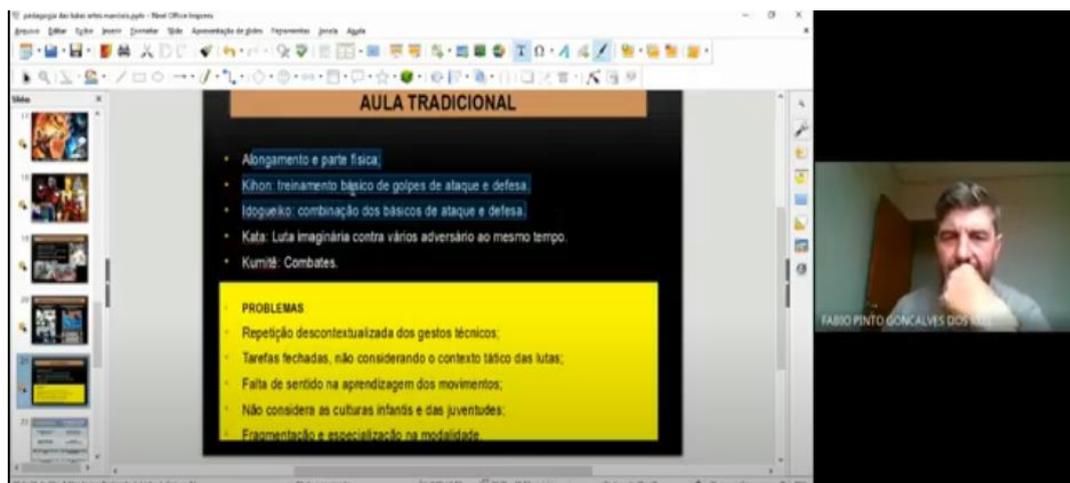
primeira atividade vamos aprender a fazer a passagem correta: 1º posicione suas pernas como na imagem 2, o braço que está ligeiramente a frende deverá ficar estendido com o soco armado. (Rafaela Silva)

Como podemos notar, diante destes trechos acima destacados é possível identificar algumas pistas que apontam para uma perspectiva do treinamento esportivo, sobretudo, quando os discentes mencionam a contagem dos movimentos, assim como, a execução da técnica ‘correta’ na ação. Tal aspecto, como destaca Freire (2002), traz ao processo educacional uma tendência reducionista e tecnicista que minimiza as potencialidades educativas que o esporte pode favorecer.

Sobre o tema, Daolio e Velozo (2008) afirmam que a técnica foi um saber constituído da singularidade humana e que, ao passar do tempo, começou a incidir em práticas corporais mais codificadas, mas que paulatinamente foram sendo esportivizadas. Ao ter o esporte de alto rendimento como referência, a gestualidade corporal em relação ao ‘como fazer’ foi sendo padronizada, o que colocou inúmeros desafios para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Física:

[...] técnica adquiriu lugar de destaque na área de Educação Física e Esporte, com implicações diretas para seu ensino: reduzido, fragmentado, mecanizado e racionalizado. A técnica tem sido vista tradicionalmente no ensino dos esportes por um viés estritamente mecanicista, no sentido de um meio que seja o mais eficiente para se realizar determinada ação. Por outro lado, ela também se torna fim, uma vez que a dimensão da estratégia de ação é supervalorizada. A dimensão da eficiência de execução da técnica é o centro da preocupação, por isso a característica tecnológica atribuída ao estudo das técnicas por certos estudiosos da Educação Física e Esporte (DAOLIO; VELOZO, 2008, p. 73).

Vale destacar que durante o encontro virtual tivemos a oportunidade de discorrer sobre esse tema, na medida em que os discentes foram convidados a refletir sobre os modelos tradicionais de aulas e os problemas emergentes desta prática. Assim, conseguiram confrontar esses elementos teóricos com o conteúdo do material escrito que haviam produzido por intermédio do estudo dirigido:



Fonte: (aula 25/11/2020)

Em face dessas questões metodológicas, o maior desafio ainda estava por vir, dado que iríamos nos arriscar em tentar trabalhar aulas que envolvessem experiências corporais propriamente ditas ao longo de dois encontros com a turma, ou seja, a questão colocada envolvia a corporalidade em um espaço virtual. Para tanto, convidamos os professores Alex Sousa e Alysson dos Anjos com a finalidade que desenvolvessem uma aula utilizando os jogos de oposição. Nessa intervenção, os docentes envolvidos valeram-se da classificação das lutas pelo contato e também pelos princípios condicionais de Gomes (2008). A aula aconteceu em constante reflexão junto aos discentes, no sentido de propor algumas possibilidades de criação de jogos de oposição que se aproximassem de elementos táticos e técnicos de determinadas modalidades. Assim, os participantes eram incitados durante a aula para que interferissem sobre os jogos que estavam sendo vivenciados, refletindo se eram ou não uma manifestação de Luta, o que poderiam modificar, o que estava sendo ensinado, tudo isso a partir do que já haviam visto no texto de Gomes (2008) e Sousa (2018).

Na realidade, o encontro consistiu em pensarmos conjuntamente acerca das possibilidades pedagógicas dos jogos de oposição como proposta de ensino e de que maneira poderíamos estabelecer um processo paulatino de sistematização das Lutas/Artes Marciais. Inicialmente, os professores convidados apresentaram uma série de jogos de oposição, buscando identificar junto aos discentes quais eram princípios condicionais envolvidos na proposta (GOMES, 2008). Além dos princípios condicionais, os docentes passaram a indagar sobre as possíveis aproximações entre tais jogos e alguma modalidade específica, tal como exposto na imagem abaixo:



Fonte: (aula 09/12/2020)

O jogo capturado pela imagem da tela tinha como objetivo desequilibrar o oponente, fazendo com que ele movesse um de seus pés ou os dois, na tentativa de retirar o seu ponto de apoio. Dessa forma, perguntas desencadeadoras como: o que se aprende com esse jogo? Ele se aproxima de quais modalidades de Lutas/Artes Marciais? Quais as variações possíveis? Como construir uma progressão pedagógica utilizando tais jogos? Como sistematizar a proposta?

O segundo jogo, exposto na imagem a seguir, tinha o início com os dois professores sentados um de frente para o outro, com os braços posicionados a frente do peito, de modo que um ficaria com as mãos por cima da do outro. Quem estivesse com a mão por cima deveria acertar as mãos do de baixo, dado que quem estava com as mãos por baixo, deveria evitar que o oponente a acertasse:



Fonte: (aula 09/12/2020)

A aula transcorreu de modo bastante interessante e a estratégia de apresentar alguns jogos de oposição e ir construindo caminhos pedagógicos com os discentes marcou bastante como experiência exitosa. Como subproduto deste encontro virtual, foram elaborados 23 (vinte e três) relatos reflexivos sobre a aula que dialogam sobre os desafios do ensino de Lutas/Artes Marciais de maneira remota, em relação a falta de contato corporal no processo de ensino. Para os discentes este aspecto é o principal desafio para a condição atual de ensino virtual, principalmente no que se refere à Educação Física. Sobre o tema, Cris Cyborg deixa isso muito claro:

Apesar disso, existem limites que podem dificultar essa experiência teórico-prática na virtualidade, entre eles podemos citar a dificuldade de se pensar uma maneira de aula teórico-prática que permita refletir sobre um saber crítico referente a prática corporal que irá ser trabalhada na aula, isto é, uma metodologia que possa contribuir para o ensino da prática corporal, é atrelada a essa questão temos também, a dificuldade de se oferecer aos alunos estímulos para que isso de venha a acontecer de fato (Cris Cyborg).

Em consonância com Cris Cyborg, Israel Adesanya disserta o seguinte:

Acredito que a única limitação mesmo é a falta de contato real, vi que uma aula de lutas pode ser realizada à distância, mas a experiência de jogar e aprender com os colegas, de forma lúdica, lado a lado é uma parte muito legal do aprendizado que infelizmente não pode acontecer ultimamente (Israel Adesanya).

A falta de vivências coletivas por meio do contato corporal (ação corpórea) é apontada por alguns autores como um grande desafio para o ensino remoto, tendo em vista que mesmo fora de sala de aula a aprendizagem acontece de forma contínua, mediada por conversas nos intervalos, trocas de experiências, vivências corporais, dentre outros tipos de interações (GOIOLO, 2008; PATTO, 2013; VALENTE, 2003). Para Goiolo (2008), a presença de um processo de troca, de uma comunicação direta é essencial no processo de formação, ao passo que mesmo no contexto da virtualidade os docentes alcançaram este objetivo. Segundo Amanda Ribas:

[...] foi uma experiência única e incrível, visto que, estamos passando por um momento difícil se tratando das aulas online. Aulas ministradas da forma que foi, faz com que os alunos participem ativamente das aulas e tenham um aprendizado mais eficaz (Amanda Ribas).

A discente envolvida discorre sobre a didática da aula proposta, dando destaque justamente às interações estabelecidas e a “aprendizagem mais eficaz”. De acordo com a teoria da Aprendizagem Significativa proposta por Ausubel (apud TAVARES, 2004), os processos acontecem por meio da conexão entre o conhecimento prévio do sujeito e os novos saberes. Em outras palavras, a aprendizagem significativa (com sentido e significado) se contrapõe aos modelos de conhecimento adquiridos por intermédio da memorização mecânica.

Além disso, outro destaque que apareceu foi o entendimento de que aquela experiência formativa tinha característica de uma ‘aula prática’ no contexto virtual, algo impensado até o momento. Nesse sentido, Edinanci Silva ressaltou que:

Depois de passar o ano todo tendo aula por meio do ensino remoto, é a primeira vez em que assisto uma aula prática nesse formato. Foi uma experiência única e um tanto desafiadora, tanto para nós alunos, como eu acho que tenha sido também para os professores (Edinanci Silva).

As intervenções e os diálogos estabelecidos levou os discentes a refletirem no que se refere aos dos jogos de oposição, como esses se constituem e podem ser um caminho para a sistematização do conteúdo, pensando nas possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva rizomática (PEREIRA; et al 2018). Tal estratégia promoveu interações significativas entre os discentes e os professores, pois, na medida em que eles eram convidados a (re)pensar a prática, iam ajudando a construir novas possibilidades pedagógicas. À título de exemplo, durante a aula, ao realizar um jogo, um dos professores participantes a todo momento perdia no jogo desenvolvido. Nesse contexto, foi questionado aos discentes quais estratégias utilizariam para reverter aquele cenário no interior da escola, de maneira que ninguém gosta de só perder. Ocorre que isso pode, de alguma forma, desmotivar crianças e jovens a participarem efetivamente da experiência.



Fonte: (aula 09/12/2020)

Em outros trechos que destacaremos adiante, também notamos a necessidade assinalada por Goiolo (2008) de interação direta/momentânea entre professor/aluno e aluno/aluno no processo de formação, e no que se refere à Educação Física, essa troca acontece também por meio de vivências corporais. Observamos isso em vários excertos:

[...] os limites que essa modalidade de ensino possui e interfere nesse experiência prática é que o professor se torna figura que possui todo o conhecimento e os estudantes apenas ouvintes, mesmo que ocorra diversos debates durante as aulas. O professor apenas mostra os gestos, os jogos e as possibilidades, mas o aluno não consegue ter a vivência dessas práticas corporais de movimento, o que muitas vezes dificulta a aprendizagem (Yvone Duarte).

E também como é virtual os alunos não podem participar de forma prática sendo que essa participação ajuda na assimilação das ideias que estão sendo passadas, então isso exigiria deles uma participação mais teórica (Ronda Rousey).

[...] obviamente a proximidade professor-aluno e aluno-aluno deve haver e os resultados provindos dessa fusão didática nos revelam muito mais do que qualquer outra ferramenta virtual jamais poderá revelar um dia (Rafaela Silva).

[...] esse modelo de aula, como já foi dito acima, é o mais apropriado, e infelizmente ele é muito limitado, pois em aulas práticas os alunos saem perdendo por não ter a oportunidade de reproduzir e criar as aulas, que com certeza, iria ajudar mais no aprendizado do aluno (Michele Zonato).

O limite na minha opinião é que realmente falta o contato físico, e interação de muitas outras pessoas o que se torna tudo mais recreativo e a troca de experiência sempre agrega bastante (Mackenzie Dern).

Para Lazzarotti Filho et al. (2013), as experiências corporais referentes ao saber fazer-ensinar são marcantes no processo de formação inicial em Educação Física e podem ocasionar dificuldades do docente atuar no cotidiano escolar. Contudo, os saberes sobre o saber ensinar, diferente de uma experiência concreta de ensino, tornam-se mais explorados no processo de formação inicial no contexto da virtualidade. O tipo de linguagem utilizada e as metodologias aplicadas neste formato de ensino enfatizam este tipo de saber, qual seja, o conhecimento sobre como ensinar (LAZZAROTTI FILHO et al, 2013).

Na Educação Física escolar existe um problema relacionado ao saber fazer e ao saber ensinar, de tal modo que existe uma supervalorização do saber como fazer corporal, o que se resume muitas vezes na máxima de quem ‘sabe ensinar voleibol’, por exemplo, somente quem saber executar seus elementos básicos. Como ilustração, trazemos à questão da formação artesanal para o ensino do jiu-jitsu em que o saber fazer se restringe ao aprender as posições técnicas inerentes à essa prática corporal e reproduzi-las, sem levar em consideração ‘os modos’ de ensinar.

Figueiredo (2004) aponta como problemático o lugar da experiência corporal na formação inicial de professores, uma vez que as vivências antes deles ingressarem no curso de Educação Física influenciam profundamente grande parte da formação, ao passo que, muitas vezes, o processo formativo não consegue ressignificá-las. Cabe salientar que não necessariamente deve se saber fazer para saber ensinar, de tal modo que o saber ensinar está relacionado aos saberes culturais, sociais, didático-pedagógicos, dentre outros aspectos circunscritos às práticas corporais (FIGUEIREDO, 2004).

Ademais, identificamos alguns argumentos elencados pelos discentes à respeito do que aprenderam da metodologia utilizada para o ensino de Lutas/Artes Marciais e o como isso poderia ser pensando para trabalhar outras manifestações da cultura corporal. Nas produções desenvolvidas os discentes realçam que o jogo, apesar de ser um dos conteúdos da Educação Física escolar, pode ser utilizado como metodologia nas aulas. De acordo com Cris Cyborg:

[...] na medida em que jogos e brincadeiras sejam sistematizados a partir de princípios comuns presentes nas diferentes modalidades da prática corporal a ser trabalhada, por exemplo, na ginástica, os jogos sistematizados devem contemplar princípios comuns presentes nas suas diferentes modalidades para que, em um primeiro momento a ginástica seja trabalhada de modo geral e depois em um segundo momento sejam trabalhadas suas modalidades específicas, assim como ocorre no ensino das lutas/artes marciais através dos jogos de oposição sistematizados (Cris Cyborg).

Consoante ao relato, a participante preconizou a perspectiva de ensino pautada nos princípios comuns existentes entre determinadas práticas corporais como um elemento a ser compreendido pedagogicamente pelo docente, a fim de possa ser ensinado por meio do jogo, conforme apontaram Scaglia e Gomes (2011). Nessa direção, Pereira e colaboradores (2018) defendem a utilização dos jogos de oposição com base em perspectiva rizomática, sendo que isso foi lembrado por Cain Velasquez:

Pode ser pensada como a perspectiva rizomática, com uma diversidade de práticas, não sendo só compreendida só na diferença, mas também nas interconexões. Não dá para olhar e não ver a relação das lutas com a dança com o circo com o teatro, são pontos de ligações, há quem olha para arte marciais e ver um grande espetáculo com personagens focados no seus papeis, olhar e falar que ali não está acontecendo uma luta, mas sim uma apresentação de dança uma pesa teatral então a relação está com interconexões (Caín Velásquez).

Conforme Pereira e Colaboradores (2018), este tipo de perspectiva seria o ponto fulcral de ensino, pois tudo está interligado, posto que a partir desta compreensão amplia-se o horizonte de possibilidades do ensino na escola por intermédio de vídeos, pinturas, poesias, jogos eletrônicos, animes, dentre outros aparatos culturais. Vale destacar que os discentes trouxeram para a produção escrita tal abordagem de trabalho, consolidando-a, para àquele grupo, como uma proposta possível a ser utilizada no contexto escolar.

Em meio a tantos argumentos que foram apontados pelos licenciandos, de igual modo apareceu a relação entre a utilização do jogo e a questão dos materiais e equipamentos disponíveis às intervenções docentes:

Nessa metodologia vi que para aprender lutas não é necessário utilizar vários equipamentos. Mostraram como adaptar a lutas no meio em que você vive, ou então adaptar as lutas com os equipamentos que você tem. Achei bem interessante que o professor explica atividade proposta e logo em seguida temos um debate de onde vêm perguntas, respostas e contraposições. Na minha opinião nessa metodologia qualquer prática corporal seria bem-vinda. Como eu disse, adaptando na prática corporal que for passada, essa metodologia seria bem utilizada (Anderson Silva).

A falta de materiais na escola está na base da justificativa de professores como um dos problemas concretos que dificultam abordar o conteúdo Lutas/Artes Marciais nas aulas de Educação Física (RUFINO, 2018) Contudo, isso não deve impedir que os docentes trabalhem a referida manifestação na escola, visto que por meio do jogo não existe a necessidade de materiais esportivos e equipamentos oficiais de difícil aquisição pela instituição educativa

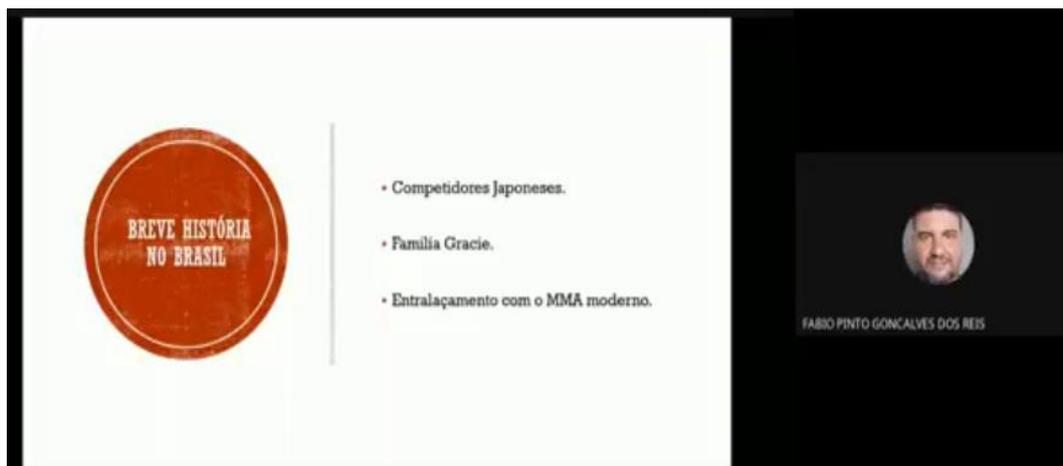
(PEREIRA et al, 2018). Por exemplo, pode-se utilizar materiais recicláveis para a elaboração de aulas que abordem o conteúdo Lutas mediada por implemento, utilizando luvas e aparadores adaptados com espuma e papelão, dentre outros. Desta maneira, ao se utilizar da Pedagogia do Esporte, tendo o jogo como um método, abre-se um leque de possibilidades para o trabalho com as Lutas/Artes Marciais nas aulas de Educação Física.

Seguindo a sequência planejada à disciplina de Pedagogia das Lutas, após o recesso de final de ano, os trabalhos foram retomados na perspectiva de dar continuidade às reflexões sobre os jogos de oposição. Desta maneira, os discentes foram convidados a refletir sobre uma proposta de trabalho envolvendo Lutas de contato contínuo, tendo ainda como aporte teórico o texto de Pereira et al (2018).

Nessa direção, o encontro virtual tinha o objetivo de novamente trazer à tona uma experiência didática de aula ‘prática’ naquele contexto específico, mas também pretendíamos construir um processo pedagógico que caminhasse no sentido de abordar a transição dos jogos de oposição para uma sistematização do conhecimento, com ênfase no jiu-jitsu. E, para isso, assumi o protagonismo de conduzir a organização das possibilidades pedagógicas da referida modalidade, como já afirmamos, a partir de uma sistematização no processo de ensino. Sistematização essa que, segundo Pereira et al (2018), constitui-se de um percurso paulatino de aproximação entre o jogo de oposição específico e aprendizagem de elementos tático-técnicos da modalidade em si. Ou mesmo de pensar o caminho inverso, isto é, neste caso significaria desconstruir o jiu-jitsu em sua totalidade e transformá-lo em jogo e vice-versa.

Para esta aula, contei com a participação do licenciando em Educação Física, meu irmão José Maria Soares Neto, que também é faixa preta de jiu-jitsu. De igual modo, convidei uma pessoa leiga (que não tivesse conhecimento nenhum sobre luta), a fim de simular situações reais de ensino que envolvessem a aprendizagem iniciante. Sendo assim, por ocasião da pandemia a Natália Magalhães, minha companheira de vida, auxiliou-nos dando suporte e participando efetivamente das experiências formativas.

Posto isso, desenvolvemos diferentes jogos que levavam em consideração os saberes que cada um tinha sobre o jiu-jitsu naquele momento, explorando as possibilidades de ensino para iniciantes, bem como, para os que possuem mais experiência com o jiu-jitsu. Iniciamos o encontro trazendo um pouco da história do jiu-jitsu, como podemos observar na imagem a seguir:



Fonte: (aula 27/01/2021)

Na apresentação, contextualizamos o jiu-jitsu desde a sua adaptação no Brasil (AWI, 2012) abordando os primeiros registros de combates nos quais os lutadores utilizavam-se de uma ‘luta agarrada’ que envolvia projeções (quedas) e torções. E o quão eficiente era esta arte marcial ao ser comparada/testada com outras, apontando como a família Grace adaptou o jiu-jitsu, de modo que ele passou a ser reconhecido mundialmente como jiu-jitsu brasileiro (AWI, 2012).

Durante a exposição inicial apresentamos alguns movimentos técnicos e táticos do jiu-jitsu, contextualizando-os no universo da modalidade em relação às estratégias possíveis para se ter êxito em um combate. Aproveitamos para dialogar e exprimir determinadas regras que orientam a modalidade, destacando os principais eventos de competição ao redor do mundo (IBJJF, 2021), conforme observamos logo abaixo:



Fonte: (aula 27/01/2021)

Dando sequência na aula, começamos a explorar os jogos de oposição de contato contínuo, segundo a classificação de Lutas de Gomes (2008). Em um primeiro momento, os jogos foram elaborados considerando pessoas que não tinham nenhuma experiência com a arte marcial. Sendo assim, foi estabelecido um objetivo tático à Natália, que teria de usar os recursos experienciais para alcançar seu objetivo, isto é, encostar seu peito no do oponente. Apesar de não ter muito recursos corporais para o desempenho tático ali proposto, o jogo sugerido foi possível à ela, pois o potencial criador e a experimentação foi o que prevaleceu. Durante a atividade, os discentes da disciplina de Pedagogia das Lutas foram convidados a refletir sobre um conjunto de estratégias que pudesse auxiliar a iniciante alcançar êxito em sua empreitada, conforme pode-se observar:



Fonte: (aula 27/01/2021)

Cabe ressaltar que os jogos foram elaborados com objetivos táticos para que no processo o praticante pense a respeito dos mecanismos e recursos disponibilizados para o alcance do objetivo final. Fato esse corroborado por Freire e Scaglia (2003), que defendem tal estratégia com a finalidade de propiciar o processo de reflexão/criação pelos educandos durante o jogo. Sendo assim, na atividade proposta os discentes inferiram em relação ao ‘como’ e ‘por que’ deveria ser adotada determinada ação corporal no sentido de responder as situações-problema colocadas.

Na sequência da aula, utilizamos a mesma atividade anterior, porém, realizada entre mim e meu irmão, vale recordar, ambos faixas pretas de jiu-jitsu. Nesse contexto, surgiram novos elementos, posturas, técnicas, estratégias, tomada de decisões, sendo que mesmo dessa

forma, os discentes continuaram apontando caminhos para a solução dos problemas e chegar ao fim com a vitória. Mesmo que, para alguns discentes, aquela atividade se configurasse como nova e com mais elementos (movimentos, posturas e toques), eles foram capazes de sugerir movimentações a partir da compreensão dos princípios condicionais das Lutas, assim como, das suas classificações (GOMES, 2008; PEREIRA et al., 2018). Desta forma, no ambiente escolar, entendemos que não existe a necessidade do professor ser especialista para abordar determinada manifestação corporal, uma vez que é mister compreendê-la (conceitualmente, procedimentalmente e atitudinalmente) enquanto fenômeno complexo.

No decorrer da aula elaboramos novos jogos que tinham como finalidade promover aproximações com elementos característicos do jiu-jitsu. Dessa maneira os discentes continuaram refletindo e apontando maneiras de intervir durante a atividade, de igual modo produziram indagações sobre como isso poderia ser trabalhado na escola. Elencamos, assim, acerca de como a construção de jogos de oposição (RUFINO, 2018) permitem a sistematização do ensino de acordo com o estilo e o ritmo de aprendizagem do grupo. Isso nos permitiu realizar inferências pedagógicas no que se refere as possibilidades educacionais do jiu-jitsu na escola, utilizando dos jogos de oposição, mesmo com a falta de material naquele contexto.

Para o encerramento da aula simulamos um combate (eu e meu irmão), a fim de que os discentes conseguissem visualizar durante o momento da Luta, quais os elementos que havíamos discutido anteriormente, conforme podemos ver na imagem abaixo:



Fonte: (aula 27/01/2021)



Fonte: (aula 27/01/2021)



Fonte: (aula 27/01/2021)



Fonte: (aula 27/01/2021)



Fonte: (aula 27/01/2021)

O combate durou aproximadamente cinco (5) minutos, sendo que pudemos ‘encaixar’ algumas técnicas, estabilizações e torções específicas do jiu-jitsu. Durante a reflexão, alguns discentes refletiram sobre as possibilidades de ataque e defesa durante a luta, assim como sobre a dinâmica do combate. Mesmo que os discentes não tenham tido uma vivência corporal com o jiu-jitsu na aula, eles foram capazes de sugerir e refletir sobre a prática, ao passo que evidenciamos o “saber como ensinar”, ao invés da supervalorização do “saber fazer”, que, como já vimos, constitui como problemática na formação de professores de Educação Física (FIGUEIREDO, 2004).

Cabe ratificar aqui que os participantes destacaram o quão as manifestações de jogo enquanto metodologia possibilitam a reflexão sobre a prática por meio de problematizações, no sentido de superar as ações docentes baseadas no fazer pelo fazer, consoante aos excertos logo abaixo apresentados:

Em relação aos aspectos das lutas aprendi sobre os princípios básicos que envolvem as lutas, que eles são comuns para todas essas modalidades. E que podemos ensiná-los por partes através dos jogos de oposição, e assim fazer com que nossos alunos possam refletir sobre sua prática, e sobre para que “aquilo” serve (Ronda Rousey).

Entre as formas de utilizar o espaço, os jogos, as brincadeiras e os variados materiais apresentados pelo professor, um dos pontos que mais me chamou atenção foi a maneira como ele apresentava os jogos, para a compreensão das lutas de contato intermitente, fazendo com que, nos (alunos) fizéssemos uma análise se aquele jogo fazia sentido ou não para construir um conhecimento sobre as lutas. Outro ponto que me chamou atenção é como ele nos instiga a refletir a técnica dentro da luta, se ela funciona para determinada luta ou não, levando a uma problematização sobre a técnica (Yvone Duarte).

A construção desta prática reflexiva que leva o educando ao centro do processo de construção de conhecimento compõe, segundo Freire (2002), parte de uma educação libertadora na qual se cria um ambiente de participação ativa no ensino. Quando abordamos o processo de formação (inicial) de professores, reforçamos que tal ação deve ser voltada a propiciar um bom ambiente de ensino, a fim de que eles sejam mediadores culturais, analistas simbólicos e, sobretudo, reinventores da prática para produção de sentido aos educandos. Isso torna-se fundamental porque esses profissionais estarão no “fronte” do processo de ensino/aprendizagem e, portanto, necessitam de uma atenção especial na formação.

No caso da formação inicial de professores de Educação Física, Barbosa-Rinaldi (2008) destaca-o como um momento capaz de propiciar práticas reflexivas aos futuros professores, de estimular a busca pelo conhecimento e de romper com as experiências autoritárias de ensino. Que os docentes aprendam a pesquisar, para que assim desenvolvam a sua capacidade de buscar conhecimento e refletir sobre sua prática docente. Assim, terão subsídios para possibilitar maiores oportunidades de seus alunos conhecerem o conteúdo, não ficando apenas nisso, mas que o aprendam dando significado ao contexto no qual estão inseridos.

Para André (2011), o modelo de formação do professor reflexivo, basicamente é o que promove a produção do conhecimento por meio da reflexão. A autora defende que com essa experiência o professor seja crítico sobre sua prática, ou seja, tenha oportunidade de refletir sobre os propósitos, as ações e os resultados do seu trabalho, de modo a aproximar-se do sucesso no ensino. Mas, afinal, o que seria refletir criticamente sobre a prática? André (2011) afirma que a prática reflexiva deve ser relacionada à leitura de trabalhos, compartilhamentos de ideias e aos debates em grupo. Que assim o professor poderia ter como base para seu trabalho, outras perspectivas sobre sua prática, colocando-a em discussão para, então, refletir sobre ela. A prática reflexiva serve para redirecionar e repensar o que for preciso, para melhorar significativamente a aprendizagem do aluno (ANDRÉ, 2011).

Para Marcon (2011) a FI deve ser atrelada a prática pedagógica profissional, já formando o professor para enfrentar possíveis situações-problema no cotidiano docente. Esta experiência formativa teria de ocorrer no decorrer de todo o curso de Educação Física, seguindo alguns critérios estabelecidos, tais como: local de realização da prática pedagógica, o número de alunos, quem são eles e quais as melhores propostas a serem desenvolvidas. Para o autor, seguir esses critérios possibilitaria ao professor em formação o exercício profissional no decorrer de todo o curso, não ficando essas experiências condensadas no final do curso de graduação. Além

disso, Marcon (2011) defende que essas práticas sejam acompanhadas de minuciosas reflexões e possam ser avaliadas em colaboração com um professor formador.

Em suma, a formação do professor deve ser atrelada à prática pedagógica ao longo de todo o processo formativo dos estudantes, do início ao fim, assim como podemos observar nas prerrogativas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFLA. Segundo este documento, um dos objetivos propostos é estabelecer e garantir uma estreita relação entre a teoria e prática garantindo ao professor conhecimentos e competências necessários à prática pedagógica. Corroborando com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2016), os cursos de licenciaturas, no nosso caso o curso de Educação Física, devem instituir o caráter formador do conhecimento pedagógico ao associarem teoria/prática, tendo a prática como componente curricular. Ou seja, que isso faça parte do projeto pedagógico do curso de graduação, mas que seja vivenciado em diferentes contextos, seja dentro da instituição de ensino ou em práticas docentes do início ao final do curso.

Marcon (2005) caracteriza a prática pedagógica no âmbito da FI, como aquela em que o professor em formação busca o conhecimento, o interpreta, o adapta e o transforma para que sua compreensão/aprendizagem seja inteligível por parte dos alunos envolvidos. Isso assegura aos licenciados uma aproximação com a realidade docente, favorecendo a construção de uma identidade pedagógica que irá se amadurecendo/refinando ao longo do curso.

Para Barbosa-Rinaldi (2008), a FI do professor de Educação Física tem relação com sua autonomia ao exercer a profissão, com seu protagonismo nos processos de ensino/aprendizagem. Uma vez que em sua formação inicial o professor adquire conhecimento técnico sobre o fazer docente, mas ao não exercê-lo na escola, acaba enfrentando dificuldades para concretizar seu trabalho. Isso abre brechas para que outros profissionais (especialistas) assumam certas responsabilidades da sala de aula, tornando assim o professor um mero executor de tarefas prontas e sistematizadas, desqualificando-o profissionalmente. Gatti (2014) também ratifica que a formação inicial está vinculada à prática docente, ao passo que isso favorece a elaboração de um alicerce de conhecimentos pedagógicos, preparando o professor para ser protagonista da sua prática.

Conforme alguns discentes, essa aproximação com a prática os marcou epistemologicamente durante o fórum de estágio, que também envolveu o PIBID no ano de 2020, dentre outras disciplinas que compõem a matriz curricular do curso de Educação Física (Licenciatura) da UFLA e que trabalharam com tal perspectiva nas aulas da graduação.

Com o objetivo de aproximar a formação docente da prática educativa, existem programas e iniciativas públicas que auxiliam esse processo, desconstruindo uma falsa hierarquização do saber produzido no âmbito da Universidade e a relação disso com a escola. No que diz respeito aos exemplos dessas iniciativas em âmbito federal, temos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica.

O PIBID é um programa federal que tem como objetivo, segundo Ministério da Educação (MEC, 2016), contribuir com a valorização docente, incentivar a formação em nível superior para atuação na educação básica, inserir os estudantes de licenciatura no cotidiano escolar e favorecer a articulação entre teoria e prática. Este programa concede bolsas aos professores da educação básica que acompanham os alunos dos cursos de licenciaturas no cotidiano escolar, igualmente envolve os professores da Universidade.

Já o programa de Residência Pedagógica tem por objetivo o aperfeiçoamento dos estudantes das licenciaturas quanto à prática pedagógica, aproximando o formando do cotidiano escolar. Neste programa também são concedidas bolsas aos participantes, tanto da educação básica quanto do ensino superior. Tal projeto tem suas premissas baseadas no programa de residência na área da medicina, o que justifica a imersão do profissional em formação no seu futuro ambiente de trabalho (MEC, 2018).

O PIBID, assim como a Residência Pedagógica, fazem parte de políticas públicas que incentivam a formação docente e apresentam alguns propósitos gerais, quais sejam: aproximar escola e universidade, fomentar a produção do conhecimento no cotidiano escolar e a construção do saber na prática. Contudo, na Residência Pedagógica os estudantes dos cursos de licenciatura só podem participar do programa quando já tiverem concluído 50% de seu curso. O que difere esse programa do PIBID, pois nele o estudante pode participar desde o início do curso até atingir a metade da carga horária de sua formação inicial.

Na Residência Pedagógica, o licenciando deverá construir uma intervenção/proposta pedagógica após um período de acompanhamento escolar, que deverá ser elaborada com auxílio de todos os envolvidos. Já no PIBID não é necessariamente obrigatória essa intervenção pedagógica, conforme destaca o MEC (2019).

Segundo André (2016), programas como o PIBID e Residência Pedagógica encurtam a distância histórica entre a universidade e a escola, contribuindo para formação docente, uma vez que reúnem futuros professores com docentes já atuantes para troca de experiências. Para os que estão em formação inicial, este é o momento de confrontar a teoria com a prática e aprender o ofício da profissão, já os professores atuantes na educação básica têm a função de

compartilhar o conhecimento adquirido ao longo do exercício da docência, bem como, de se aproximar do que está sendo produzido na universidade. Essa perspectiva que envolve a troca de saberes entre os já atuantes e os professores em formação é corroborada por Zeichener (2010), ao explorar a ideia de que se deve priorizar o estabelecimento de um “espaço híbrido” no qual aproxime universidade e escola.

Outro ponto importante que merece destaque nestes programas de formação docente são as bolsas ofertadas para àqueles que participam, pois, conforme André (2016), esse é um atrativo a mais na mobilização dos alunos se demoverem e participarem dos projetos. Sobre isso, a autora ainda destaca que os participantes destes programas revelam que o auxílio financeiro é uma questão a ser considerada, mas que o aspecto mais importante para a sua permanência no projeto é a chance de realização do trabalho compartilhado com a escola.

Nessa direção, Freire (2002) ressalta que o educador no processo de ensinar deve pesquisar e se atualizar em relação aos saberes produzidos no campo científico, ter consciência de seu projeto político pedagógico e levar em consideração os conhecimentos que os educandos já trazem consigo à escola. Ocorre que esses são alguns dos elementos que o autor pontua, para que o educador repense suas práticas de ensino. Tal professor-pesquisador, como nos revela André (2016), seria aquele capaz de decidir por si só os caminhos pedagógicos dos seus projetos escolares, justificando e argumentando o porquê de suas escolhas, ou seja, um sujeito livre “das amarras do poder político, gestor e econômico” (p. 39). Um docente com estas características, subentende-se que teria habilidade e competência para repensar o processo de ensino, propiciando aos alunos oportunidades de aprendizagem significativa.

André (2016) faz uma menção ao ensino e a pesquisa enquanto prática pedagógica em relação ao tempo, tendo em vista que o ato educativo exige do docente algumas tomadas de decisão imediatas diante de situações-problema que surgem no cotidiano de aprendizagem. Já no caso da pesquisa, cabe um espaço-tempo mais ampliado de análise para compreensão do problema em questão.

Mas como formar um professor com características de pesquisador? Ao corroborar com Freire (2002), a pesquisadora Marli André (2016) sugere que a formação do professor deve voltar-se às dúvidas e problematizações, a fim de que sua realidade seja questionada a ponto dele não aceitar verdades impostas. Em última análise, tal modelo de formação consiste basicamente na resolução de problemas objetivando que os docentes tirem suas próprias conclusões sobre as situações do cotidiano escolar, mediados sempre pelo conhecimento científico e o trabalho colaborativo.

O professor pesquisador não pode agir sozinho, isolando-se e produzindo conhecimento de forma não compartilhada com a comunidade científica, para tanto deve participar de grupos de estudo, expor suas ideias e socializar os saberes construídos no âmbito escolar (ANDRÉ, 2016). De acordo com Nóvoa (2011), um conhecimento só pode ser considerado como tal quando é apresentado às pessoas que têm familiaridade com o tema, nesse caso, pesquisadores e professores, para que possa ser debatido, analisado e legitimado com vistas a ampliação dos saberes sobre determinado tema.

Desenvolvemos aqui alguns aspectos que englobam desde a formação até a prática de um professor pesquisador, mas cabe sublinhar que nem todo indivíduo se desenvolve com esse perfil. Entretanto, isso não significa que o estamos julgando como inferior na esfera do exercício profissional, em razão de sabemos que o cotidiano dos profissionais da educação, por vezes, não lhes permite um espaço-tempo para elaborar e desenvolver uma pesquisa no seu local de trabalho.

Mas como está sendo desenvolvida a formação dos professores no Brasil? Quais modelos recorrentes? Para que estes professores estão sendo formados? As respostas dessas indagações implicam nos atentarmos para os dados levantados pela pesquisa de Gatti (2016), visto que ela constatou que grande parte dos professores que atuam na educação pública não são necessariamente licenciados, ou seja, não possuem graduação em licenciatura. Acontece que esses docentes são graduados em áreas que lhes permitem apenas uma licença provisória para lecionar. Em algumas disciplinas da educação básica o percentual de graduados em licenciatura chega próximo dos 17% do total de professores que atuam em determinados componentes curriculares, não chegando nem próximo da metade de profissionais que trabalham com essa disciplina (GATTI, 2016). Para além disso, a autora ressalta ainda que 66% dos alunos matriculados em cursos de licenciatura, não concluem a sua formação.

Sobre os direcionamentos dos cursos de formação de professores, Gatti (2016) evidencia que a maioria dos processos devem ter como finalidade formar alunos para a cidadania, ética e autonomia. Nesse sentido, a autora levanta uma questão de fundamental importância na formação dos professores, ou seja, a de que os modelos e oportunidades de formação inicial devem priorizar a cidadania. No entanto, como formar professores que promovam esse aspecto aos seus alunos, abordando o trabalho ético, autônomo e crítico em um ambiente que valoriza mais o “ter” do que o “ser”, no qual a “tragédia humana” é banalizada por diversos recursos midiáticos.

Gatti e Barretto (2016), em um estudo sobre FI, identificaram que a preocupação na formação desses profissionais está centrada no “o que ensinar”, considerando pouco os aspectos relacionados ao “como ensinar”. Conforme as autoras, essa fragilidade na formação docente tem impactado direto na educação básica, posto que existe uma centralidade excessiva sobre “o conteúdo” da disciplina que lecionam, porém, faltam-lhes arcabouço experiencial acerca de como atuar em sala de aula, de como ensinar. Como destaca Andrade e Aparício (2016), a escola como elemento fundamental do ensino, torna-se pouco presente nas ementas de cursos de formação inicial que acabam subalternizando as discussões e as experiências metodológicas *in loco*.

Pensando sobre as competências necessárias para que os professores tenham uma formação inicial de qualidade, Imbenón (2005) destaca que isso deveria acontecer no interior da escola, ou seja, as problemáticas do cotidiano escolar deveriam ser levadas à Universidade visando qualificar os futuros professores ao trabalho docente. Segundo o autor, a formação do professor deve priorizar o desenvolvimento curricular, planejamento e melhoria de instituições educativas, pois o conhecimento deste profissional é legitimado na prática.

No que diz respeito à Educação Física, a formação inicial nos cursos de licenciatura está, em grande parte, atrelada a um modelo ainda fincado na esfera “bacharelesca”, preponderando uma atuação técnica para o esporte, ao trabalho em academias e centros de treinamento. Isso significa que o saber educacional da prática docente e as interfaces com outros saberes pedagógicos são quase que ignorados.

Em outro estudo sobre a formação inicial, Figueiredo (2004) revela que para alguns alunos de Educação Física os saberes pedagógicos são secundários, pois consideram que o saber fazer não é diferente do saber ensinar. Nessa direção, Gatti e Barretto (2016) também apontam essa lacuna nos cursos de licenciatura, ou seja, na medida em que o ensino se baseia-se na intuição põe em risco uma educação de qualidade.

A FI em Educação Física perpassa por esse problema que perpetua o “saber fazer” sem distinção ao “saber ensinar”, de maneira que muitos graduandos passam pelo curso de formação inicial sem mudar concepções sobre a prática docente que tinham antes mesmo de entrar no curso (FIGUEIREDO, 2004). Isso significa que esta experiência social, construída ao longo da trajetória de vida do discente, influencia diretamente o seu processo de FI, uma vez que acaba filtrando o conhecimento do curso. E isso pode ser agravado porque as experiências formativas destes graduandos, no que se refere à Educação Física, podem se limitar apenas ao aprofundamento de conhecimentos sobre uma prática corporal que já praticavam antes do

ingresso no curso. O fato desses estudantes possuírem um conhecimento experiencial no que diz respeito a uma modalidade esportiva específica, por exemplo, pode corroborar para que eles mantenham as mesmas concepções que possuíam antes de adentrar no Ensino Superior. Por isso mesmo, Figueiredo (2004) afirma que, no caso da Educação Física, as experiências formativas devem extrapolar as práticas esportivas tecnicizadas vinculadas aos clubes e academias, devendo potencializar os saberes docentes pertinentes à escola.

De forma complementar, Barbosa-Rinaldi (2008) destaca que a FI se pauta no ensino voltado para a racionalidade técnica, ou seja, na graduação estes alunos são ensinados a replicarem os gestos técnicos de modalidades esportivas com base na perspectiva dos “fundamentos”. O ensino subsidiado por essa abordagem limita a possibilidade dos alunos de refletirem sobre os processos de ensino, contribuindo para que reproduzam modelos gestuais baseados no alto-rendimento. Em última instância, a autora ressalta que na Educação Física este problema é recorrente no âmbito da FI, o que sugere repensar o modelo de formação desses professores.

3.3 Tematizando as Lutas/Artes Marciais nas aulas de Educação Física

Após percorrermos o caminho formativo que envolveu representações, caracterizações, classificações e metodologias no que se refere ao ensino de Lutas/Artes Marciais nas aulas de Educação Física, partimos agora para pensar na possibilidade de tematizar essas manifestações. Nesse sentido, propusemos uma atividade na qual os discentes teriam produzir um texto dissertativo sobre tal assunto, de maneira que isso fosse debatido no encontro virtual subsequente. A partir disso, elaboramos uma tabela que aponta os temas recorrentes da mencionada produção escrita discente, conforme podemos observar logo abaixo.

Tabela 13- Lutas e Temas de Relevância Social

TEMAS DE RELEVÂNCIA SOCIAL	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Gênero	4
Violência/Brigas	16
Descriminação Social	2

Fonte: O autor (01/01/2021)

De acordo com a tabela, observamos que grande parte dos discentes problematizaram as Lutas/Artes Marciais a partir da temática violências/brigas, sendo que quatro (4) deles abordaram questões de gênero e nos outros dois (2) a tematização foi feita por intermédio da discriminação/ascensão social.

Destacamos inicialmente que o termo violência, para Abramovay (2005), é relativo, histórico e mutável, uma vez que de acordo com o contexto sociocultural, manifesta-se sob diferentes formas de sociabilidade. Sendo assim, a violência pode ser interpretada e analisada conforme o contexto cultural do lugar onde eclode, sendo ela percebida ou não pelo violentado. Em última análise, é importante salientar que entendemos esse fenômeno social de acordo com Abramovay (2005):

[...] a noção de coerção ou força e o dano que é produzido a um indivíduo ou grupo social (classe ou categoria social, gênero ou etnia), violação de direitos humanos e sentidos para os vitimados, sendo portanto básico privilegiar no conceito de violência tanto princípios civilizatórios sobre direitos – já que muitas vezes os destituídos desses não têm condições objetivas ou parâmetros para se reconhecerem como vítimas – quanto o percebido, o sentido, o assumido como sofrimento, dor ou dano (p. 56).

Consoante a isso, um dos discentes enfatizou o uso das Lutas/Artes Marciais como uma alternativa à comunidade LGBTQ+, que deveria participar de alguma modalidade para adquirir um controle maior sobre as emoções despertadas pelo fato de sofrerem mais com as injustiças sociais. Além disso, ele frisou que essa prática corporal é bastante pertinente para as crianças, pois seria uma alternativa para a resolução de conflitos de forma não violenta. Nessa direção, Vasques (2013) retrata que com a ascensão do MMA essa prática começou a ganhar mais espectadores e praticantes no decorrer da última década, visto que a violência e agressividade na luta passaram a ser mais aceitas pelo público.

Conforme notamos, foi possível constatar a associação da temática referente à “violência” com as Lutas/Artes Marciais, totalizando um montante de dezesseis trabalhos. Para os discentes esta aproximação que vincula esse aspecto social não procede e acabam corroborando com a constituição de estereótipos à respeito desta manifestação. Alguns autores já destacaram a correlação problemática entre as Lutas/Artes Marciais, brigas e violência, de maneira que cria impedimentos e barreiras no que se refere a prática e o ensino (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007; RUFINO e DARIDO, 2013). Como foi destacado no estudo de Nascimento e Almeida (2007), “o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas

de luta, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola” (p. 12). Segundo os autores, este é um dos principais entraves na vivência do conteúdo na escola, entretanto, argumentam que a violência ou comportamentos violentos não se restringem ao universo das lutas. Ao realizar tal análise, eles evidenciam que esses aspectos se manifestam em outras manifestações corporais, tais como no futebol e outras modalidades esportivas, sobretudo, quando consideramos a questão da torcida. Dessa forma, os autores apontam que o trato pedagógico se faz necessário a fim de que, independente da manifestação corporal, a dimensão atitudinal do ensino seja pautada em consonância com outros elementos da prática. Na realidade, ressaltamos que pautar essa discussão em aula pode contribuir para ampliar a compreensão do que é violência, em especial, como evitá-la (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007). Observaremos a seguir como determinados discentes abordaram essa referida temática:

Diante da realidade de muitos que vivem no nosso país, sabe-se que, infelizmente, a violência é algo que faz parte do cotidiano de crianças e jovens. Sabe-se também a relação entre a prática de Lutas e a redução de comportamentos agressivos nas aulas de Educação Física nas escolas. Perante o resultado dessas pesquisas, nota-se a importância de abordar o conteúdo Lutas dentro ou fora da sala de aula; projetos sociais existem como uma forma de extensão do aprendizado de tal assunto, servindo como um exemplo positivo na vida dessas crianças e jovens e resultando num futuro diferente da realidade que vivenciam no dia a dia (Edinanci Silva).

A problemática de ensinar a luta em escola tange no sentido preconceituoso onde outros professores alegam que esse conteúdo incentiva as brigas gerando a aumento de violência. Mas isso tem como parte da consequência a falta de professores formados na educação física que aborda e contextualiza o conteúdo lutas (Luana Azuguiar).

Contudo, há diversos argumentos que impedem que instigue o docente a essa prática. O primeiro deles é a falta de vivência da maioria dos docentes com as lutas, ou seja, são poucos os que já lutaram antes ou fizeram alguma especialização; o segundo é a preocupação com a violência que se imagina que as lutas possam gerar. Uma coisa que discentes e docentes precisam tomar consciência, é que o docente não precisa saber fazer para saber ensinar. Existem meios para que o docente possa trabalhar as lutas com os alunos sem tê-las praticado antes. Alguns estudiosos afirmam que a violência pode sim se apresentar como consequência das lutas, mas também pode se apresentar durante a prática do futebol e do basquetebol, por exemplo. Tudo depende de como o professor conduzirá a aula. Por isso, violência não é desculpa para que as lutas não sejam trabalhadas na sua escola (Rocky Balboa).

Os excertos mencionados reafirmam a existência da correlação problemática e preconceituosa entre as Lutas/Artes Marciais, violência e briga, sendo que uma característica que favorece esse aspecto, está atrelada aos problemas inerentes à formação docente, no que se

refere a falta de vivências e estudos sobre tal manifestação corporal, tanto na graduação quanto na formação continuada (RUFINO e DARIDO, 2013).

Na reflexão escrita por Rocky Balboa, além de ser destacado o lugar importante da formação docente nesse processo, o trabalho com Lutas/Artes Marciais deveria ocorrer por meio de vivências docentes em uma dimensão do saber especializado. Por outras palavras, ele defendeu que o professor de Educação Física deveria praticar alguma modalidade de combate, a fim de que isso pudesse facilitar o processo de ensino. Não estamos aqui negando o papel do saber experiencial no fazer docente, só estamos afirmando que ele não dá conta de maneira peremptória e linear, o que corrobora com a concepção de que necessariamente o saber fazer não implica em saber ensinar. Ainda em relação ao argumento proposto pelo discente, mesmo que tenha incorrido no erro da especialização em uma modalidade, a reflexão que fica é sobre como podemos reajustar isso ao reelaborarmos a matrizes curricular do curso de licenciatura em Educação Física da UFLA.

Em outra perspectiva de análise, um determinado discente denunciou a discriminação social presente em algumas modalidades esportivas incluindo as Lutas/Artes Marciais, em razão de existir práticas mais elitizadas do que outras. Sobre o assunto, Betti (1998) destaca que a comercialização e a midiaticização esportiva contribuem para a discriminação no esporte, pois a partir do momento em que o fenômeno passa a ganhar um apelo comercial e incentivo de patrocinadores, certas práticas/modalidades esportivas ganham mais evidência em relação as outras, em decorrência de como são praticadas e do potencial de venda. A seguir, destacamos um excerto do texto do discente que escreveu sobre essa temática:

Na minha cidade as lutas são divididas em duas partes, as que são ensinadas gratuitamente ou seja voltado para os menos afortunados (capoeira, muay thai), e as lutas que são ensinadas em academias privadas como (Karatê, Judô, jiu-jitsu) essas que não oferecem nenhuma oportunidade para quem não tem condição financeira. Creio que em toda cidade é necessário haver locais disponíveis para toda população gratuitamente onde se ensine lutas e outras modalidades, mas o que vejo hoje é uma grande segregação onde o esporte é separado entre modalidade para ricos e modalidades para pobres. (Flavio Canto)

Ao caminhar com as análises, identificamos em quatro (4) relatos a problematização das Lutas/Artes Marciais com as questões de gênero. Para Louro (2000), as relações sociais de gênero constitui-se por meio da construção histórica/cultural alicerçada sobre as diferenças sexuais. Nesta perspectiva a desigualdade de gênero está relacionada à construção social de masculinidades e feminilidades nas relações sociais, culturais e históricas, ao passo que

determinados discentes foram unânimes em denunciar a falta de espaço para as mulheres nesse universo específico. Escreveram que isso acontece pelo fato delas já terem seu papel social demarcado como dona de casa, ou mesmo, que algumas modalidades esportivas são naturalizadas como exclusivamente masculina. Assim, surgem questões como “Luta não é para mulher” e “Luta é coisa de homem” e que refletem diretamente na participação feminina no universo das práticas e competições. Como, por exemplo, o caso do Ultimate Fighting Championship (UFC) que contempla competição de Artes Marciais Mistas, promovendo embates entre atletas desde meados dos anos de 1990. Com inúmeras edições ao redor do mundo, esse é um dos principais eventos esportivos na atualidade sobre Lutas (AWI, 2012) e só promoveu o primeiro embate entre mulheres na sua 157ª edição (O GLOBO, 2013). E ainda hoje, o maior número de combates por edição é masculino.

Outro exemplo ocorreu no campeonato brasileiro de jiu-jitsu, pois existem documentos que relatam a primeira participação feminina, faixa preta, apenas em 1998, sendo que ela foi a única mulher inscrita para lutar na sua categoria. Nessa mesma edição da competição estavam inscritos 36 atletas do sexo masculino, segundo a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ, 2021). Esses números revelam uma fronteira de gênero envolvendo a uma participação feminina no mundo das Lutas/Artes Marciais, razão pela qual essas questões serem tratadas nos textos produzidos por parte dos discentes:

Não devemos falar só de um desses temas, mas sim de todos. Não é novidade nenhuma vermos o preconceito estampado em muitas pessoas quando falam que luta é coisa de homem, entre outras coisas. E como sabemos o lugar da mulher é onde ela quiser e não tem essa de coisa de homem e de mulher, e como qualquer homem ela pode muito bem participar de qualquer um esporte. Nós como professores ou futuros professores devemos abordar assuntos desse tipo e não deixar nunca que haja se quer um tom de preconceito dos alunos, ensinando-os que todos são iguais e merecem respeito da mesma forma (Gabi Garcia).

Assim como inúmeros esportes no Brasil, nas lutas a desigualdade de gênero também é notória. Muitas lutadoras sofrem preconceitos e ouvem comentários como “luta é coisa de homem”, por estar vinculada a um comportamento masculino. O que é errôneo e machista, porque mulheres podem tão quanto os homens exercerem qualquer tipo de esporte. Segundo Ivone Duarte, faixa preta, em uma entrevista: “Nós, mulheres, temos que lutar no tatame, mas temos outras lutas fora, como a luta contra o preconceito. O machismo está presente em todos os esportes, incluindo o jiu-jítsu.” É um desafio diário, e como futuros professores devemos abordar esses assuntos dentro das escolas (Edinanci Silva).

Dentro dos padrões impostos pela sociedade, o lugar da mulher sempre foi relacionado aos cuidados do lar, mais com o passar isso tem mudado. Nos

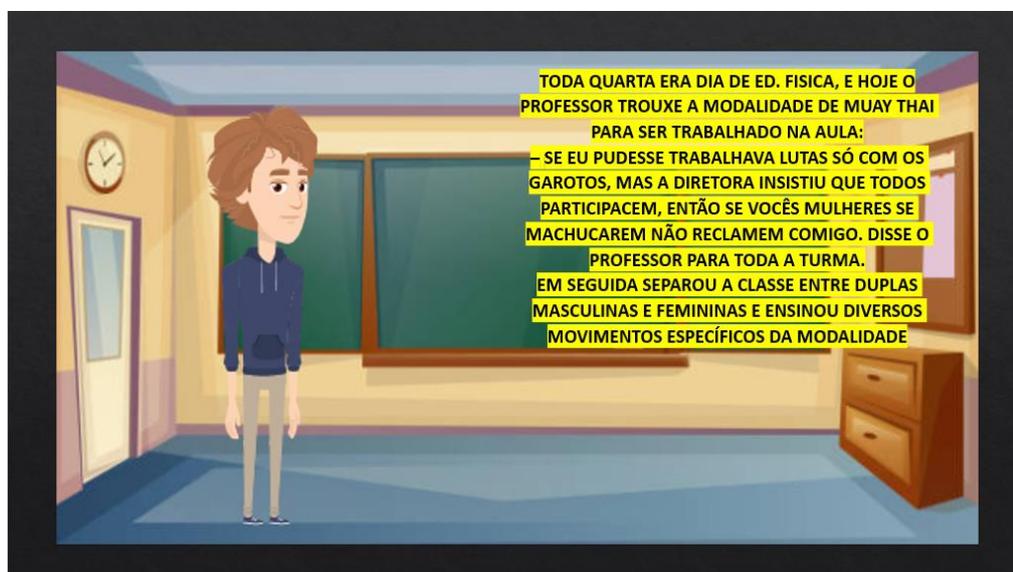
dias de hoje, a presença feminina dentro de um ringue tem sido cada vez mais frequente e isso, tem gerado muita repercussão. Por esse motivo, é importante levantar reflexões acerca do tema gênero dentro dos ambientes de lutas. Pois, a presença da figura feminina dentro de ambientes de luta infelizmente ainda é vista pela sociedade com preconceito e discriminação, pelo fato de que, está ainda abraçada um conservadorismo, onde a ideia que se perpassa é de a de que lugar de mulher é dentro de casa. Podemos confirmar isso, em atitudes e comportamentos que a sociedade apresenta diante desses casos, como por exemplo, a não aceitação da própria família pela escolha delas de praticar lutas, outro exemplo, é quando essas mulheres sofrem piadinhas do tipo que as classificam como sendo homem, entre outras (Cris Cyborg).

Com o objetivo de subsidiar essas discussões, propomos a apreciação do filme “Menina de Ouro” juntamente com um estudo teórico do texto de Vera Fernandes e Ludmila Mourão (2014) que tem como foco a análise da própria película. Atrrelado a isso, solicitamos que fosse elaborada individualmente uma histórica fictícia que versasse sobre mulheres que praticam algum tipo de Lutas/Artes Marciais e as desigualdades de gênero. Assim, os discentes escreveram sobre preconceitos, títulos, principais combates, quais as sensações dessas mulheres perante os confrontos, parceiros de treino e o mundo fora das lutas

O filme “Menina de Ouro” trata de uma história referente a uma mulher de 31 anos, que decide treinar e competir boxe profissionalmente, encarando diversos desafios em sua trajetória, muitos deles por ser mulher. Então, ela inicia seu sonho de ser campeã no boxe, treinando sozinha, uma vez que, ninguém queria treiná-la. Só depois de muito esforço e suor, ela consegue um treinador e estabelece uma relação de companheirismo e confiança com ele, a fim de alcançar seus objetivos. Este filme foi lançado em 2004 no Brasil, escrito por Clint Eastwood, baseado em experiências reais de um falecido boxeador norte americano, chamando Jerry Boyd (1930-2002). O estudo de Fernandes e Mourão (2004) reflete sobre as representações de feminilidades plurais no boxe para mulheres a partir da análise do filme “Menina de Ouro”.

Dentre as histórias produzidas pelos discentes, começaremos nossa análise pela intitulada “Não hoje” de Flavio Canto. Nesse trabalho o autor monta um enredo no qual narra uma história baseada na vivência de uma garota na escola, durante as aulas de Educação Física. Nesta história o discente conta como haviam preconceitos em relação a participação de meninas nas aulas, quando essas eram sobre Lutas/Artes Marciais. Este preconceito em relação a práticas socialmente masculinizadas, impregnadas de virilidade, de preparo de um corpo forte que aguente todas as marcas produzidas pelo esporte, é vivenciado por muitas mulheres na vida real, que optam por praticar algum tipo de manifestação considerada como masculina (ADELMAN, 2006; FERNANDES, et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014;

FERRETTI, 2011; JAEGER, 2006; THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2009). Vejamos a seguir um recorte desta história:



Fonte: (Flavio Canto, 2021)

Neste recorte da história, destacamos dois aspectos sobre essa narrativa. O primeiro em relação ao trabalho com uma modalidade de combate de forma tecnicizada que, conforme já visto, gera uma série de problemas referentes ao ensino no contexto escolar (DAOLIO; VELOZO, 2008). O segundo aspecto aqui destacado diz respeito ao preconceito do professor concernente ao trabalho com as Lutas envolvendo meninas, de maneira que ele se refere à elas como corpo frágil, assim, facilmente se machucariam ao praticar essa manifestação. No mundo real também existe este preconceito que relaciona a mulher com um corpo frágil, não apto para certas práticas sociais e corporais, sobretudo, as Lutas/Artes Marciais. Isso foi evidenciado no estudo de Thomazini, Moraes e Almeida (2009) que, ao pesquisarem a representação feminina dentro de academias de MMA, detectaram por parte de alguns praticantes masculinos que a presença de mulheres nos combates não era algo saudável, uma vez que seus corpos eram fracos e poderiam se machucar facilmente. Entretanto, no mesmo estudo, os autores quando investigaram não praticantes chegaram à conclusão de que as mulheres são capazes de serem lutadoras. De igual modo os depoentes salientaram que grande parte delas ainda tem de treinar o dobro que os homens, justamente para provar/comprovar seu espaço, desconstruir mitos e paradigmas à respeito da prática de Lutas/Artes Marciais.

Na sequência da história elaborada por Flavio Canto, a menina que vai para aula de Educação Física cujo conteúdo é luta, acaba sendo menosprezada por seu professor, como mostra a tela recortada a seguir:



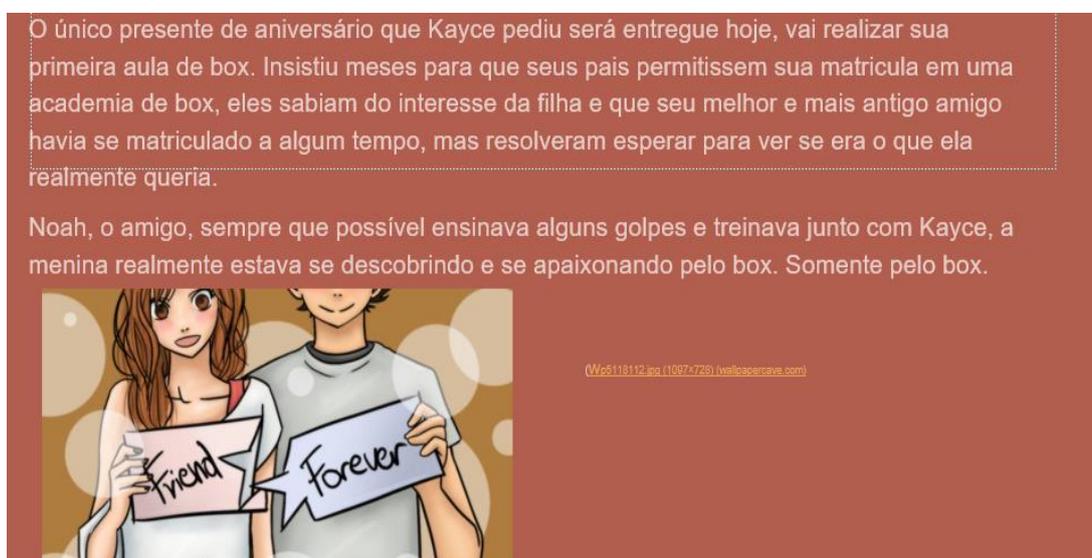
Fonte: (Flavio Canto, 2021)

A imagem mostra que ela foi para um combate contra seu professor que fora proposto como forma de avaliar se os alunos haviam aprendido ou não o conteúdo da aula, porém, o professor age com “desprezo” e violência. Podemos observar uma relação docente extrema e problemática, no que se refere à prática de Luta/Arte Marcial na escola e as intervenções didáticas com alunas. Esse aspecto configura-se como um atraso/empecilho para que esse conteúdo seja vivenciado na escola, o que fica claro nos estudos de Walter Roberto Correia (2015) e Marcos Roberto So, Mauro Betti (2018). Esses autores investigaram quais as representações que as Lutas/Artes Marciais têm para diferentes grupos que compõem a escola (direção, professores, pais e alunos). A percepção das pessoas geralmente é baseada nas vivências que cada um tem à respeito de tal manifestação, muitas vezes, de que são violentas, restrita aos meninos e que não deve ser trabalhada na escola.

Seguindo com a história, a menina resolveu ingressar em uma academia de lutas e no final conseguiu sobrepujar seu professor em outra situação de aula, atacando-o com golpes certos que o levaram a derrota no combate. No mundo real, as mulheres lutadoras enfrentam diariamente, por vezes, com mestres e companheiros de treino que não acreditam no potencial

feminino (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2009), como também com treinadores e técnicos, familiares e pessoas próximas (ADELMAN, 2006). Trataremos a seguir de uma outra história que nos chamou atenção.

Essa narrativa foi enredada por Rafaela Silva e conta a história de uma menina que opta por praticar boxe e se descobre neste caminho, porém, com um fim inesperado. Observamos o desenvolvimento da trama em um contexto fora da escola, mas que da mesma forma problematiza a questão de gênero no interior do universo das Lutas/Artes Marciais, trazendo à tona preconceitos que afetam drasticamente a vida da mulher praticante. A história começa com a autora apresentando a personagem e relatando qual era a maior vontade dessa garota. A seguir um recorte dessa ilustração:



Fonte: (Rafaela Silva, 2021)

Na passagem acima podemos anotar que o maior desejo da personagem é praticar o boxe em uma academia, visto que já tinha a vivência de algumas técnicas da modalidade juntamente com seu amigo. O entrave/resistência de sua família em matriculá-la pelo fato daquele esporte ser considerado masculino, de igual modo é constatado na vida real a partir de discursos hegemônicos disseminados pelas grandes mídias que tem como finalidade o caráter disciplinador de corpos, proliferando discursos do que pode ou não uma mulher fazer (ADELMAN, 2006). A seguir, veremos mais um recorte desta história no qual a discente narra que a personagem estava se aperfeiçoando cada vez mais no boxe, como também andava sofrendo preconceitos na convivência com as pessoas dentro e fora da academia.

Com vontade de mais Kayce passou a treinar com os garotos, no começo eles zombaram dela, mas a medida que foi desafiando e vencendo cada um deles o respeito veio em seguida. O fato de Kayce treinar com os garotos levantou muitos comentários maldosos, achavam que ela poderia ser uma moça fácil, gay, ou que estivesse interessada em um dos garotos e poderia ser em Noah já que passavam a maior parte do tempo juntos.

[@71874.jpg \(710x710\) | acsila.com.br](#)



Fonte: (Rafaela Silva, 2021)

Neste recorte da história a autora trabalha o fato de que sua personagem tinha o intuito de se dedicar mais aos treinos de boxe e, para que isso acontecesse, foi preciso que ela participasse dos treinos dos homens. Por isso mesmo, essas interações sociais potencializaram o surgimento de estereótipos preconceituosos na relação entre a lutadora e os demais praticantes da referida modalidade. No estudo de Thomazini; Moraes; Almeida (2009) também foram atribuídos estereótipos às mulheres que praticavam o MMA, fato bem parecido com a história de Rafaela Silva. Para alguns praticantes entrevistados, as mulheres faziam o MMA somente para ficarem próximas de homens fortes e musculosos, ou seja, era uma estratégia de aproximação para um possível envolvimento amoroso. Contudo, consideramos essas representações uma forma de preconceito concebida pela cultura hegemônica masculinizada no interior do universo das Lutas/Artes Marciais (FERNANDES, et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014; FERRETTI, 2011; JAEGER, 2006; THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2009).

No decorrer da história a personagem continua com seus treinamentos diários e enfretamentos em relação as suas escolhas dentro e fora do ringue no tocante as marcas que o esporte carrega e imprime na pessoa que o pratica. Essas marcas “impressas” são resultantes de adaptações que acontecem no corpo, quando realizam determinadas atividades, como é o caso das Lutas/Artes Marciais. Isso se refere sobre como o praticante é visto perante a sociedade, uma vez que, nesse contexto, observamos uma prática corporal impregnada de masculinidade

e virilidade (FERNANDES, et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014). Nesse sentido, ratificamos que as mulheres praticantes de alguma modalidade de luta passam por diversas situações de resistência, a fim de garantir seu espaço, à medida que se trata de um universo culturalmente masculino (FERNANDES, et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014; FERRETTI, 2011; JAEGER, 2006; THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2009).

Na sequência, mostraremos o desfecho final da história:

Antes de resolver por fim ao seu sofrimento de não poder realizar seus sonhos, de não poder ser quem ele realmente era, Kayce enviou seu diário e suas luvas para uma editora local, esperava que pudesse contar sua história e inspirar as outras pessoas a serem quem elas realmente queriam ser e eram. Desejava inspirar força mesmo que ele, infelizmente, não tivesse tido.

[símbolos do suicida - Bing Images](#)



Fonte: (Rafaela Silva, 2021)

De acordo com a discente Rafaela Silva, a personagem teve um fim trágico ao não suportar as pressões sociais advindas de suas escolhas, igualmente demonstrado pelos estudiosos da área (ADALMAN, 2006; FERNANDES, et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014; FERRETTI, 2011; JAEGER, 2006; THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2009), ao investigarem as diversas dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao praticarem esportes de reserva masculina. Nesse sentido, entendemos que as desigualdades de gênero, no âmbito da formação de professores de Educação Física, estabelece-se como um tema necessário e fundamental para desconstrução de paradigmas relacionados aos estereótipos produzidos em relação as práticas corporais envolvendo mulheres.

Dando continuidade as nossas análises, exploraremos uma história elaborada por Amanda Nunes em que a discente traz referências de mulheres brasileiras que superaram barreiras e hoje são protagonistas no cenário mundial em competições de Lutas/Artes Marciais.

Logo em seguida a autora começa sua narrativa descrevendo sobre a história de uma menina que praticava karatê:

Essa é história de Nina



Desde bebê Nina ouvi história que sua mãe dizia das lutadoras, como Cris Cyborg, Beth Pittbull, Carmem Casca-Grossa, ela contava o como elas eram incríveis e vencedoras.



Nina desde cedo, gosta de praticar arte marcial, mas seu preferido era o Karatê. Não demorou muito, pra ela mostrar que tinha talento e disciplina.

Fonte: (Amanda Nunes, 2021)

Observamos nesta introdução que a mãe da menina desde cedo traz referências de mulheres que praticam ou praticaram alguma modalidade de luta, atribuindo à elas alguns adjetivos e competências que questionam a cultura machista impregnada nesse universo. Observamos no texto as qualificações como “incríveis” e “vencedoras” que extrapolam uma compreensão histórica sobre a prática de combate por mulheres, atribuindo a elas um valor social que transcendem os estereótipos (DE SOUZA; FRANCO, 2021; FERNANDES; MOURÃO, 2014). Na medida que a sequência de fatos vão ocorrendo, os preconceitos começam a surgir:



Um dia Nina tava treinando com menino e ele riu da cara dela dizendo que ela não era páreo para ele, pelo fato dela ser menina e seu pai tinha falado que meninas são fracas e por isso que ela não deveria praticar lutas, e sim balé. Ela então respirou fundo e continuou a treinar, disse a ele que seu pai tava errado e um dia ela iria provar pra todos.

Fonte: (Amanda Nunes, 2021)

Durante o treinamento a personagem é subjugada por um menino, que afirma ter apreendido aquilo com seu pai, ou seja, de que garotas não podem lutar porque existem certas práticas corporais destinadas à elas. Fernandes e colaboradores (2015) ao investigarem as representações de feminilidades para mulheres que praticam algum tipo de luta, detectaram que esse aspecto aparece neste universo de maneira plural. Ocorre que, para elas, essas questões se concretizam nos momentos de cuidado com o corpo, cabelo, unhas, dentre outros gestos e movimentos.

Como podemos inferir ao longo da história, a permanência do imaginário social que não aceita a prática de Lutas/Artes Marciais por mulheres, atrelando a isso uma série de preconceitos e estereótipos. Como acontece no decorrer da trama, o fato do pai ter ensinado ao filho um comportamento preconceituoso em relação às mulheres, isso também pode ser identificado na vida real por meio de discursos, ações e punições (DE SOUZA; FRANCO, 2021; FERNANDES et al., 2015; FERNANDES; MOURÃO, 2014; FERRETTI, 2011). O desfecho do trabalho será apresentado na sequência:



Nina foi campeã de karatê naquele ano, na categoria kumite juvenil

Sabemos que no mundo do esporte mulheres sofrem diversos preconceitos, na arte marcial não é diferente, sofrem diariamente com a desigualdade de salário, oportunidade e discriminação, isso é um reflexo de uma sociedade machista, mas aos poucos as mulheres vem conquistando seus espaços e mostrando que de sexo frágil não tem nada.

Fonte: (Amanda Nunes, 2021)

Como podemos notar, no final a personagem conseguiu atingir seu objetivo de ser campeã no karatê, fazendo uma ressalva sobre diversas barreiras que as mulheres têm de enfrentar para alcançar seus objetivos na prática da modalidade. De Souza e Franco (2021) investigaram os aspectos que dificultam as vivências das mulheres nas Lutas/Artes Marciais e elencaram um total de cinco barreiras socialmente construídas e estruturadas que contribuem para tanto. São elas: distinção de gênero, cultura da feminilidade, as mídias, exploração da erotização da mulher e a exclusão social da mesma.

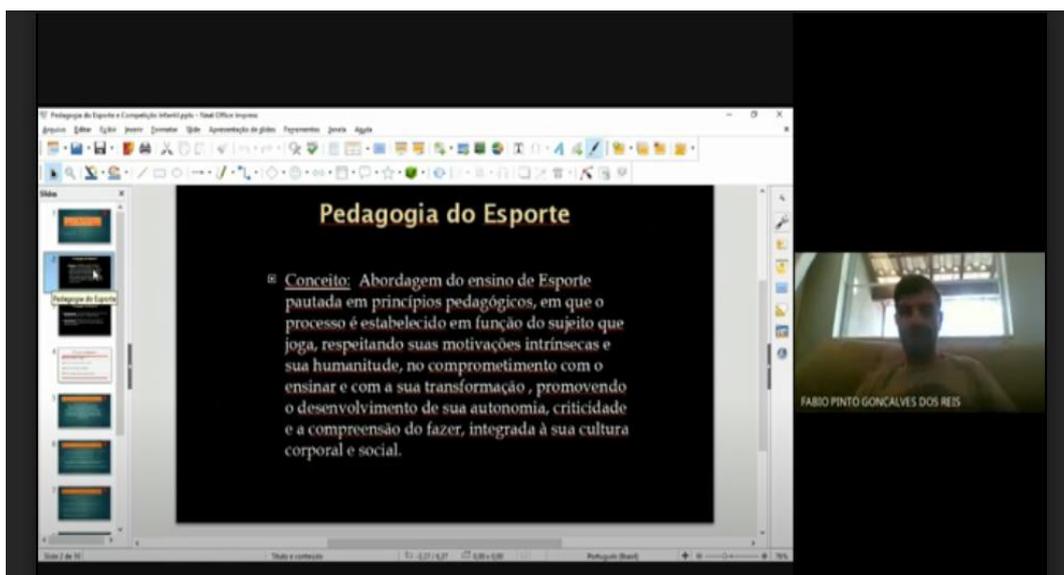
Nesta história, assim como nas outras, percebemos por parte dos discentes uma conscientização sobre os preconceitos sofridos pela mulher, de igual modo a devida importância da liberdade de escolha na prática de qualquer atividade/manifestação corporal. No âmbito da formação docente, as marcas deixadas pelos debates e reflexões sobre o tema, assim como a confecção dos trabalhos, refletiram na construção da identidade docente dos discentes participantes da pesquisa. Essa identidade, é construída a partir de múltiplos fatores, e não se finda durante o processo de formação e atuação profissional (PIRES et al., 2017). Estes múltiplos fatores que compõem a identidade docente, ocorrem desde as vivências anteriores ao processo de formação inicial, e são influenciadas pela atuação profissional (PIRES et al., 2017) Neste sentido, as experiências concernentes a prática de Lutas/Artes Marciais por mulheres favoreceu a compreensão do processo histórico de construção de preconceitos relacionados ao fenômeno, ao mesmo tempo que interferiu na identidade docente. Pires e colaboradores (2017) ao investigarem a identidade docente, apontam que as experiências universitárias oriundas do

processo de formação inicial de professores consolidam tal aspecto refletindo na atuação profissional. Pois bem, na próxima seção ampliaremos esse debate.

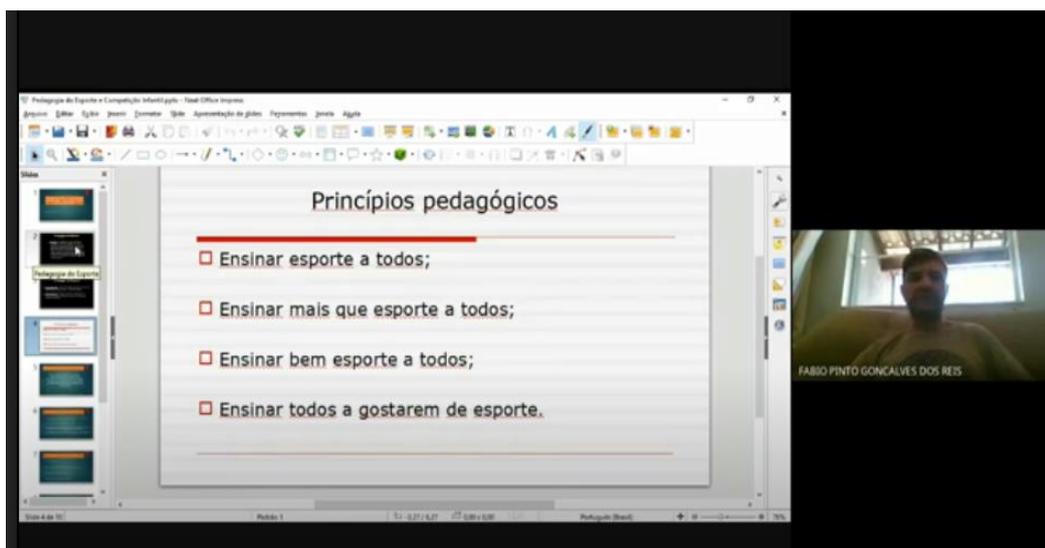
3.4 As manifestações de Lutas/Artes Marciais e outras tematizações possíveis...

Depois de termos nos esforçado para tematizar as Lutas/Artes Marciais a partir de conteúdos sociais relevantes, tais como a violência e as fronteiras de gênero, passamos agora a abordar outros elementos inerentes ao debate sobre o ensino na escola, em especial, a temática da competição. Para tanto, marcamos o encontro virtual e os discentes foram convidados a refletir para além do entendimento sobre os modelos de competição baseados no binarismo “derrota/vitória”, o que reduz a compreensão sobre o fenômeno. Desta forma, a primeira coisa que fizemos foi contextualizar os respectivos modelos existentes em nossa sociedade, sobretudo, como são tratados pelas mídias. Nesse sentido, Galatti e colaboradores (2007) apontam que existe uma supervalorização da vitória, deixando de lado outros aspectos formativos da competição na infância. De igual modo, os autores apontam que a visão restrita sinaliza para um modelo reducionista de compreensão da competição, baseado em vitória e derrota.

Partimos dos pressupostos da pedagogia do esporte para pensar a competição como objeto investigativo e de intervenção pedagógica, conforme a imagem do registro abaixo:



Fonte: (aula 24/02/2021)



Fonte: (aula 24/02/2021)

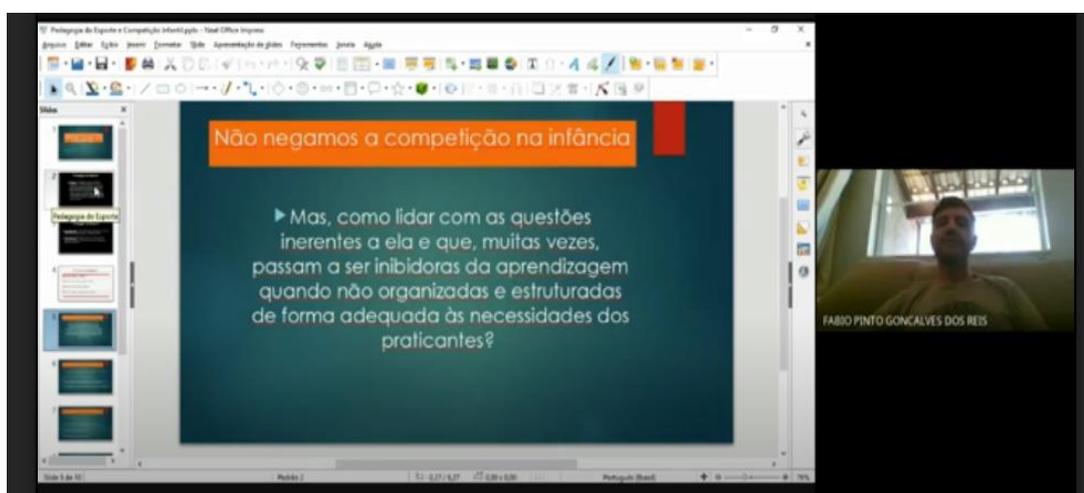
Desta forma, buscamos compartilhar com os discentes outras formas de se pensar o esporte na escola, tratando-o pedagogicamente, para que assim este possa se tornar uma ferramenta educacional. Ademais, durante a apresentação dos princípios pedagógicos da pedagogia do esporte segundo Freire (2012), incitamos os participantes com uma provocação, propondo-lhes a troca da palavra “esporte” por “lutas/artes marciais” em todos os sentidos.

Na Educação Física escolar, o ensino do esporte, por vezes, perpassa por uma série de questões e desafios no que tange a presença deste conteúdo nas aulas. Reverdito e colaboradores (2016) apontam para um convívio tenso entre a nossa subárea e o esporte no interior da escola. Nessa direção, os autores elencam quatro desentendimentos que colocam em dúvida a presença do esporte nas aulas de Educação Física e que, assim, deveriam ser esclarecidos. Essa possível incompreensão, segundo os autores, é atravessada por questões sobre o esporte de alto rendimento na escola, a competitividade do esporte, a institucionalização do esporte, assim como, a cisão entre o esporte e o jogo.

Esmiuçando um pouco isso, os autores (REVERDITO, et al., 2016) mostram que é pouco provável que tenha ocorrido, no interior da Educação Física escolar, práticas esportivas de alto rendimento, uma vez que isso exige ambientes estruturados, profissionais qualificados e treinamentos especializados. Um outro mal entendido está relacionado à institucionalização do esporte, pois, para os autores, não faz sentido existir uma compreensão sobre um fenômeno dentro da escola distinta do ambiente não escolar. Um terceiro aspecto estaria relacionado a cisão entre o jogo e o esporte, como se o primeiro fosse uma prática importante na formação e o último carregasse as características da sociedade capitalista. O quarto e último está vinculado

a interface entre competição e esporte, uma vez que estão intimamente relacionados, cabendo ao professor orientar um processo educacional pautado na complexidade desse fenômeno.

Na continuidade da aula, nós abordamos a competição, de maneira a não negá-la no interior da Educação Física escolar, mas sim, dialogando sobre as formas como ela se manifesta e também no trato didático que pode ser oferecido ao conteúdo. As perguntas fundamentais que se deve saber para o trabalho ético e responsável com a competição na escola são: para que competições? para quem? qual objetivo? onde será realizada? Para que a competição seja compreendida e constitua a formação humanizada, é preciso tratá-la em sua complexidade e abrangência. A seguir temos um imagem que ilustra um pouco como este conteúdo foi problematizado durante a aula:



Fonte: (aula 24/02/2021)

A competição, muitas vezes, pode atuar como inibidora no processo de aprendizagem na medida em que não é organizada levando em consideração as necessidades educativas do aluno. Reverdito e colaboradores (2008) apontam a competição dentro da escola como um espaço-tempo de integração, no qual os fins que a justificam devem ser tratados pedagogicamente. De igual modo que o professor (organizador) seja responsável pela intencionalidade educativa que subsidia o evento competitivo, tendo em vista que não seja algo que acabe ali mesmo, mas que propicie aos participantes a aquisição de virtudes relacionadas ao convívio social. Dessa forma, os autores apontam para um trabalho em conjunto, no qual toda a escola se envolva e a competição se norteie pelos objetivos pedagógicos da instituição, sustentada por pilares de valores sociais e cooperação (REVERDITO, et al., 2008).

Avançando um pouco mais na análise da aula, resolvemos abrir um diálogo sobre o modelo de competição pautado somente nos vencedores e vencidos dando exemplos de

situações cotidianas em que as crianças são cobradas por vitória pelos treinadores e familiares, sendo todo o processo desvalorizado. Nessa direção, Galatti e colaboradores (2007) mostram que modelos de competição nos quais existem uma supervalorização da vitória em detrimento de outros aspectos formativos, não trazem à criança que compete uma formação completa. Assim, os autores apontam como saída um trabalho organizado a partir da lógica dos festivais, para tanto, seria necessário reorganizar/mudar o modelo de eliminatórias simples para uma proposta que ampliasse a participação das crianças. Tendo em vista que este é um sistema no qual quem perde sai da competição, por vezes, isso pode interferir diretamente no processo de formação da criança.

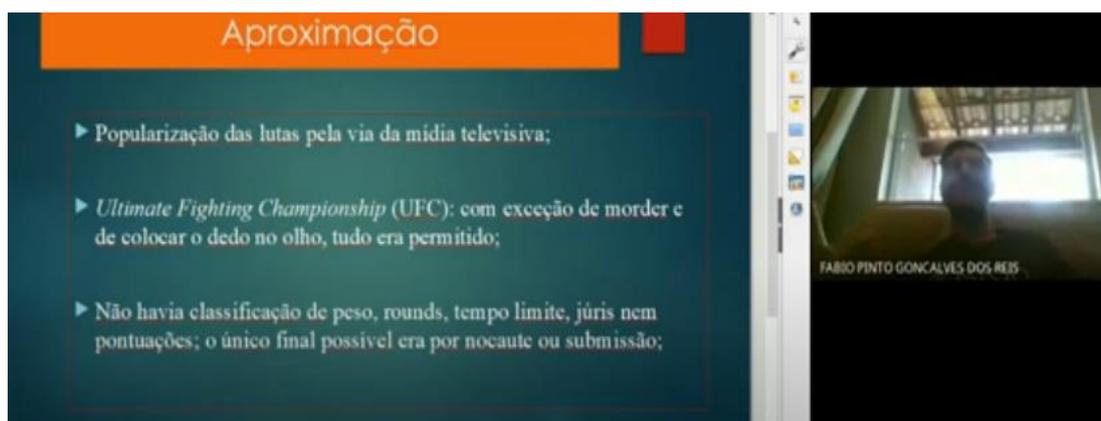
Arena e Böhme (2004), ao trabalharem o tema de competição para jovens, verificaram que eles são submetidos a um processo de especialização precoce citando como exemplo o caso da federação de judô do estado de São Paulo que permitia crianças com a idade inferior da indicada na literatura participassem de competições. Entretanto, as disputas eram organizadas de forma diferenciada, com tempos menores e menos exigências técnicas, mas mesmo assim, consideramos que essas mudanças ainda não contemplam totalmente a complexidade educativa do fenômeno “competição”. Embora os autores abordem as competições fora da escola, pode-se notar que o elemento competitivo presente no esporte também possui atributos educacionais, dependendo de como este é trabalhado. Dessa forma, Galatti e colaboradores (2007) sugerem mudanças nas competições infantis relacionadas às Lutas/Artes Marciais, em especial para o karatê. De igual modo eles sugerem modificações mais expressivas no formato da competição, como por exemplo o rodízio dos times e a mudança no sistema de eliminação, assim como, propõem um desafio para os treinadores e demais pessoas envolvidas neste processo que é a mudança no paradigma da supervalorização da vitória (GALATTI, et al., 2007).

Neste encontro virtual, os discentes foram estimulados a refletir sobre a competição a partir da pedagogia do esporte, os princípios e pilares que sustentam a discussão no plano epistêmico e pedagógico. Esse confronto só foi possível por intermédio da utilização do artigo de Galatti e colaboradores (2007), ao passo que pudemos discutir cientificamente os limites e possibilidade pedagógicas da competição na escola, sobretudo, no que diz respeito às Lutas/Artes Marciais.

Posto essas questões direcionadas aos modelos competitivos, para o último encontro do período resolvemos trabalhar com a temática do MMA nas aulas de Educação Física utilizando o texto de Vasque e Beltrão (2013). Por ser uma modalidade de luta com popularidade em

território nacional, possui potencial significativo de trabalho educativo, mas carece de formação docente qualificada para tanto.

Ao iniciar a aula, realizamos uma introdução sobre quais caminhos que seriam trilhados e os principais aspectos abordados, com destaque para as dimensões pedagógicas inerentes ao ensino. Nesse sentido, procuramos pautar a questão da esportivização do MMA, destacando como e quando aconteceram os primeiros eventos envolvendo combates entre pessoas praticantes de artes marciais diferentes. Estes combates foram os precursores do MMA, em específico, da criação do evento mundialmente conhecido como UFC® (Ultimate Fighting Championship). Trata-se de um evento que teve um aumento exponencial no Brasil, ao ponto de começar a ser transmitido até em rede aberta, chamando atenção de grande parte da mídia esportiva (VASQUES; BELTRÃO, 2013). A imagem abaixo retrata um pouco das discussões iniciais:



Fonte: (aula 10/03/2021)

AWI (2012) nos revela que os primeiros confrontos tiveram como finalidade comprovar que o jiu-jitsu brasileiro era uma arte marcial superior as outras, sendo que a família brasileira de sobrenome Gracie assumiu protagonismo nesse contexto. Hélio Gracie, o patriarca, adaptou o jiu-jitsu oriental dando-lhe traços ocidentais ao criar e modificar algumas técnicas, a fim de que a modalidade fosse utilizada por pessoas supostamente mais fracas para vencerem as mais fortes (AWI, 2012).

Os combates entre o jiu-jitsu brasileiro e qualquer outra modalidade tem sua origem no ano de 1932, quando Hélio Gracie fez seu primeiro combate com expectadores no Rio de Janeiro (AWI, 2012; OLIVEIRA; PONTE, 2013). A partir disso, foram diversos os combates em território nacional, porém com o aumento da popularidade do MMA, isso não aconteceu inicialmente em solo brasileiro. Foi nos Estados Unidos onde os Gracies começaram a gravar

seus combates e a partir desses registros começaram a perceber um grande interesse de consumo da população norte-americana. Diante dessa potencialidade econômica, foram gravados mais e mais combates, até o ponto de se criar um evento, que promovia diversas lutas em uma mesma seção, dando origem ao primeiro formato do UFC (AWI, 2012; OLIVEIRA; PONTES, 2013; VASQUES; BELTRÃO, 2013).

No primeiro formato do UFC existiam poucas regras e nenhum equipamento de proteção, com isso a maioria dos combates acabava com os lutadores gravemente feridos, como foi o caso da luta de estreia do evento, onde um deles ao chutar a cabeça de seu oponente, arrancou-lhe os dentes (VASQUES; BELTRÃO, 2013). De igual modo os lutadores realizavam mais de um combate no mesmo evento, posto que os embates só eram encerrados quando um dos oponentes desistia ou era impossibilitado de continuar. Dessa forma, alguns eventos passavam o limite de tempo, contratado anteriormente pelos consumidores, o que acarretava processos criminais a organização, como também incredibilidade ao evento (AWI, 2012). Diante de cenas de ferimentos graves aos lutadores, que impactavam o público, por tamanha expressão de violência, o UFC começou a ser proibido de ser comercializado em alguns estados norte-americanos. Assim, o evento passou por um momento de fragilidade econômica, e teve de ser reorganizado, com novas regras, que dessem mais segurança aos lutadores e também promovessem controle sobre as cenas de maior conteúdo impactante ao público, no que se refere aos ferimentos provenientes do combate (AWI, 2012; VASQUES; BELTRÃO, 2013).

Observamos, portanto, nessa reorganização do evento um foco em atender um público específico e, ao mesmo tempo, continuar sendo rentável financeiramente a partir de um fenômeno que foi intitulado de re-esportivização. Vasques e Beltrão (2013) assim como Awi (2012) apontam cenas de violência exacerbada como a principal responsável pela mudança no formato do evento, para que diante de tal transformação o empreendimento passasse a vender novamente. Vasques e Beltrão (2013) abordam o conceito de violência aceitável, aquela que permite ao público o prazer pela excitação e uma tensão ao mesmo tempo.

Discorreremos sobre isso porque durante o encontro virtual, pudemos trazer à tona como essa discussão referente a história do MMA poderia ser uma temática importante a ser trabalhada no Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio. Um ponto importante de reflexão foi em relação as mudanças nas regras diante das pressões midiáticas e do mercado e como isso também representa nossa sociedade. Segue a imagem do slide apresentado:

The image shows a presentation slide with an orange header containing the word "Aproximação". Below the header, there is a dark blue box with white text. The text includes a sub-header "▶ 1997-2000" and two main bullet points. The first bullet point discusses the need for rules to civilize fights due to financial, political, and social pressures. The second bullet point mentions the change in name from "ultimate fight" to MMA, along with weight classification and referee intervention. At the bottom of the blue box, it says "▶ Movimento de re-esportivização". To the right of the slide is a video inset showing a man in a dark shirt, identified by a name tag as "FABIO PINTO GONCALVES DOS REIS".

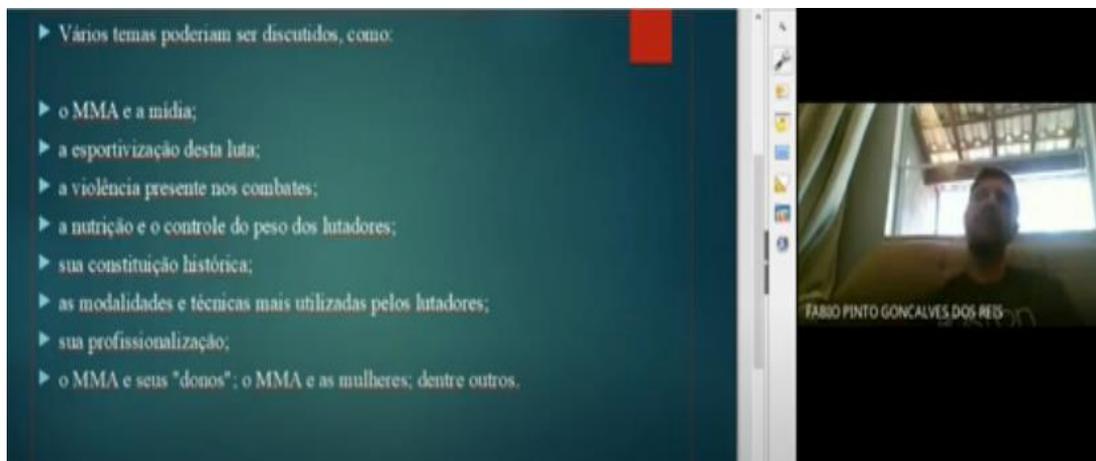
Fonte: (aula10/03/2021)

Após esse primeiro momento de apresentação da modalidade esportiva MMA, buscamos ampliar o debate sobre a inserção do fenômeno no interior da instituição escolar, sobretudo, em relação aos conhecimentos que deveriam ser mobilizados durante a aula de Educação Física. Como trabalhar a questão da violência no MMA, seria possível problematizar isso na escola? Essas foram questões que nortearam os rumos do encontro virtual, com destaque para o aprofundamento proporcionado pelo texto-base utilizado como aporte teórico (VASQUES; BELTRÃO, 2013).

Para os autores (VASQUES; BELTRÃO, 2013) a violência é um dos fatores que dificultam o trabalho com MMA dentro da escola, pois existe no imaginário coletivo uma associação entre quem o pratica e as manifestações agressivas. Contudo, os autores demonstram que inclusive tal correlação deve ser pautada no sentido de despertar a criticidade dos alunos nas aulas. Simultaneamente, eles destacam que o trabalho com o MMA pode ser tematizado em torno de questões de relevância social, tais como: MMA e gênero, rendimento esportivo e mídia.

Para além desse temas, ressaltamos que é possível pensar em caminhos metodológicos para o ensino do MMA na escola utilizando os jogos de oposição de contatos mistos (PEREIRA et al, 2018). Dessa maneira, pudemos recuperar algumas discussões anteriores, dentre elas a classificação das Lutas/Artes Marciais, os princípios condicionais (GOMES, 2008) e a perspectiva rizomática que permite uma ampliação da compreensão dos sujeitos a partir da problematização de artefatos culturais (PEREIRA, et al., 2018). Recuperamos também, com base nas reflexões de Reverdito e colaboradores (2016), o papel da Pedagogia do Esporte no ensino das Lutas/Artes Marciais e no processo de formação dos educandos. Convém mencionar

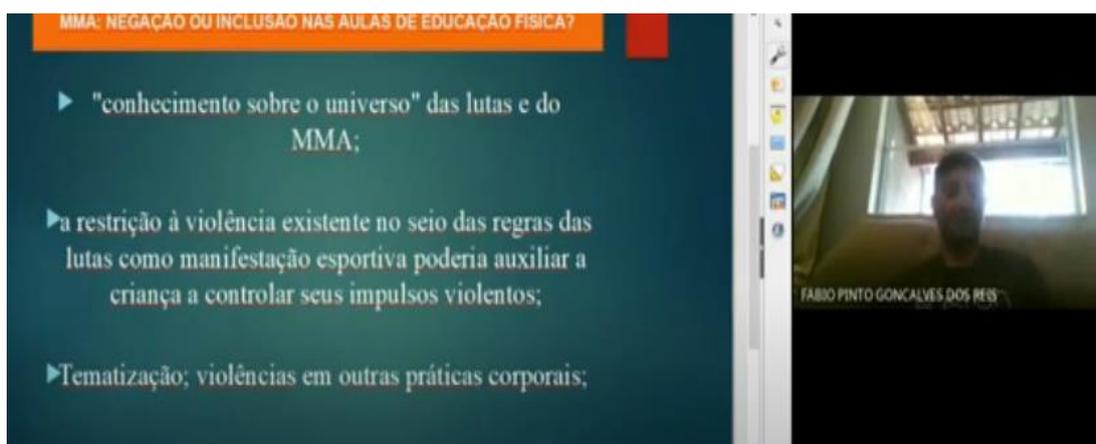
ainda que conseguimos sistematizar inúmeros elementos significativos no que se refere a organização do trabalho pedagógico ao tematizar o MMA.



▶ Vários temas poderiam ser discutidos, como:

- ▶ o MMA e a mídia;
- ▶ a esportivização desta luta;
- ▶ a violência presente nos combates;
- ▶ a nutrição e o controle do peso dos lutadores;
- ▶ sua constituição histórica;
- ▶ as modalidades e técnicas mais utilizadas pelos lutadores;
- ▶ sua profissionalização;
- ▶ o MMA e seus "donos"; o MMA e as mulheres; dentre outros.

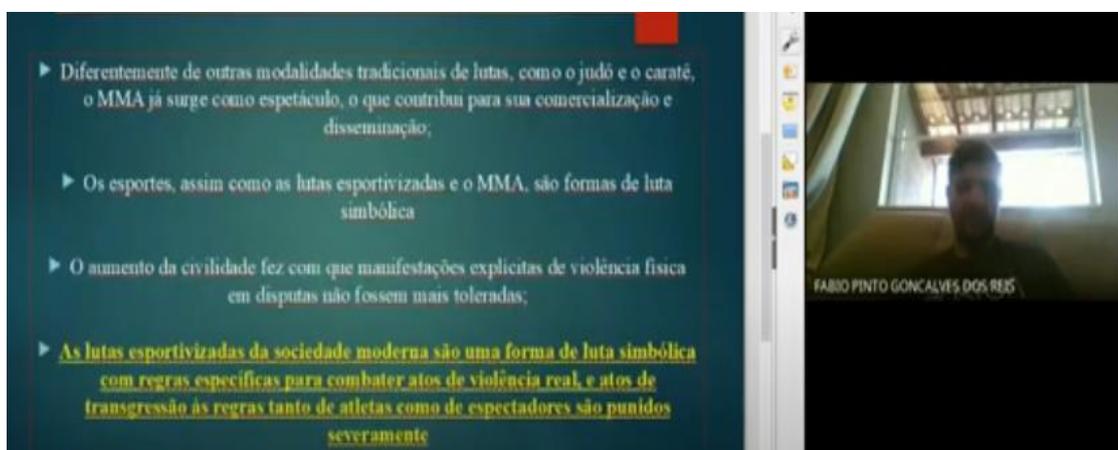
Fonte: (aula 10/03/2021)



MMA: NEGAÇÃO OU INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

- ▶ "conhecimento sobre o universo" das lutas e do MMA;
- ▶ a restrição à violência existente no seio das regras das lutas como manifestação esportiva poderia auxiliar a criança a controlar seus impulsos violentos;
- ▶ Tematização; violências em outras práticas corporais;

Fonte: (aula 10/03/2021)



- ▶ Diferentemente de outras modalidades tradicionais de lutas, como o judô e o caratê, o MMA já surge como espetáculo, o que contribui para sua comercialização e disseminação;
- ▶ Os esportes, assim como as lutas esportivizadas e o MMA, são formas de luta simbólica
- ▶ O aumento da civilidade fez com que manifestações explícitas de violência física em disputas não fossem mais toleradas;
- ▶ As lutas esportivizadas da sociedade moderna são uma forma de luta simbólica com regras específicas para combater atos de violência real, e atos de transgressão às regras tanto de atletas como de espectadores são punidos severamente

Fonte: (aula 10/03/2021)

Diante das possibilidades e dos entraves identificados ao longo desse último encontro, o que importa reter aqui é que a formação docente pautada nos pressupostos na pedagogia do esporte pode contribuir efetivamente para que os discentes adquiram os conhecimentos necessários para o trabalho com as práticas corporais de luta na escola. Sabemos de uma série de impedimentos que restringem o trabalho pedagógico envolvendo as Lutas/Artes Marciais no processo de escolarização envolvendo as diferentes etapas de ensino, por isso mesmo que a formação inicial consistente é tão importante. Alicerçados por esse desejo que finalizamos o encontro e a disciplina de Pedagogia das Lutas com os discentes, acenando que a última atividade do período envolveria a produção de um relato avaliativo sobre o processo (virtual) experienciado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrariamente aos ditames dos protocolos acadêmicos, decidimos concluir essa experiência formativa de ensino e pesquisa, tanto para os discentes quanto para mim (que pude compartilhar a disciplina Pedagogia das Lutas com o professor Fábio Reis), tentando elucidar, valorizar e escutar a ‘voz’ dos participantes. Para tanto, elaboramos um material que serviu como balizador do processo avaliativo, buscando evidenciar o percurso com base nos seguintes tópicos, a saber:

1 – Quem bom! (destacar as aprendizagens, experiências e formação);
2 – Que pena! (apontar os desafios e obstáculos do processo de ensino-aprendizagem com base no que foi desenvolvido na disciplina);
3 – Que tal? (sugerir mudanças ou acréscimos na disciplina, visando minimizar os obstáculos ou desafios).
4 – Como professor/a, quais os limites e possibilidades você identifica no ensino de Lutas/Artes Marciais considerando o contexto remoto (virtual)?

Tabela: elaborada pelo autor

De acordo com o REO, os discentes foram orientados a revisar todo o conteúdo da disciplina para que formassem uma avaliação da mesma, foi assim que nesse contexto, recebemos um retorno de dezesseis (16) discentes, como veremos a seguir.

Começaremos nossa análise a partir do pressuposto “Que bom” no qual os discentes escreveram sobre quais experiências os marcaram positivamente neste período de aulas/atividades remotas, na disciplina de Pedagogia das Lutas. Em linhas gerais, após leitura sistemática de todos relatos para posterior categorização, elencamos dois aspectos recorrentes na avaliação dos participantes. O primeiro deles está relacionado a compreensão sobre o fenômeno Lutas/Artes Marciais a partir da ótica dos autores selecionados como aporte teórico da disciplina. De igual modo, destacaram a relação deste fenômeno com temas de relevância social e as possibilidade do trabalho nas aulas de Educação Física nas diferentes etapas de ensino. O segundo elemento recorrente está atrelado a didática sobre como foram conduzidas as aulas, em especial, as que envolveram professores convidados que demonstraram inúmeras atividades de forma propositiva.

Ao adentrarmos no aprofundamento das nossas interpretações acerca do primeiro aspecto apontado a partir do pressuposto “Que bom”, os discentes descreveram o que compreenderam por Lutas/Artes Marciais na ordem conceitual do termo, como também sobre as tematizações no ambiente escolar. Vejamos a seguir alguns trechos dessas avaliações, que revelam o que os discentes atribuíram como destaque no processo de formação:

No que diz respeito aos processos de aprendizagens, experiências e formação, esta disciplina foi um potencializador para minha aprendizagem dos aspectos e as características das Lutas de maneira geral. Ao longo da disciplina pude compreender que as várias expressões de Lutas possuem características semelhantes, apesar de cada uma delas apresentarem suas especificidades (Hélio Gracie).

Que bom que no decorrer da disciplina, nós conseguimos aprender um pouco sobre as lutas/artes marciais. Foi dado início com uma introdução sobre a temática, onde o objetivo é conhecer os conceitos e as características (Amanda Ribas).

Assim que bom que conseguimos dar continuidade a disciplina de Pedagogia das Lutas. Os textos abordados durante a disciplina foram de extrema importância para esclarecer muitos conceitos sobre a luta, como, por exemplo; suas características, suas semelhanças, maneiras de aplicação prática nas aulas [...] (Yvone Duarte).

Como se pode notar, alguns dos futuros professores de Educação Física avaliaram como significativa o trabalho conceitual em torno das Lutas/Artes Marciais, afirmando que foi importante diferenciar e aproximar as interpretações em torno da manifestação. Dessa forma podemos inferir que no momento de formação inicial os discentes participantes foram mobilizados sobre a importância de tais conceitos. Sob a ótica de alguns estudiosos da área (GOMES, 2008; PEREIRA, 2018; PEREIRA, et al., 2020) abordados na disciplina, os discentes tiveram a oportunidade de refletir sobre o que caracteriza uma luta, quais são seus princípios operacionais, como podem se agrupar pela distância ou pelo contato corporal, sobretudo, como pensar tudo isso pedagogicamente.

A partir desta compreensão conceitual sobre a referida prática corporal, os discentes podem vir a trabalhar com este conteúdo na escola, uma vez que uma das razões para que o trabalho não aconteça está relacionado a falta de compreensão do fenômeno (RUFINO, 2018). Dessa forma, algumas associações tecidas entre as lutas, violências e brigas foram desmistificadas, o que de certa forma também contribui para que as vivências ocorram no contexto educacional. Decerto, alguns professores de Educação Física não trabalham este conteúdo por acreditarem (no sentido da crença mesmo) que estão estimulando a violência e as

brigas (RUFINO, 2018). Entretanto, cabe ressaltar que somente essa apropriação epistêmica não assegura que o trabalho ocorra nas aulas de Educação Física, por isso mesmo que ao longo da disciplina utilizamos os pressupostos da Pedagogia do Esporte como estratégia para fomentar as ações docentes.

Outros discentes igualmente descreveram sobre as tematizações que envolvem o universo das Lutas/Artes Marciais, tais como foram abordadas nos encontros virtuais e atividades escritas: as questões de gênero, as competições infantis e a discriminação socioeconômica em práticas esportivas. Desta maneira, evidenciaremos a seguir excertos que validam os mencionados avaliativos:

[...] trouxe à tona temas sociais relevantes (gênero, violência, classe social, mídia, dentre outros), que podem e devem ser problematizadas e discutidos para promover o ensino das lutas/artes marciais (Cris Cyborg).

A questão de gênero também foi assunto de nossas aulas, através do filme “Menina de Ouro” podemos analisar como ainda na sociedade moderna há o preconceito baseado em estereótipos, muitos ainda enxergam as lutas somente para o público masculino, que mulheres não devem lutar e movimentos como feminismo, buscam a igualdade de gênero, onde as mulheres podem estar onde elas quiserem (Luana Azulguir).

Uma questão debatida na disciplina muito importante foi a da competição; o seu modelo historicamente construído pelos adultos modelo esse que visa muitas vezes o alto rendimento e a busca por resultados e sobretudo pela vitória o que acaba por sua vez prejudicando os sujeitos envolvidos principalmente as crianças; a questão da especialização precoce; supervalorização da competição; a questão de como pensar a competição na infância e como trabalhar de forma pedagógica com as crianças (Anderson Silva).

Como observamos, diante de um contexto amplo de possibilidades de se tematizar as Lutas/Artes Marciais, de propor vivências que levem em consideração aspectos relevantes da sociedade, os discentes registraram aprendizagens com o debate em torno da competição na infância. Ademais, eles ressaltaram as desigualdades de gênero e os preconceitos que as mulheres sofrem ao praticarem alguma modalidade de luta, tendo em vista que para formar um cidadão crítico e reflexivo, capaz de viver em sociedade e contribuir para o desenvolvimento da mesma, é preciso que se respeitem preceitos de equidade social. Ao propor as tematizações nas aulas de Educação Física a finalidade foi levar aos educandos muito mais do que saberes técnicos de práticas corporais provenientes de nosso rico acervo cultural. Na realidade, o objetivo foi propor-lhes reflexões que abarcam problemáticas sociais, fomentando uma educação complexa, que permita ao educando se emancipar, como destaca Freire (2002).

Em outras avaliações, identificamos que outro elemento salientado pelos discentes foi a importância de se trabalhar este conteúdo em qualquer ambiente de formação, mas com destaque na escola, justamente porque este é um saber que integra o acervo da cultura corporal de movimento (BRACHT, 2005). Logo abaixo, apresentaremos os referidos argumentos na perspectiva discente:

O ensino das lutas na escola ou em centro de treinamentos é de extrema importância tanto na formação motora como psicológica e social dos educandos, uma aula bem elaborada pode contribuir tanto no desenvolvimento motor dos alunos, assim como no quesito psicológico e social, formando um ser de maneira integral (Flavio Canto).

[...] aprendemos como ensinar, tratar e problematizar as lutas dentro do âmbito escolar. Percebemos que embora ainda existam aspectos que limitam ensinar lutas através da educação física escolar podemos nos adaptar à realidade da escola, aspectos socioculturais dos alunos ou a problemas relacionados a infraestrutura (Gabi Garcia).

No recorte produzido por Gabi Garcia, podemos notar a mobilização do saber no que se refere ao ajuste do conteúdo ao contexto escolar específico, deixando evidente as pequenas marcas da formação resultante do contato com a disciplina Pedagogia das Lutas. Consoante anota Pires e colaboradores (2017), essas marcas deixadas no processo de formação inicial de professores de Educação Física podem interferir no desenvolvimento profissional e atuação ulterior.

No que tange ao encontros propositivos com professores convidados, os participantes sublinharam os seguintes aspectos:

Uma aula bem marcante foi quando tivemos a presença dos professores Alex e Alysson que desenvolveram uma aula prática sensacional que proporcionou a interação de todos e possibilitou refletir e construir juntos as possibilidades pedagógicas dos jogos de oposição em relação à sistematização do ensino das Lutas/Artes Marciais [...] Outra experiência formativa bem bacana foi quando professor Gustavo mestrando do professor Fábio que juntamente com sua namorada Natália e seu irmão Zé Maria, abordaram sobre o jiu-jitsu uma arte marcial de contato contínuo, na qual eles através de demonstrações práticas, mostraram a partir de uma perspectiva metodológica da pedagogia do jogo, alguns jogos de luta de oposição para melhor entendermos e compreendermos o jiu-jitsu (Bráulio Estima).

As aulas da disciplina de pedagogia das lutas foram muito boas de acompanhar, através de convidados o professor conseguiu fazer com que vivêssemos a experiência da luta, mesmo que de forma remota (Rafaela Silva)

Tivemos a presença de convidados que além de serem praticantes de lutas ainda são professores de educação física e ocorreu uma troca de experiência que para esse momento era mais que necessário (Mackenzie Dern).

Decerto que os encontros que englobaram movimentos corporais característicos de alguma modalidade marcial, com demonstrações de elementos tático-técnicos pelos docentes convidados, mereceram destaque nas avaliações discentes. Ao que nos parece, existiu uma valorização das aulas e professores que utilizaram a estratégia de construir as experiências corporais na virtualidade. Isso pode estar relacionado a uma valorização do movimento corporal, no sentido de aprender fazer para ensinar, o que para Figueredo (2004) equivale dizer que certas aprendizagens marcam o corpo de maneira profícua. Conforme já afirmamos, não estamos negando o papel da experiência corporal na formação inicial de professores de Educação Física, mas ratificando o caráter pedagógico, educativo e reflexivo propiciado pela vivência do/no processo de ensino. Assim como nos revela Figueiredo (2004), que a escolha do curso de Educação Física, por grande parte dos discentes, está relacionada diretamente com as práticas corporais vivenciadas, o que demonstra a importância disso para àqueles participantes.

Depois de apresentarmos as avaliações acerca das possibilidades de aprendizagens que a disciplina propiciou, partimos agora para analisar os obstáculos e impedimentos do processo formativo, referenciado no tópico “Que pena”. A valorização das aulas ‘práticas virtuais’ teve como consequência a crítica discente acerca da carência de contato com as experiências corporais relacionadas as Lutas/Artes Marciais. Como nos revela o seguinte recorte da avaliação da Kyra Gracie:

Foi um pouco frustrante não poder realizar a disciplina presencialmente, mas o professor Fábio e seus ajudantes fizeram o máximo que puderam para amparar e suprir essas necessidades, e torço para que em breve conseguiremos nos encontrar e desfrutar das coisas boas que o contato físico nos permite. (Kyra Gracie)

No excerto acima, podemos constatar que para Kyra foi frustrante o ensino remoto, não por falta de conhecimentos relacionados ao saber ensinar, mas sim pela ausência do contato físico. E, neste sentido, a discente ainda atribui que o contato proporciona “coisas boas”, o que nos leva a interpretar que nenhuma condição de ensino substitui a presencial. Parece uma espécie de desabafo sobre algo que nos é tão caro, mas, por vezes, aparece descontextualizado e menosprezado no processo educacional. Isso também foi sublinhado pelos discentes, sobretudo, no que concerne ao processo formativo de professores:

Como desafios do processo de ensino aprendizagem eu destacaria primeiramente a questão de estarmos limitados por uma tela em virtude do momento que atravessamos, acho que a falta do contato presencial seria o primeiro desafio no ensino aprendizagem da disciplina até porque trata-se de uma disciplina de prática corporal em que o contato dos indivíduos é fundamental para elucidar aspectos importantes das Lutas/Artes Marciais (Caín Velásquez).

Infelizmente não tivemos a pratica desta matéria devido este caos da pandemia que estamos vivenciando e acho que faz bastante falta a troca de experiência que ocorre dentro da sala de aula pois gosto bastante dessas matérias e principalmente quando se tem a parte pratica (Gabi Garcia)

Que pena que não tivemos a possibilidade de realizá-la presencialmente, pois as dinâmicas praticas ajudariam muito para uma melhor assimilação dos conteúdos. Mais vale destacar que as aulas práticas mostradas pelo Gustavo (e demais pessoas) da disciplina foram de extrema importância, facilitou em muito a aprendizagem. Assim mesmo não sendo possível presenciar a pratica, o “assistir” também ajuda muito a compreensão (Ronda Rousey)

O que chama nossa atenção é a necessidade dos discentes realizarem carnalmente os jogos e as práticas de luta, tendo em vista que isso ‘melhoraria’ ainda mais a disciplina. Ao trazer o contexto da prática corporal à baila no processo de formação de professores de Educação Física, Quaranta (2011) identificou em seu estudo que a falta de vivências corporais e saberes pedagógicos no âmbito da formação docente em Educação Física (principalmente no início do curso), pode não mobilizar o discente no sentido de ressignificar ou romper com crenças anteriores ao processo de formação. No âmbito de formação da disciplina de Pedagogia das Lutas, não notamos a ausência de desconstrução pelos discentes no que diz respeito as perspectivas arraigadas que antecederam o ingresso ao curso. Podemos presumir que o fato dos discentes não terem sido privados dos saberes pedagógicos oriundos de estudiosos do referido fenômeno, além de terem vivenciado ‘práticas virtuais’, as intervenções planejadas conseguiram dar conta da proposta de formação docente. Vale enfatizar que até identificamos que alguns discentes repensaram suas crenças, atribuindo-as novos horizontes de reflexão e ação na escola.

Posto os aspectos referentes aos desafios enfrentados ao longo do período letivo, caminhamos agora com a apresentação do terceiro pressuposto que, por assim dizer, é mais propositivo (“Que tal?”). Ocorre que esse era o momento dos participantes sugerirem algo frente aos imperativos identificados, a fim de podermos qualificar os processos de aprendizagem no interior da disciplina. Com isso, notamos que para determinados discentes a carência de experiências corporais propriamente ditas poderia ser resolvida com a ampliação

na quantidade de aulas e, na mesma medida, com a intensificação da participação efetiva do grupo:

Como sugestões ao processo de ensino da disciplina eu acho que seria legal ter mais experiências práticas nos encontros, pois proporcionaria uma participação mais efetiva dos alunos à refletirem todos juntos e a entender melhor a teoria; disponibilizaria como subsídios filmes, seriados e até mesmo desenhos para elucidar melhor determinadas Lutas e Artes Marciais, os jogos de oposição, contexto histórico, etc (Caín Velásquez).

Que tal nos próximos períodos, caso continuarmos ainda estivermos remotamente, a ministração de mais aulas envolvendo a prática de outros professores, como foi com os professores Alex, Alysson e Gustavo (Amanda Ribas).

Para os discentes, as aulas nas quais a teorização foi construída a partir da vivência de jogos favoreceu uma compreensão melhor sobre os próprios conceitos. Dessa forma, consideramos que a disciplina proporcionou subsídios para que os discentes (futuros professores) possam trabalhar com Lutas/Artes Marciais na escola, porém, as experiências corporais poderiam ser ampliadas, não apenas como um saber técnico, mas sim com uma dimensão reflexiva sobre o saber fazer.

Em outra instância, também localizamos discentes que não sugeriram nenhum tipo de mudança ou acréscimo à disciplina, pois entenderam que o processo formativo contemplou todas expectativas, conforme anotamos abaixo:

Diante do processo, não mudaria nada, pois ao meu entendimento o conteúdo foi trabalhado de forma sistematizada e abordando de forma claro, como a modalidade Luta deve ser trabalhada na escola, assim como as diversidades, desafios, obstáculos, resistência que são encontradas nas aulas de educação física (Rickson Gracie).

O discente envolvido salienta que toda reflexão em torno do “saber sobre o saber fazer” já contemplou a experiência de formação inicial em Educação Física, considerando o contexto e os limites do ensino híbrido e/ou a distância. Segundo os autores (LAZZAROTTI FILHO; SILVA; LISBÔA; PIRES, 2013; PIRES, 2013; PIMENTEL et al., 2014), nos cursos de Educação Física que têm essas características há uma potencialização do saber como ensinar a partir de ferramentas virtuais diversas, rompendo com modelos tradicionais de ensino baseado no “saber fazer-ensinar”. Assim como aconteceu a disciplina de Pedagogia das Lutas no semestre de 2020/02 ao desenvolvermos as aulas em caráter remoto com encontros síncronos e assíncronos, existe no Brasil hoje uma forte demanda de cursos de formação de professores em

Educação Física a distância, com isso também surgem inquietações no que diz respeito a qualidade oferecida. Como, por exemplo, Quaranta (2011) que ao investigar um curso de Educação Física na modalidade a distância, identificou problemas graves na formação destes futuros professores. Problemas esses relacionados a falta de supervisão em atividades acadêmicas, o que reverberou em um paradigma de formação relacionado a uma perspectiva desenvolvimentista. Outros autores também levantam essa questão como problemática (LISBÔA; PIRES, 2013) e apontam como saída a implementação de um modelo formativo reflexivo-crítico (NÓVOA, 2007).

No desenvolvimento da disciplina de Pedagogia das Lutas os encontros aconteceram de maneira síncronas, ao passo que os discentes eram convidados a refletir sobre a prática, mesmo que na forma de simulacro. Dessa forma, presumimos que os envolvidos não foram prejudicados no que se refere a falta de supervisão pedagógica, mesmo estando em um momento de trabalho remoto.

Alguns autores (LAZZAROTTI FILHO; SILVA; LISBÔA; PIRES, 2013; PIRES, 2013; PIMENTEL, et al., 2014) sinalizam para que o ensino de forma remota, virtualmente falando, perpassa por reflexões sobre a prática e que isso se torne uma experiências de ensino. Em última análise, inferimos que a maneira pela qual a disciplina foi organizada/planejada pode ter amenizado essas lacunas apontadas por alguns discentes, incluindo os limites e desafios colocados por alguns autores.

Outro aspecto que nos afetou no tocante à avaliação da disciplina, foi que alguns dos alunos realizaram uma espécie de relato, por assim dizer, autoavaliativo. Nessa reflexão, alguns discentes afirmaram não terem conseguido acompanhar a disciplina lendo os textos propostos e acompanhando o encontro sincronamente, por vezes, deixando de construir os subprodutos dos encontros. Adicionado a isso, apareceram relatos justificando o absenteísmo pelo fato de terem arrumado emprego para ajudar nas despesas de casa, de igual modo porque alguém da família adoeceu. Em especial, pinçamos também muitos agradecimentos ao professores da disciplina, sinalizando o quão especial foi o processo para os discentes neste momento de formação.

O último aspecto da avaliação pautou-se na tentativa de colocarmos os discentes em um exercício de empatia, ou seja, de colocá-los enquanto docente de Lutas/Artes Marciais no contexto de trabalho remoto. Para tanto, propomos que os discentes da disciplina respondessem a seguinte indagação: como professor/a, quais os limites e possibilidades você identifica no ensino de Lutas/Artes Marciais considerando o contexto remoto (virtual)?

A “falta de contato corporal” foi o tema mais recorrente que apareceu em todos os relatos e acabou se configurando como o maior desafio para o ensino de Lutas/Artes Marciais, o que coincidiu com a principal crítica realizada à disciplina cursada pelos discentes. No entanto, o argumento colocado no tocante ao toque físico se refere a dificuldade da presença de um oponente na prática de Lutas/Artes Marciais. Pela própria característica das lutas no que diz respeito ao contato intencional, oponente/alvos, imprevisibilidade e fusão ataque/defesa (GOMES, 2008) implicar a participação de outra pessoa na atividade. Para os discentes, quando fica inviável a presença de um oponente, como é o nosso caso, o ensino/aprendizagem de Lutas/Artes Marciais se torna algo desafiador.

Bastos e colaboradores (2004), ao tratarem da corporeidade a partir do pensamento complexo, remetem-nos a uma infinidade de possibilidades nas aulas de Educação Física, uma vez que compreendem o corpo como algo complexo que envolve dimensões físicas, emocional-afetiva, mental-espiritual e social-histórica-cultural do ser humano. Dimensões essas que se contrapõem e se completam nas vivências humanas, que são concretizadas tanto nos ambientes virtuais como nas interações presenciais. Tendo em vista essa perspectiva, podemos inferir que o trabalho com as Lutas/Artes Marciais, mesmo sem um oponente físico, deve ser desenvolvido ao trazermos, por exemplo, o universo simbólico, explorando a criatividade de cada educando na imaginação de um oponente.

A falta de ambiente adequado, estrutura, material e acesso ao conteúdo de forma *online* também foram compreendidos como intempéries no contexto de ensino/aprendizagem da supracitada manifestação corporal. Além disso, as dificuldades inerentes ao ensino remoto permeiam questões familiares, socioeconômicas, de falta de acesso à computadores e internet, até mesmo as ‘barreiras’ geográficas surgiram como aspectos relevantes nos relatos, em função de muitos discentes morarem na zona rural. Ao mesmo tempo, segundo os discentes, o uso de aparatos tecnológicos e a ressignificação/transformação do ensino podem se configurar como potencialidades para o ensino/aprendizado de Lutas/Artes Marciais.

Amanda Ribas destacou em sua avaliação que, talvez, essa condição pode ter como consequência uma “aproximação familiar”, consoante a narrativa que se segue: “*apesar disso, acredito que um ponto positivo nessa questão é a aproximação familiar, eu como professora iria aproveitar isso, visto que a criança ou o adolescente irá precisar de ajudas dos responsáveis para realizar as atividades e os jogos com êxito*”. Em suma, o ensino remoto encetaria a proximidade entre os integrantes da família em razão das atividades explorarem a participação coletiva.

De igual modo a flexibilização dos horários para as crianças desenvolverem as atividades ou terem contato com as aulas assíncronas tornar-se-iam facilitadores da aprendizagem, já que ela poderiam ter acesso ao conhecimento em outros momentos. Esses aspectos evidenciados são interessantes para nós repensamos algumas propostas, sendo que o primeiro nos sugere que podemos, ao propormos atividades, envolver outros integrantes da família dos discentes no processo. O segundo demonstra que os participantes da disciplina Pedagogia das Lutas enxergaram a flexibilização de horário a partir do plano de estudos e aulas assíncronas como possibilidade, em que pese os impedimentos já salientados.

Outra questão interessante que brotou nos relatos avaliativos foi a utilização das múltiplas linguagens para o ensino ser mais significativo, conforme observa-se abaixo:

Na Educação Física, no estudo remoto, o professor deve contextualizar e apresentar aos alunos o conteúdo lutas através de vídeos, textos, imagens e filmes, sempre proporcionando debates com o objetivo de que os alunos troquem informações e experiências entre si e com o professor, sendo o mesmo mediador desse debate, através de sugestões e conhecimentos prévios (Rickson Gracie).

Dá também para fazer muitos movimentos e ações que estão presentes nas lutas, mesmo de forma remota dá para fazer demonstrações diversas, sem falar na infinidade de vídeos, aplicativos e jogos que podem ser explorados para a apropriação das lutas. Pode também pedir para que os alunos vejam e pesquisam determinados filmes de lutas e depois dialoguem sobre o que eles aprenderam, curiosidades, elementos etc (José Aldo).

Porém, há possibilidades para se ensinar lutas, uma delas podem ser através de filmes, já que existe uma variedade de filmes que retratam as lutas como tema principal da história; além de conseguir ensinar lutas, os filmes são uma forma atrativa (Marcos Ruas).

Pois bem, conforme foi exposto nas considerações finais dessa dissertação, parte dos discentes descreveram quais as possibilidades e os limites para que o ensino de Lutas/Artes Marciais pudesse acontecer, dentre outras questões apontadas anteriormente, inclusive sugerindo mudanças à disciplina Pedagogia das Lutas ministradas por nós no período 2020/2. À título de síntese e facilitar a visão do todo, elaboramos a seguinte tabela abaixo:

Tabela 14- Possibilidades e Desafios para o ensino de Lutas

POSSIBILIDADES	DESAFIOS
<ul style="list-style-type: none"> - Aproximação familiar - Aulas teóricas - Atividades individuais - Novos olhares/ressignificação do ensino de Lutas/Artes Marciais - Uso da internet/aparatos tecnológicos - Flexibilização de horário - Utilização de diferentes linguagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de contato corporal - Falta de ambiente/estrutura/acesso à computadores e internet - Dificuldade em romper com o modelo de aula tradicional

Fonte: O autor (01/01/2021)

Consideramos, por fim, que a experiência formativa aqui descrita, interpretada e, às vezes até confrontada, contribua de alguma forma para refletirmos e continuarmos caminhando frente os desafios colocados à docência em tempos de pandemia. A nossa pretensão não era assumir uma perspectiva maniqueísta, ou mesmo binária (presencial x remoto), mas tentar compartilhar e construir experiências formativas significativas no tocante ao ensino de Lutas/Artes Marciais no curso de licenciatura em Educação Física da UFLA. Aprendendo com os discentes, escutando-os, porque educação se faz por meio do diálogo. Essa foi a nossa tentativa. No mais, cuidem-se! E que tão logo possamos voltar às nossas atividades educativas presenciais, porém, com essas aprendizagens que nos marcaram e nos marcarão para vida toda, porque docência não se é...se faz...!!!

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (2005). Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO no Brasil. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000179.pdf>>
- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006.
- ALENCAR, Y. O. et al. As lutas no ambiente escolar: uma proposta de prática pedagógica. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 23, n. 3, p. 53-63, 2015.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos et al. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**, v. 3, p. 67-100, 2004.
- ANDRÉ, Marli. Políticas de formação continuada e de inserção à docência no Brasil. **Educação Unisinos**, v. 19, n. 1, p. 34-44, 2015.
- ANDRÉ, Marli. Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 145, p. 112-129, 2012.
- ANTUNES, M. M. A produção acadêmica em Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate: reflexões e possíveis encaminhamentos. **RBPFEEX - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 921-924, 2016.
- APARÍCIO, Ana Sílvia Moço; DE ANDRADE, Maria de Fátima Ramos. A construção de sequências didáticas para o ensino da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: uma experiência de formação docente no âmbito do PIBID. **Educação & Linguagem**, v. 19, n. 1, p. 13-39, 2016.
- APPENZELLER, Simone et al . Novos Tempos, Novos Desafios: Estratégias para Equidade de Acesso ao Ensino Remoto Emergencial. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília , v. 44, supl. 1, e155, 2020 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022020000500201&lng=en&nrm=iso >.
- ARENA, Simone S.; BOHME, Maria TS. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2008.
- AWI, Fellipe. **Filho teu não foge à luta**. Editora Intrinseca, 2012.
- AZINI FILHO, M. L. et al. O ensino de lutas nas aulas de Educação Física Escolar. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 4, dez. 2014.
- BARBOSA, E. F. & MOURA, D. G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente**. Movimento, v. 14, n. 3, p. 185-207, 2008.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições 70, 1977

BARROS, A. M.; GABRIEL, R. Z. Lutas. DARIDO, S. C. (Org.). **Educação Física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentado no Brasil. 2002.

BAZÍLIO LOPES, R. G.; OKIMURA KERR, T. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 262-279, set. 2015.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 16, n. 3, p. 09-19, 1995.

BETTI, M. Educação Física, cultura e sociedade. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 174, p. 1-9, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/135026>>.

BETTI, Mauro. Sobre teoria e prática: manifesto pela redescoberta da educação física. **Revista Digital. Buenos Aires**, v. 90, 2005.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas:Papirus,1998

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. Qualidade na educação superior a distância no Brasil: onde estamos, para onde vamos? **Rev. EaD em Foco**. 2018.

BRACHT, Valter. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento. SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, p. 97-106, 2005.

BRASIL. Lei 9.394, de 1996. Regulamenta as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> . Acesso em 11 de maio de 2020.

BOEHL, W. R.; DA SILVA LIMA, L.; DA FONSECA, D. G. (In) justificativas e (im) possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 69-77, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 2ed. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDL, C. E. H.; BOELHOUWER, C.; GUIOSI, K. N. Práticas pedagógicas inovadoras: as lutas como conteúdo da educação física no ensino médio. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 89-98, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Coronavírus: monitoramento nas instituições de ensino. Brasília, DF: MEC, 2020a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/coronavirus/> . Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

CAMARGO, J. L. de; MARCONDES, F.; GURALECKA, J. D. Metodologia do ensino do conteúdo lutas de 5ª a 8ª série em escolas estaduais de Guarapuava-PR. **Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, v. 5, n. 2, 2015.

CAMPOS, J. W. de S., JARDIM, A. B. C., DE MOARES, A. J. M., DE OLIVEIRA, E. S., & Silva, P. da T. N. Capoeira na Universidade: relato de experiência na Universidade Federal do Maranhão. **RBPFEEX - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 898-899, 2016.

CÂNDIDO, M. J. da C.; DE OLIVEIRA, D. C. TICs como ferramentas motivadoras para introdução do conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física Escolar no contexto Luta não é Briga. **Revista Tecnologias na Educação**, ano, v. 7, 2017.

CARREIRO, E. Lutas. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.244-261, 2005.

CASTIONI, Remi et al . Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 111, p. 399-419, June 2021 . Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362021000200006&lng=en&nrm=iso >

CAVAZANI, Reinaldo Naia et al. Pedagogia do esporte: tornando o jogo possível no judô infantil. **Motrivência**, v. 28, n. 47, p. 177-190, 2016.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.**, São Paulo , v. 5, n. 11, p. 173-191, Apr. 1991 .Disponível em :
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18-02, 2021.

CHAVES, P. N.; DA SILVA, I. L.; DE MEDEIROS, R. M. N. Lutas na educação física escolar: uma experiência no ensino médio. **Cadernos de formação RBCE**, v. 5, n. 2, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU JITSU, 2021. Disponível em: <
<https://cbjj.com.br/events/results>> Acesso em: 25-01,2021

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Resolução N° 119/2020, 31 de agosto de 2020. **Universidade Federal de Lavras**, [2020]. Disponível em:
<https://prograd.ufla.br/images/arquivos/legislacoes/res119_2020_-_ERE_2020-2_-_alterada_pela_res178_2020.pdf >

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Resolução N° 178/2020, 10 de dezembro de 2020. **Universidade Federal de Lavras**, [2020]. Disponível em:<
https://sistemaslegados.ufla.br/documentos/arquivos/5_178_10122020.pdf >

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Resolução N° 051/2021, 19 de março de 2021. **Universidade Federal de Lavras**, [2021]. Disponível em:<
https://ufla.br/images/arquivos/2021/res051_2021.pdf >

CORREIA, W. R. Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 2, p. 337-344, 2015.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E.. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 01-09, 2010.

COSTA, Oberdan Santos; GOUVEIA, Luis Borges. Educação superior a distância. **Revista Educação Em Questão**, v. 57, n. 51, 2019.

CRUZ, M. M. S. et al. Tematizando as lutas na educação física escolar: relato de uma prática pedagógica no contexto do PIBID. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [S.l.], p. 109-115, mar. 2018.

DARIDO, Suraya Cristina. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 1, n. 2, p. 124-128, 1995.

DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DA SILVA, D. S.; SILVA, C. M.; DE OLIVEIRA, D. L. O desafio das lutas através dos jiu-jitsu brasileiro nas aulas de Educação Física escolar. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 13, n. 1, 2019.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A TÉCNICA ESPORTIVA COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL: IMPLICAÇÕES PARA A PEDAGOGIA DO ESPORTE. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, 20 mar. 2008

DE MATOS, J. A. B. et al. A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde**, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015.

DE SOUZA, Juliana; FRANCO, Laércio Claro Pereira. As resistências culturais enfrentadas pela mulher no âmbito das modalidades de lutas. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-22, 2021.

DE OLIVEIRA, L. S.; de MOARES, A. J. M.; SOARES, I. da S.; OLIVEIRA, E. da S.; & de SOUZA, S. A. R. A ludicidade e o ensino das lutas: um relato de experiência na modalidade Submission Grappling do programa Universidade Olímpica na UFMA. **RBPFE - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 887-888. 2016.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioteca, 2006.

DOS SANTOS, R. B.; BRASIL, I. B. G. Vivenciando o conteúdo lutas na Educação Física escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 3, n. 1, p. 60-65, 2018.

DE OLIVEIRA SANTOS, G. Relato de experiência com o ensino de artes marciais na formação em Educação Física em Diamantina-MG. **Horizontes-Revista de Educação**, v. 7, n. 14, p. 229-245, 2019.

FERNANDES, Vera et al . MULHERES EM COMBATE: REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADES EM LUTADORAS DE BOXE E MMA. **Rev. educ. fis. UEM**, Maringá ,v. 26, n.3, p.367-376, Set. 2015 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198330832015000300367&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila. “Menina de ouro” ea representação de feminilidades plurais. **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1611-1629, 2014.

FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho. A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.39.2011.tde-30052011-084826. Acesso em: 2021-03-12

FERREIRA, H. S. As lutas na educação física escolar. **Revista de Educação Física/Journal of Physical Education**, v. 75, n. 135, 2006.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004.

FLIK, U. Introdução à pesquisa qualitativa; tradução. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT. M. Vigiar e punir. Petrópolis: Editora Vozes. 2001 GORDON, Colin (ed.) 1980.

FREIRE, J. B; GODA, C. Fabrincando: as oficinas do jogo como proposta educacional nas séries iniciais do ensino fundamental. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 14, n. 1, p. 111-134, 2008.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Freire, 2002.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do Esporte e Competição Infantil: análise e proposições a partir do Karatê de Contato. **Rev Movimento & Percepção**, v. 8, n. 11, p. 169-185, 2007.

GATTI, Bernadete A. **A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas**. Revista USP, n. 100, p. 33-46, 2014.

GATTI, Bernadete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v.13, n.37, p.57-70, Apr. 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782008000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de Maio de 2020.

GIOLO, Jaime. A educação a distância e a formação de professores. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1211-1234, Dec. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000400013&lng=en&nrm=iso>.

GOMES, M. S. P. **Procedimentos Pedagógicos para o ensino de lutas: contextos e possibilidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

HARNISCH, G. S. et al. As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [S.l.], p. 179-184, maio 2018.

HEGELE, B.; GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 99-107, 2018.

HERINGER, Dionésio Anito T.; FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Práticas de formação continuada em Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 83-105, jan. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/6255/6940>>. Acesso em: 12 maio 2020.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Editora Perspectiva, 1999.

JACAUNA, J. R.; LAUREANO, M. L. M.; DUARTE, M. G. As percepções sobre o jiu-jitsu enquanto conteúdo das aulas de Educação Física escolar. **ACTA Brasileira do Movimento Humano**, v. 5, n. 2, p. 43-52, 2015.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esporte. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 12, n. 1, p. 199-210, 2006.

JUDITH, Revel. Dicionário Foucault. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2011.

JÚNIOR, Marcílio Souza et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, 2011.

LAGE, V. et al. As lutas na Educação Física escolar: perspectivas discentes de Catanduva e Região. **Fundação Padre Albino**, p. 9. Jan./Dez. 2016.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; PIRES, Giovani de Lorenzi. Saberes e práticas corporais na formação de professores de Educação Física na modalidade a distância. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 701-715, Sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892013000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Jul. 2020.

LAZZAROTTI FILHO, A.; CRUVINEL, F.; SILVA, A. M.; SILVA, M. Z. DA; ALMEIDA, G. C. F. DE. A dinâmica, os principais problemas e as qualidades no desenvolvimento de um curso de licenciatura em Educação Física na modalidade a distância. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3, 30 set. 2015.

LISBOA, M. M.; PIRES, G de L. Tecnologias e a formação inicial do professor de Educação Física: reflexões sobre a educação a distância. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 1, p. 60-81 jan. 2013.

- LOPES, R. G. B.; KERR, T. O. O ensino das lutas na educação física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 262-279, 2015.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. Lisboa: **Porto Editora**, 2000.
- LÜDKE, M; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986 99 p.
- MAGALHÃES NETO, A. M. A inserção dos esportes de combate nas aulas de Educação Física escolar: uma visão atual. **Revista Panorâmica online**, v. 22, 2018.
- MARCELO GARCÍA, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Revista de ciências da educação**, 8, 7-22, 2009.
- MARCON, Daniel et al. **A construção das competências pedagógicas através da prática como componente curricular na formação inicial em Educação Física**. 2005.
- MARCON, Daniel; DOS SANTOS GRAÇA, Amândio Braga; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira. Critérios para a implementação de práticas pedagógicas na formação inicial em educação física e implicações no conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 3, p. 497-511, 2011.
- MARÍA HAAS, C., Moutinho Neves, L., & De Paula Stander, M. D. As políticas brasileiras para a Educação Superior a Distância: Desafios da expansão. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, 21(32), 2019.
- MARIN, Elizara Carolina et al. Formação continuada em educação física: relação entre mundo do trabalho, políticas educacionais e educação. **Movimento**, v. 17, n. 2, p. 259-278, 2011.
- MINAYO, M.C.S.(Org) **Pesquisa Social; Teoria Método e Criatividade**. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOURA, D. L.; SILVA JUNIOR, I. A. L. da, ARAUJO, J. G. E.; SOUZA, C. B. de, & PARENTE, M. L. da C. O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Pensar a Prática**, v. 22. 2019.
- MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: **Penso**, p. 27-45, 2015.
- MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.
- MUGRABI, L. V. S.; MARIA, A. L. O judô na educação física escolar. **Acta brasileira do movimento humano**, v. 6, n. 2, p. 11-19, 2016.
- NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 36-49, 2008.

NASCIMENTO, P. R. B; ALMEIDA, L. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

NÓVOA, A.; VIEIRA, P. Um alfabeto da formação de professores (A teacher education alphabet). *Crítica Educativa*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 21-49, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v3i2.217. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/217>.

OLIVEIRA, E. S. de. et al. Seminário de lutas no contexto escolar e ambientes educacionais: reflexões e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, Vol. 10(63), p. 841(2), 2016.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000200002&lng=en&nrm=iso>.

PEREIRA, M. P. V. DE C.; CIRINO, C.; CORRÊA, A. O.; FARIAS, G. O. Lutas na escola. *Conexões*, v. 15, n. 3, p. 338-348, 18 nov. 2017.

PEREIRA, Á. S. **Livro-experiência para o ensino-aprendizagem das lutas na Educação Física do Ensino Fundamental e Ensino Médio.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

PEREIRA, A. S; REIS, F. P. G. dos; CARNEIRO, K. T; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia das Lutas/Artes Marciais: do ambiente de jogo à sistematização do ensino.** 1ed. Curitiba-PR: BRAZIL PUBLISHING, 2020a. v. 1. 212p (prelo).

PEREIRA, A. S; REIS, F. P. G. dos; CARNEIRO, K. T. Os saberes relativos às Lutas/Artes Marciais nos documentos curriculares oficiais da Educação Física: entre inconsistências, ausências e lampejos. In: FERREIRA, H. M (org). **Formação de professores: múltiplos olhares.** 2020b (prelo).

PEREIRA, M. S. et al. "Lutas para crianças com e sem deficiência/Martial arts for children with and without disabilities." *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, vol. 10, no. 63, p. 925, 2016.

PIMENTEL, Fernanda Cruvinel et al. Formação de professores de Educação Física a distância: a experiência da Universidade de Brasília. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 55-69, nov. 2014. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n43p55/28130>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, Universidade Federal de Lavras, 2010. Disponível em: < <http://dade.ufla.br/projetos-pedagogicos-cursos-de-graduacao>> Acesso em: 07/04/2020.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, Universidade Federal de Lavras, 2017. Disponível em: < <http://dade.ufla.br/projetos-pedagogicos-cursos-de-graduacao>> Acessado 07/04/2020.

PUCINELI, F. A. **Sobre luta, arte marcial e esporte de combate**: diálogos. 2004. 50f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

QUARANTA, André Marsiglia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Histórias de vida e experiências docentes no estágio supervisionado de licenciandos em Educação Física- modalidade Ead. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 185-205, mar. 2013. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/23488/25260>>. Acesso em: 07 jul. 2020

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. **cadernos pagu**, n. 11, p. 89-98, 1998.

RAMOS, A. y F.; PAULO M. y F.; ÁDILA y (2014), "Revisão Sistemática de Literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação." **Revista Diálogo Educacional**, Vol. 14, núm.41, pp.17-36, 2014.

REI, B. D.; SOARES, ANTONIO J. G.; LUDORF, S. M. A. Lutas de representações sobre o desenvolvimento de uma prática: a educação física escolar brasileira em revista (1976-1979). **Educ. rev.**, Belo Horizonte v. 32, n. 2, p. 203-228, June 2016.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos. **Ementa da disciplina Pedagogia das Lutas**. Universidade Federal de Lavras (UFLA), OUT. 2012.

RESENDE, Tatiane Patrícia. **Representações discentes sobre a inserção e permanência de homens no curso de Pedagogia da UFLA**: entre desafios, resistências e rotas alternativas. 2018. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

REVEL, Judith. Michael Foucault conceitos essenciais. P. 96. São Carlos: **Claraluz**, 2005.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz rev. educ. fís.(Impr.)**, p. 600-610, 2009.

REVERDITO, Riller. Silva. et al. COMPETIÇÕES ESCOLARES: REFLEXÃO E AÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA FAZER A DIFERENÇA NA ESCOLA. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 18 fev. 2008.

REVERDITO, Riller Silva et al. Pedagogia do Esporte: possibilidades para o convívio com o esporte no contexto escolar. **Educação Física e seus diversos olhares. Campo Grande: Editora da UFMS**, v. 1, p. 55-76, 2016.

RODRIGUES, A. I. C. et al. Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre as lutas. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, 2017.

RODRIGUES, V. S. et al. AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 7, n. 10, p. 2-9, 2017.

RONDA ROUSEY VENCE PRIMEIRA LUTA FEMININA DA HISTÓRIA DO UFC. **O GLOBO**, 2013. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/esportes/ronda-rousey-vence-primeira-luta-feminina-da-historia-do-ufc-7659973>>. Acesso em: 25-01,2021.

ROSSETO, M.; NEUENFELDT, D. J. O ENSINO DE ARTES MARCIAIS PARA CRIANÇAS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 9, n. 3, 2017.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 323-338 June 2012. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Maio de 2020.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 145-170, jan./jun. 2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012.

RUFINO, L. G. B. Os jogos de lutas nas aulas de Educação Física escolar: possibilidades técnico-táticas e seus elementos invariantes. **RBPFEF-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 10, n. 63, p. 917-918, 2016.

_____. Fundamentos das lutas e o processo de inclusão: perspectivas pedagógicas na diversidade educativa contemporânea. **RBPFEF - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 919-920. 2016a.

_____. As lutas no contexto escolar e outros ambientes educacionais. **RBPFEF - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 914-916. 2016b.

_____. Os jogos de lutas nas aulas de Educação Física escolar: possibilidades técnico-táticas e seus elementos invariantes. **RBPFEF - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 917-918, 2016c.

_____. Trabalho e consumo, mídia e lutas: construção, implementação e avaliação de um vídeo educativo nas aulas de educação física. **Corpoconsciência**, v. 20, n. 3, p. 77-91, 2017.

RUFINO, L. G. B. Metodologia do ensino de lutas na escola – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 232 p.

SANTOS, M. A. R. dos; BRANDÃO, P. P. S. Lutas e a formação de professores de educação física: reflexos na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém - PA. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [S.l.], p. 79-87, abr. 2018.

SCAGLIA, A. J.; GOMES, M. S. P. **Projeto de Extensão - crescendo com as Lutas**. Limeira: FCA/UNICAMP, 2011

SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2017.

SILVA, G. S. et al. Cultura afro-brasileira: a capoeira na escola e na Educação Física. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 4, n. 2, p. 94-113, 2019.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, [S.l.], v. 16, n. 1, may 2015.

SOARES, I. da S.; & de OLIVEIRA, E. S. Taekwondo adaptado como prática pedagógica. **RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, 8(31), 299-301. 2016.

SOARES, T. A. S.; SOARES, I. da S.; de OLIVEIRA, E. S.; & de SOUZA, S. A. Taekwondo na Universidade Federal do Maranhão. **RBPFE - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 10(63), 893-894. 2016.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SO, M. R.; BETTI, M. Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 2, p. 555-568, 2018.

SO, M. R.; MARTINS, M. Z.; BETTI, M. As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, v. 30, n. 56, p. 29-48, 2018.

SOUZA, M. K. et al. Capoeira: luta, jogo ou dança? O impacto da grade curricular do curso de Educação Física na percepção de universitários. **RBPFE - Revista Brasileira De Prescrição E Fisiologia Do Exercício**, 11(68), 558-564. 2017.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2015.

TANI, Go. Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 1, 2007.

TAVARES, Romero. Aprendizagem significativa. **Revista conceitos**, v. 10, n. 55, 2004.

THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. CONTROLE DE SI, DOR E REPRESENTAÇÃO FEMININA ENTRE LUTADORES(AS) DE MIXED MARTIAL ARTS. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 3, p. 281, 16 fev. 2009.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte**. Brasiliense, 1999.

VAGO, Tarcisio Mauro. O "ESPORTE NA ESCOLA" E O "ESPORTE DA ESCOLA": DA NEGAÇÃO RADICAL PARA UMA RELAÇÃO DE TENSÃO PERMANENTE - UM DIÁLOGO COM VALTER BRACHT. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, dez. 1996. ISSN 1982-8918. Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2228/936> >. Acesso em: 06 maio 2021.

VALENTE, José Armando. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 139-142, Feb. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000100010&lng=en&nrm=iso>.

VELAVAN, Thirumalaisamy P.; MEYER, Christian G. The COVID-19 epidemic. **Tropical medicine & international health**, v. 25, n. 3, p. 278, 2020.

VIOLIN, D. Y. T. et al. Judô na Educação Física escolar: realidade e possibilidades. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 3, p. 1-14, 2019.

ZEICHNER, Ken. Rethinking the connections between campus courses and field experiences in college-and university-based teacher education. **Journal of teacher education**, v. 61, n. 1-2, p. 89-99, 2010.

ZOMER, B. et al. A utilização do jiu-jitsu como conteúdo na Educação Física escolar. **Ciências da Saúde**. v. 12, 2016.

APÊNDICE A- PARECER CONSUBSTANCIAL DO CEP

Continuação do Parecer: 4.614.882

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 26 de Março de 2021

Assinado por:

ALCINÉIA DE LEMOS SOUZA RAMOS
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRPICOEP

CEP: 37.200-900

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep.ninlec@ufla.br